

**A REDE DE APOIO SOCIAL DE JOVENS EM SITUAÇÃO DE
VULNERABILIDADE SOCIAL E O USO DE DROGAS**

Letícia Graziela Costa

Dissertação apresentada como exigência parcial para obtenção do Grau de Mestre em
Psicologia sob orientação da Prof^a. Dr.^a Débora Dalbosco Dell’Aglío

**Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Psicologia
Programa de Pós-Graduação em Psicologia
Janeiro, 2009.**

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família por seu carinho, apoio e amor incondicional. Vocês são meu tesouro nesta vida.

Agradeço aos meus amigos, especialmente à Caroline, Patrícia, Rita e Samia por sua dedicação e amor. Seu bom humor e paciência me ajudaram a conquistar novas profundidades de amizade, passando a ser minhas irmãs de alma.

Agradeço à professora Dra. Débora Dalbosco Dell’Aglío por ter me recebido como sua aluna, ter me ensinado a ser uma professora e uma pesquisadora. Obrigada pela sua dedicação, paciência e empenho.

Agradeço à professora Dra. Sílvia Koller por ter aceitado meu convite de ser minha relatora, por ter gentilmente cedido o banco de dados para que esta pesquisa pudesse ser realizada. Obrigada especialmente pelas aulas de Produção Científica, elas foram de extrema importância para minha vida acadêmica.

Agradeço aos professores da banca Dr. Maycoln Teodoro e Dra. Sheila Câmara, que tão atenciosamente aceitaram meu convite e contribuíram para a realização desta dissertação.

Agradeço aos amados colegas do NEPA, que me acompanharam, me incentivaram e tornaram a caminhada do processo muito mais divertida. Não poderia faltar um agradecimento especial à Carolina Menezes, com quem dividi as aulas da turma da Nutrição e as angústias das nossas próprias aulas, além das muitas comilanças.

Agradeço ao meu Deus amado, que não só tornou tudo isso possível, realizando meu sonho de estudar na UFRGS, mas que principalmente me carregou por todas as dificuldades até completar essa etapa. Sei que as minhas fontes estão em Ti, e não há outro que mereça toda a glória e honra. A ti meu amor, meus títulos, meu nome, minha vida, meu tudo!

Sumário

Lista de Tabelas.....	5
Lista de Figuras.....	6
Resumo.....	7
Abstract.....	8
Capítulo I – Introdução.....	9
Capítulo II - A Rede de Apoio Social de Jovens em Situação de Vulnerabilidade Social	11
2.1 Fatores de Risco e Proteção.....	11
2.2 A Rede de Apoio Social.....	13
2.3 Método.....	20
2.3.1 Delineamento.....	21
2.3. 2 Participantes.....	21
2.3. 3 Instrumento.....	21
2.3. 4 Procedimentos.....	21
2.4 A Rede de Apoio Social dos Jovens Brasileiros: Resultados.....	23
2.5 Rede de Apoio: Família, Escola, Comunidade e Pares.....	25
2.6 Discussão.....	33
2.7 Considerações Finais.....	37
Capítulo III – Jovens em Situação de Vulnerabilidade Social: A Rede de Apoio e o Uso de Drogas.....	39
3.1 Drogas.....	41
3.2 Método.....	43
3.2.1 Delineamento.....	43
3.2.2 Participantes.....	44
3.2.3 Instrumento.....	44
3.2.4 Procedimentos.....	45
3.3 Resultados.....	46

3.4 Discussão.....	52
3.5 Considerações Finais.....	58
Capítulo IV. Conclusões.....	61
Referências.....	64
Anexos.....	73
Anexo A. Questionário Biosociodemográfico.....	73
Anexo B. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	93

Lista de Tabelas

Tabela 1. <i>Percentual de Procedência das Amizades por Sexo e Faixa Etária.....</i>	27
Tabela 2. <i>Percentual de Procedência das Amizades por Renda Familiar em Salários Mínimos.....</i>	27
Tabela 3. <i>Tipo de Apoio que os Amigos Devem Dar Quanto ao Sexo e Faixa Etária.....</i>	28
Tabela 4. <i>Tipo de Apoio que os Amigos Devem Dar Quanto à Renda Familiar em Salários Mínimos.....</i>	29
Tabela 5. <i>Tipo de Apoio que Recebe dos Amigos Quanto ao Sexo e Faixa Etária.....</i>	30
Tabela 6. <i>Tipo de Apoio que Recebe dos Amigos Quanto à Renda Familiar.....</i>	30
Tabela 7. <i>Tipo de Apoio que Dão aos Amigos Quanto ao Sexo e Faixa Etária.....</i>	31
Tabela 8. <i>Tipo de Apoio que Dão aos Amigos Quanto à Renda Familiar em Salários Mínimos.....</i>	31
Tabela 9. <i>Frequências e Percentuais de Experimentação e Uso de Drogas no Ano e no Mês.....</i>	47
Tabela 10. <i>Frequências e Percentuais quanto ao Uso de Substâncias por Sexo no Último Mês.....</i>	48
Tabela 11. <i>Frequências e Percentuais de Motivos para Usar Drogas por Sexo.....</i>	48
Tabela 12. <i>Frequências e Percentuais de Tentativas de Parar o Uso de Substâncias por Tipo de Substância.....</i>	49
Tabela 13. <i>Frequências e Percentuais quanto às Fontes de Apoio para Cessar o Uso de Substâncias.....</i>	49
Tabela 14. <i>Frequências e Percentuais Quanto aos Motivos para Parar de Usar Drogas</i>	50
Tabela 15. <i>Frequências e Percentuais referentes aos Motivos para Nunca Terem Usado Drogas.....</i>	51
Tabela 16. <i>Médias dos Tipos de Apoio entre Jovens que Usam e não Usam Bebida Alcoólica.....</i>	51
Tabela 17. <i>Médias dos Tipos de Apoio entre Jovens que Usam e não Usam Cigarro.....</i>	52
Tabela 18. <i>Médias dos Tipos de Apoio entre Jovens que Usam e não Usam Drogas Ilícitas</i>	52

Lista de Figuras

Figura 1. Percentual da renda em salários-mínimos.....	24
Figura 2. Distribuição dos participantes por série.....	25

Resumo

Esta dissertação teve o objetivo de investigar a rede de apoio em jovens brasileiros em situação de vulnerabilidade social e a relação com o uso de drogas, através de dois estudos. As análises foram feitas a partir da base de dados da Pesquisa Nacional sobre Fatores de Risco e Proteção da Juventude Brasileira, desenvolvida em sete capitais e cidades de médio porte no Brasil (Koller, Cerqueira, Santos, Morais & Ribeiro, 2005). Foram analisados 7316 questionários respondidos por jovens entre 14 e 24 anos, de nível socioeconômico baixo, de ambos os sexos. O primeiro estudo, de caráter exploratório inferencial, avaliou a rede de apoio social dos jovens, investigando família, escola, pares e comunidade. Observou-se diferenças na percepção de rede de apoio conforme a renda e o sexo: entre os participantes de maior renda houve uma percepção de maior apoio da família, e entre os de menor renda maior percepção de apoio da comunidade; e as meninas apresentaram maior percepção de apoio e mais amigos na escola e os meninos referiram maior apoio da comunidade e mais amizades na rua e no bairro. O segundo estudo, também exploratório inferencial, investigou a relação entre a rede de apoio social e o uso de drogas. Foi identificada elevada incidência de uso de drogas (78,9%), com diferenças significativas de gênero, sendo que os meninos usavam mais álcool e drogas ilícitas. Os apoios familiar, escolar e da comunidade apresentaram associação significativa com o uso de drogas, sendo que as médias mais altas de apoio estavam associadas ao não uso de drogas. Entretanto, não se pode determinar a direção desta relação. Conclui-se que a rede de apoio é um fator de proteção importante e sua relação com o uso de drogas entre os jovens deve ser mais bem investigada.

Abstract

This dissertation aims to investigate the network support of the youth Brazilian in situation of social vulnerability and its relation to drug use through two studies. The analysis were made from the database of the Nation Research on Risk and Protection Factors of the Brazilian Youth, developed in seven capitals and cities of medium size in Brazil (Koller, Cerqueira, Santos, Moraes & Ribeiro, 2005). It was analyzed 7316 questionnaires answered by young people of ages between 14 and 24 years, of low socioeconomic status, from both genders. The first study, an inferencial exploratory one, evaluated the social network support of the youth, investigating the family, school, peers and community. Differences in the perception of the network support, income and gender were observed: between the participants with higher income there were higher perceptions of family support, and between those with lower income a higher perception of community support; the girls showed a higher perception of support and friends from school and the boys referred higher support from the community and friends from the streets and the neighborhood. The second study is also an inferencial exploratory, investigated the relation between the social network support and the drug use. High rates of drug use were identified (78,9%), with significant gender differences, considering boys used more alcohol and illicit drugs. The family, school and community support showed significant association with drug use, considering the highest support mediums were associated with no drug use. However, we can't determine the direction of this relation. It concludes the network support is an important protection factor and its relation to drug use among the youth must be more investigated.

Capítulo I

Introdução

A presente dissertação investigou a rede de apoio social em jovens brasileiros em situação de vulnerabilidade social e o uso de drogas. A pesquisa divide-se em dois estudos, o primeiro trata-se de um estudo descritivo da rede de apoio e do perfil dos participantes, e o segundo avalia a presença da rede de apoio e sua relação com o uso de drogas entre estes jovens.

A rede de apoio social refere-se à rede de relações próximas e significativas que os indivíduos estabelecem, as quais representam o apoio percebido e recebido pelos indivíduos (Brito & Koller, 1999). Ela pode ser composta por diferentes domínios, como família, escola, pares e comunidade. A rede de apoio serve como fator de proteção, pois promove o desenvolvimento de estratégias de enfrentamento em situações de adversidade, moderando a relação entre o risco e o desenvolvimento dos sujeitos (Antunes & Fontaine, 2005; Siqueira, Betts & Dell'Aglio, 2006).

Os fatores de risco assim como os fatores proteção envolvem características pessoais e ambientais, que podem favorecer ou dificultar o desenvolvimento e influenciar no modo de interação com o mundo (Koller, 2000; Paludo & Koller, 2005). Um dos fatores de risco associado à juventude é o uso de drogas, que tem aumentado entre os jovens. O uso de drogas lícitas e ilícitas prejudica o desenvolvimento biopsicossocial dos indivíduos, além de estar relacionado a outros fatores de risco como vulnerabilidade social, baixo desempenho escolar, baixa auto-estima e relações sociais pobres (Pechansky, Szobot & Scivoletto, 2004).

A partir desta dissertação foi possível investigar a rede de apoio social em jovens brasileiros em situação de vulnerabilidade social, analisando os domínios da família, escola, pares e comunidade, o perfil dos jovens e a relação entre o uso de drogas e a rede percebida por estes. A motivação para esta pesquisa surgiu da confluência de interesses acadêmicos e profissionais em investigar as relações entre jovens, família e uso de drogas, partindo da experiência profissional da pesquisadora nesta temática desde a graduação até o presente momento. Durante a graduação houve um envolvimento em pesquisa com crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social e uma aproximação com a teoria bioecológica de Bronfenbrenner (1979/1996). A especialização em terapia sistêmica foi desenvolvida em torno do tema cuidado informal, que tratava de questões de apoio social,

envolvendo também a prática de atendimento com famílias, adolescentes e usuários de drogas. E, o mestrado veio a complementar esta linha compreendendo os elementos principais de pesquisa até então investigados.

Esta pesquisa está vinculada à Pesquisa Nacional sobre Fatores de Risco e Proteção da Juventude Brasileira, ainda em andamento em sete capitais brasileiras e três cidades de médio porte (Koller, Cerqueira-Santos, Morais & Ribeiro, 2005). A pesquisadora não participou da elaboração do projeto e nem da coleta de dados, sendo que o banco de dados foi cedido para análise pela coordenadora do projeto. A partir do banco de dados foram realizadas análises descritivas e inferenciais, considerando as informações biosociodemográficas dos participantes e aquelas referentes à rede de apoio e uso de drogas.

O capítulo “A Rede de Apoio Social de Jovens em Situação de Vulnerabilidade Social” compreende um estudo descritivo da rede de apoio de jovens brasileiros nos domínios família, escola, pares e comunidade. Através deste estudo procurou-se identificar a percepção dos jovens sobre a sua rede de apoio nos diferentes domínios, considerando as variáveis sexo, faixa etária e renda familiar.

O capítulo “Jovens em Situação de Vulnerabilidade Social: A Rede de Apoio e o Uso de Drogas” apresenta um estudo exploratório inferencial, que investigou as relações entre a rede de apoio social percebida e o uso de drogas entre jovens brasileiros em situação de vulnerabilidade social. Foram realizadas análises descritivas e inferenciais, considerando os dados biosociodemográficos dos participantes e aquelas referentes à rede de apoio e uso de drogas.

Após a apresentação dos capítulos, segue a conclusão desta dissertação, em que são retomadas as questões de pesquisa e integrados os resultados principais de cada estudo. Além disso, são apresentadas sugestões de novas pesquisas englobando as questões analisadas nesta dissertação.

Capítulo II

A Rede de Apoio Social de Jovens em Situação de Vulnerabilidade Social ¹

O presente capítulo visa a analisar o tema da rede de apoio social, focando a juventude em situação de vulnerabilidade social. Será apresentada uma breve revisão teórica sobre os fatores de risco e proteção no desenvolvimento e as redes de apoio social, abrangendo os domínios família, escola, pares e comunidade. Em seguida serão apresentados os dados da pesquisa empírica com jovens brasileiros em situação de vulnerabilidade social.

A rede de apoio é considerada um importante fator de proteção, especialmente nas primeiras fases de desenvolvimento. Esta rede pode ser composta pela família, escola, pares e comunidade, oferecendo aos adolescentes o apoio necessário para lidar com situações adversas e proporcionar ambientes adequados ao desenvolvimento. Neste sentido, é necessário considerar os fatores de proteção assim como os fatores de risco presentes nos diferentes contextos, os quais podem favorecer ou dificultar o desenvolvimento e influenciar no modo de interação com o mundo.

2.1 Fatores de Risco e Proteção

Existem fatores que podem contribuir para um desenvolvimento seguro e saudável, denominados fatores de proteção, bem como fatores que interferem de forma negativa nesse processo, os fatores de risco. Fatores de risco são as condições ou variáveis que estão associadas a maior probabilidade de gerar resultados negativos e indesejados no desenvolvimento humano, envolvendo comportamentos que comprometem a saúde, o bem-estar ou o desempenho social (Jessor, Van Den Bos, Vanderryn, Costa & Turbin, 1995).

Os fatores de risco podem ser individuais e ambientais. Os riscos ambientais referem-se a situações de vulnerabilidade socioeconômica, famílias numerosas, violência intrafamiliar, abuso e ausência de apoio social e afetivo, isolamento, desemprego e baixa escolaridade (Koller, 2000, Paludo & Koller, 2005; Siqueira, Betts & Dell’Aglío, 2006). Os fatores de risco individuais correspondem às variáveis de personalidade, problemas genéticos,

¹ Este capítulo foi submetido como capítulo para o Livro “Adolescência e Juventude: Risco e Proteção na Realidade Brasileira”, editado pela Casa do Psicólogo, no prelo.

habilidades sociais e intelectuais pobres, baixa auto-estima e autoeficácia, deficiência física e intelectual e história de abuso (Koller, 2000; Paludo & Koller, 2005).

Assim como existem os fatores negativos existem também os fatores positivos, de proteção ao desenvolvimento dos indivíduos. Os fatores de proteção são aqueles que proporcionam um ambiente favorável ao desenvolvimento e diminuem a incidência e gravidade de resultados negativos frente aos fatores de risco (Paludo & Koller, 2005). Os fatores de proteção para crianças e adolescentes podem ser classificados em três tipos: 1) individuais, nas disposições positivas de personalidade; 2) familiares, um ambiente que ofereça apoio emocional e social; e 3) rede de apoio, com a presença de outros sistemas externos de apoio (Masten & Garmezy, 1985). Eles têm a função de: 1) reduzir o impacto dos riscos, alterando a exposição à situação adversa; 2) reduzir as reações negativas em cadeia, seguintes à exposição; 3) estabelecer e manter a auto-estima e a autoeficácia, através de relações de apego seguro; e 4) criar oportunidades para reverter efeitos de estresse (Pesce, Assis, Santos & Oliveira, 2004).

Para Garmezy e Masten (1994) são considerados fatores de proteção oportunidades educacionais: presença na escola, posições de liderança, influência positiva dos pais, demandas por desenvolvimento na *performance* e bom desempenho; na comunidade: disponibilidade de serviços sociais, baixas taxas de delinquência no bairro, afastamento da delinquência; e na família: coesão, amor parental, consistência disciplinar, supervisão parental, relação conjugal positiva e estável entre os pais e ser proprietário de moradia.

Alguns fatores de risco e proteção são associados à adolescência. Jessor et al. (1995), investigando o comportamento-problema, dividiram os fatores de risco em sistemas: sistema de personalidade, sistema ambiental percebido e sistema comportamental. Entre os fatores de risco no sistema de personalidade encontram-se: baixas expectativas de sucesso, baixa auto-estima e senso geral de desesperança pela vida. No sistema ambiental percebido configuram fatores de risco: ter amigos que apresentam comportamento delinquentes e influência dos amigos maior do que a dos pais; e pelo sistema comportamental: o pobre desempenho escolar. Os fatores de proteção, por sua vez, são sete, ordenados nos mesmos sistemas: a) no sistema de personalidade, orientação positiva à escola, orientação positiva para a saúde e atitudes intolerantes aos comportamentos desviantes; b) no sistema ambiental percebido, relações positivas com adultos, percepção de fortes controles sociais e sanções às transgressões, conhecimento de amigos que apresentam comportamento convencional modelo; e c) do sistema comportamental, o envolvimento em comportamentos pró-sociais, como trabalho voluntário e atividades familiares.

Dessa forma, a presença de fatores de proteção tem sido associada à diminuição de comportamentos-problema na adolescência, mesmo que existam muitos fatores de risco presentes ao longo do desenvolvimento. Portanto, os fatores de proteção têm caráter moderador no desenvolvimento humano (Jessor et al., 1995). Entre estes, pode-se destacar a rede de apoio social, apontada por diferentes autores como um dos mais fundamentais fatores de proteção na infância e adolescência (Andrade & Vaitsman, 2002; Siqueira et al., 2006).

2.2 A Rede de Apoio Social

Dentre os fatores de proteção, o apoio social é o que mais se destaca por exercer grande influência positiva no desenvolvimento do ser humano. O apoio social é considerado a interface entre o sujeito e o sistema social do qual ele participa (Garmezy & Masten, 1994). O conceito de apoio social remete aos aspectos positivos das relações sociais, em compartilhar informações, auxílio em momentos de crise e a presença em eventos sociais (Andrade, Chor, Faerstein, Griep, Lopes & Fonseca 2005; Andrade & Vaitsman, 2002; Chor, Griep, Lopes & Faerstein, 2001). O apoio social tem uma característica de diminuir ou abafar os efeitos do estresse (Bao, Haas & Pi, 2007) e refere-se ao grau em que as relações interpessoais atendem a determinadas necessidades ou funções (Lever & Martinez, 2007; Sherbourne & Stewart, 1991).

O apoio social refere-se às relações e aos vínculos estabelecidos, bem como a sua manutenção (Siqueira et al., 2006). O apoio social de um ou mais grupos caracteriza a interface entre o indivíduo e o sistema social, cuja finalidade é auxiliar a pessoa na adaptação a determinadas situações, como estresse, ajustamento social, enfermidades e a própria adolescência (Antunes & Fontaine, 2005; Siqueira et al., 2006).

Os apoios sociais e afetivos incrementam os recursos da pessoa para lidar com as situações da vida (Brito & Koller, 1999) e ambos estão associados à percepção da pessoa sobre seu mundo social, estratégias, competências e recursos para estabelecer e manter vínculos (Siqueira et al., 2006). Estudos referem que sujeitos que percebem altos níveis de apoio social apresentam adequada auto-estima, autoconfiança, e também desenvolvem estratégias mais adaptativas para lidar com situações adversas (Lever & Martínez, 2007). O apoio social pode ser considerado como uma exigência para o desenvolvimento, a fim de ajudar o indivíduo a adaptar-se ao meio.

O apoio é dividido de diferentes formas na literatura, de acordo com suas funções: a) emocional, refere-se ao apoio recebido pela confiança, compartilhar sentimentos e problemas;

b) informacional, através de conselhos e informações; c) instrumental ou material, como ajuda em caso de doença e tarefas diárias; d) afetivo, em manifestações de afeto e amor, como dar um abraço; e e) interação positiva, através de atividades prazerosas conjuntas, como diversão, por exemplo (Andrade et al., 2007; Avanci, Assis, Santos & Oliveira, 2005; Chor et al., 2001; Pesce et al., 2004). Alguns autores sugerem a unificação de apoio afetivo e emocional, pois ambos referem-se a aspectos semelhantes de interação (Siqueira et al., 2006; Wills, Blechman & McNamara, 1996), por tratarem da qualidade e manutenção dos vínculos. Portanto, podem-se considerar três tipos fundamentais: o apoio emocional, instrumental e informacional, apontados na literatura como os mais relevantes para adolescentes (Antonucci & Jackson, 1987; Wills et al., 1996).

O desenvolvimento de relações que possuam caráter de apoio gera a interação entre grupos, o que forma uma rede. A rede de relações é definida como um conjunto de pessoas em uma população e suas conexões (Barbosa, Byington & Struchiner, 2000). A rede social é definida como uma teia de relações que circundam o indivíduo, grupos de pessoas com quem há contato ou alguma forma de participação (Chor et al., 2001). A rede de apoio social, no entanto, considera o caráter de apoio oferecido pela rede de relações, sendo este um fator diferencial do conceito. A rede de apoio social refere-se ao conjunto de relações sociais próximas e significativas, que representam o apoio percebido e recebido pelos indivíduos (Brito & Koller, 1999; Siqueira, et al., 2006). Ao considerar os tipos de apoio, estes podem ser divididos em sociais (informativo, material e de interação) e afetivos (emocional e afetivo), o que gera o conceito de rede de apoio social e afetiva (Siqueira et al., 2006).

A rede de apoio social e afetiva é entendida como a relação entre recursos pessoais, profissionais e institucionais, com o fim de oferecer suporte aos indivíduos, especialmente em situação de risco (Paludo & Koller, 2005). Esta rede é dinâmica, multifacetada e refere-se ao apoio recebido e percebido nas relações significativas que a pessoa mantém ao longo da vida, independente da constância destas (Brito & Koller, 1999; Siqueira et al., 2006). Serve como fator de proteção, pois desenvolve a capacidade de enfrentamento frente a adversidades, promovendo resiliência e o desenvolvimento de estratégias de *coping* (Pinheiro, 2004; Siqueira et al., 2006). Ela modera a relação entre os riscos e o desenvolvimento dos indivíduos, contribuindo para a construção de sentimentos de auto-estima, autoeficácia e motivação (Antunes & Fontaine, 2005; Reppold & Hutz, 2002). O estabelecimento dessa rede é delimitado por crenças individuais sobre dar e receber ajuda, bem como pelas características de personalidade e auto-estima dos indivíduos (Lever & Martínez, 2007).

Para compreender esse fenômeno de interação entre pessoa e ambiente é necessário recorrer à teoria Bioecológica de Bronfenbrenner (2005), expressando que as interações modulam e são moduladas pelos sistemas compreendidos como ambiente ecológico, composto por uma série de estruturas encaixadas, expressas na ideia de sistemas que se sobrepõem. Essas estruturas são divididas em micro, meso, exo e macrosistemas (Bronfenbrenner, 1979/1996; Bronfenbrenner, 2005). O microsistema é o sistema em que se encontram as questões individuais de personalidade e as relações de convivência direta, como a família. O conjunto de microsistemas forma o mesossistema, composto por escola, família extensa e os ambientes onde a pessoa participa e dos quais recebe influência direta. Os ambientes que influenciam indiretamente a pessoa, como governos, direções e conselhos constituem o exossistema, enquanto valores, ideologias, cultura, estilo de vida e nível socioeconômico caracterizam o macrosistema. Todos esses níveis podem oferecer apoio, formando uma rede (Bronfenbrenner, 2005; Narvaz & Koller, 2004).

A rede de apoio é encontrada no mesossistema de relações dos indivíduos, onde convergem os microsistemas família, escola, pares e comunidade (Brito & Koller, 1999). Essa rede é evolutiva da pessoa em seu ambiente ecológico, se constrói e se transforma à medida que os indivíduos se desenvolvem, proporcionando aprendizado de novas estratégias e suporte advindo de diferentes meios e pessoas, em tempos e locais também diferentes (Brito & Koller, 1999; Bronfenbrenner, 1979/1996).

Na rede de apoio social o elemento mais importante é a qualidade das relações, que influencia o desenvolvimento de comportamento de suporte, e também condiciona o grau de apego, integração social, autovalorização e orientação (Brito & Koller, 1999). As redes são avaliadas a partir da quantidade de elos da pessoa com o ambiente, a frequência de transações, a percepção subjetiva de apoio recebido e satisfação com este (Antonucci & Jackson, 1987).

Brito e Koller (1999) assinalam que as redes de apoio social são avaliadas quanto a três aspectos distintos: a) número de elos da pessoa com o ambiente, b) transações de reciprocidade, e c) avaliação subjetiva quanto à satisfação com esses elos e a percepção da intimidade com os integrantes da rede. Alguns autores (Bass & Stein, 1997; Brito & Koller, 1996) assinalam que a avaliação da rede de apoio social e afetiva deve ser feita de forma longitudinal considerando que a rede é dinâmica e relaciona-se com experiências de envolvimento continuadas através de gerações.

A rede de apoio social e afetivo tem sido avaliada através de diferentes instrumentos, questionários e entrevistas. O Mapa dos Cinco Campos avalia a estrutura e a função da rede de apoio de crianças, adolescentes e adultos, considerando quantidade e qualidade dos

vínculos estabelecidos na rede (Hoppe, 1998; Mayer, 2002; Samuelsson, Thernlund & Ringström, 1996; Siqueira et al., 2006). Esse instrumento foi utilizado com crianças em situação de risco, e fornece dados importantes sobre a percepção da criança sobre seu mundo social de uma forma lúdica (Brito & Koller, 1996).

O Modelo de Escolta Social, conceitualizado por Kahn e Antonucci (1980), reformulado por Antonucci e Jackson (1987), propõe a avaliação da rede de apoio social e afetiva na forma de um diagrama com três círculos concêntricos e hierárquicos. Os círculos representam o grau de proximidade com os integrantes da rede, sendo que no centro encontram-se as pessoas mais significativas. Esse modelo identifica as relações sociais e afetivas próximas e significativas, baseadas no apoio (Brito & Koller, 1996).

Existem escalas que avaliam o apoio social em domínios específicos: a Escala de Percepção da Relação com a Família (Peixoto, 1999), avalia o apoio familiar; e a *Social Support Appraisals (SSA)* (Antunes & Fontaine, 2005), que amplia a avaliação para os grupos sociais. Antunes e Fontaine (2005) confirmaram as qualidades psicométricas multidimensionais da *SSA*, diferenciando a percepção de apoio social dos adolescentes em relação à família, amigos e professores e a consistência das subescalas.

De acordo com Bass e Stein (1997), a literatura internacional lista, principalmente, dois tipos de questionários para avaliação da rede de apoio social: a *Social Support Questionnaire (SSQ)* de Sarason, Sarason, Shearin e Pierce (1987); e a *Social Network List (SNL)*, desenvolvida por Hirsch (1979). A *SSQ* foi criada para quantificar as dimensões de apoio percebido e a satisfação com este, avaliando as relações de troca, enquanto a *SNL* enumera os membros da rede de apoio, propondo uma média de 20 membros que sejam considerados significativos e cujo contato médio com o indivíduo ocorra entre quatro a seis semanas, avaliando a partir da percepção de intimidade. Semelhantemente à *SNL*, o modelo de Escolta Social também propõe uma lista mínima de 10 pessoas significativas a serem enumeradas pelos indivíduos (Brito & Koller, 1996).

As maiores fontes de apoio citadas na literatura são a família, a escola, os pares e a comunidade. Elas compõem a rede de apoio que sustenta o desenvolvimento de crianças e adolescentes (Bao et al., 2007; Brito & Koller, 1996). A forma como esta rede se organiza, o tipo de apoio que oferece, o tipo de apoio que os jovens percebem receber e efetivamente recebem desta rede é o que assinala a sua efetividade como fonte de apoio.

A primeira rede de apoio social é formada pelo microsistema familiar (Brito & Koller, 1999; Siqueira et al., 2006). É nela que são formados os primeiros vínculos, onde a criança aprende a se relacionar com o mundo e desenvolver laços afetivos. Antunes e

Fontaine (2005) apontam a família como o contexto primordial para desenvolver o sentimento de bem-estar. Wills et al. (1996) afirmam que o apoio familiar é caracterizado por uma comunicação efetiva, contribuindo para as habilidades adaptativas através do desenvolvimento de competências e protegendo de eventos adversos. Uma comunicação familiar efetiva pode gerar nos indivíduos maior destreza para lidar até mesmo com situações muito adversas. Assim, o apoio familiar pode ser efetivo na redução do impacto resultante da exposição a eventos de vida estressores.

Entretanto, durante a adolescência ocorrem alterações nas relações familiares entre todos os membros, considerando as mudanças físicas, cognitivas e sociais, que ocorrem nesse período da vida. Steinberg (2000) afirma que os conflitos não são inerentes à adolescência, mas são resultados da forma como as famílias lidam com o desenvolvimento de seus membros. Enquanto conflitos e estresse podem ser comuns em famílias com adolescentes com depressão e transtornos de conduta, os conflitos não são uma regra para todas as famílias. Bronfenbrenner (2005) assinala que as pessoas interferem no comportamento umas das outras gerando reações compatíveis, e é na interação que se constrói o desenvolvimento desejado.

Os conflitos de gerações são encontrados na medida em que existe a dificuldade de negociação entre as diferentes expectativas de pais e filhos sobre a adolescência. O que ocorre não é somente uma diferença de opiniões, mas um modo diferente de perceber os conflitos que são instaurados e definidos (Steinberg, 2000). A maneira como os pais interpretam o comportamento dos filhos e seu estilo parental influenciam no desempenho acadêmico, no desenvolvimento de transtornos do humor, de autoconfiança e auto-estima, e em comportamentos delinquentes e uso de drogas dos filhos. O comportamento de pais e irmãos também exerce grande influência no comportamento do indivíduo. A relação que se estabelece entre os irmãos afeta e é afetada pelos padrões de interação familiar e, ao mesmo tempo, a qualidade da relação entre os irmãos pode ser entendida como um reflexo dos padrões de interação na família (Gomes & Bosa, 2004).

A estrutura familiar pode mudar a qualidade e a quantidade de apoio percebido e recebido pelos jovens. A pesquisa de Wills et al. (1996) assinala que famílias com diferentes estruturas apresentaram maiores índices de uso de drogas entre adolescentes. A separação pode afetar a habilidade parental por preocupação com problemas financeiros ou emocionais, afetando também as competências acadêmicas e sociais dos filhos.

Belgrave (2002), em estudo com meninas adolescentes, ressaltou que o senso de bem-estar, auto-estima e autoconceito, além de relacionamento próximo com a família, ajudam as meninas durante a adolescência, na procura por maior afiliação e relacionamentos

interpessoais. Quando os relacionamentos em casa não são satisfatórios, existe a tendência a buscar outros espaços para que as necessidades de relacionamento sejam supridas, o que pode facilitar relacionamentos de proteção e também de risco.

Assim, entende-se que o papel dos pais tem grande influência no comportamento dos filhos e na composição de suas redes de apoio. O microsistema familiar é um agente socializador importante, e é a partir dele que as crianças e os adolescentes desenvolvem outras interações, ampliando a rede no seu mesossistema e envolvendo a escola, amigos e a comunidade como novas fontes de apoio (Brito & Koller, 1999).

A escola também constitui um contexto importante para o desenvolvimento da relação com professores e pares. O microsistema escolar é um lugar que proporciona a aprendizagem formal, o desenvolvimento cognitivo, e também onde os jovens desenvolvem habilidades sociais, de convivência, possibilitando o desenvolvimento emocional e moral (Lisboa & Koller, 2004). O movimento de ampliação dos microsistemas de interação, abrindo espaço para escola e pares, constitui a possibilidade de desenvolver uma identidade social, agora com os papéis aluno(a), amigo(a), além do papel de filho(a) e irmão(ã) (Lisboa & Koller, 2004). A participação na escola é entendida como um fator de proteção quando esta proporciona relacionamentos positivos, que estimulam a auto-estima e a auto-eficácia dos adolescentes.

A relação com professores é considerada importante para o desenvolvimento do autoconceito escolar e auto-estima, e as amigas, por sua vez, são assinaladas como facilitadoras da socialização e da construção de identidade (Antunes & Fontaine, 2005). Para estes autores, a relação dos adolescentes com os pares se limita ao lazer, enquanto que a relação com os pais é mais importante frente às relações pessoais e escola. Entretanto, em termos de desempenho, o baixo rendimento escolar constitui risco aos adolescentes, pois pode refletir o desapego à escola, diminuir as expectativas de sucesso em outras áreas da vida, como o trabalho, e pode também ter impacto negativo na autoestima e contribuir para um senso pessoal de desesperança (Jessor et al., 1995).

As amigas compõem outro lugar para a busca de afiliação e relações pessoais, enfatizando um caráter social. De acordo com Allan (1998), a amizade é um laço de qualidade, baseado na reciprocidade e na busca por iguais, a fim de moldar a identidade social das pessoas, principalmente na adolescência. Os laços de amizade são inerentemente sociais, baseados em padrões socioeconômicos e influenciados pelo contexto no qual o indivíduo se desenvolve. O grau de popularidade dos amigos determina a influência que exercerão nos adolescentes mais jovens.

A amizade tem sido conceitualizada como uma relação de apoio e intimidade mútua (Antunes & Fontaine, 2005), cuja escolha é influenciada pelo comportamento dos pais, seja por alguém diferente seja por alguém semelhante em termos comportamentais (Musito, Jiménez & Murgui, 2007). Os amigos podem ser escolhidos por questões de desejabilidade social ou para suprir alguma falta que seja encontrada na família (Steinberg, 2000). Estas escolhas seguem os mesmos padrões aprendidos na família, tanto com os pais quanto com os irmãos e as suas próprias amizades.

As relações que se originam em grupos de convivência afetiva com outros significativos, como amizades, família e escola, são capazes de oferecer apoio e aumentar os recursos dos indivíduos. O apoio emocional desenvolvido através da relação com os pares proporciona a criação de novas estratégias adaptativas, aumentando a eficácia de recursos pessoais e sociais dos adolescentes para lidar com situações adversas (Siqueira et al., 2006; Steinberg, 2000). No entanto, adolescentes com alto nível de atividades sociais com pares e baixo nível de apoio de adultos são mais vulneráveis aos efeitos de modelagem dos amigos e ao uso de drogas (Wills et al., 1996).

Outros espaços contribuem para o desenvolvimento dos adolescentes, como a escola e serviços da comunidade, que podem assumir características tanto de proteção quanto de risco para os jovens (Chaves, Guirra, Borrione & Simões, 2003; Siqueira et al., 2006). Os grupos comunitários podem atuar como fatores de proteção na rede de apoio de forma preventiva ou interventiva (Andrade & Vaitsman, 2002; Koller, 2000). A possibilidade de envolvimento comunitário é entendida como fator promotor de aumento da confiança pessoal, satisfação de vida, capacidade para enfrentar problemas e desenvolvimento de maior autoestima (Andrade & Vaitsman, 2002). A atuação dos grupos com adolescentes de forma preventiva proporciona o diálogo e cria novos tipos de vínculos com a comunidade (Belgrave, 2002). A comunidade também pode ser útil para famílias em situação de extrema pobreza, onde instituições como abrigos e locais para o cumprimento de medidas sócio-educativas são considerados opções de moradia e cuidado de adolescentes (Siqueira et al., 2006).

As comunidades exercem um papel importante nas famílias e no desenvolvimento dos indivíduos. Hay, Fortson, Hollist, Altheimer e Schaible (2007) investigando a influência da pobreza na delinquência juvenil, concluíram que a pobreza é uma das causas da delinquência num nível individual, mas a natureza dessa relação é mais complicada, envolvendo o contexto do desenvolvimento. O nível de pobreza da comunidade na qual a família está inserida relaciona-se aos efeitos da pobreza familiar.

As pessoas que se desenvolvem em contextos socioeconômicos desfavorecidos utilizam estratégias para lidar com situações de vulnerabilidade como recorrer ao auxílio da família extensa como parte do microssistema, para ajudar na tarefa da criação dos filhos (Gomes & Bosa, 2004). O suporte social diminui a probabilidade de comportamentos disfuncionais em famílias de diferentes níveis socioeconômicos, sendo especialmente importante em classes menos favorecidas (Andrade & Vaitsman, 2002). Entretanto, o nível socioeconômico pode ser considerado um fator de risco, pois a pobreza diminui o repertório de recursos de *coping* e restringe ou inviabiliza o acesso à pré-escola, locais de divertimento e desenvolvimento psicossocial. A pobreza também facilita o acesso a drogas e a presença em ambientes considerados inapropriados para adolescentes (Hay et al., 2007).

A pobreza pode ser considerada como um fator estressor crônico devido à quantidade e frequência de situações e grandes demandas de estratégias. Lever e Martínez (2007), em pesquisa sobre a percepção do apoio social em população com baixo nível socioeconômico, identificaram a principal fonte de apoio como os pais e a família, em segundo lugar a igreja e a religião e, em terceiro lugar os amigos e vizinhos. Os autores dividiram a amostra em pobres, pobres moderados e pobres extremos, o que demonstrou diferenças na percepção de apoio. Os pobres recebiam mais apoio da família de origem e extensa, da igreja e da religião; os pobres moderados, de amigos e vizinhos; e os pobres extremos foram os que menos perceberam apoio destas fontes. Os pobres extremos percebem mais a ajuda de amigos e de pessoas do bairro, da comunidade em geral.

Famílias com problemas financeiros têm sua interação modificada pela preocupação com o sustento, carga horária de trabalho e disponibilidade para ficar com os filhos, o que dificulta o apoio parental e familiar (Wills et al., 1996). O nível socioeconômico, a evasão e defasagem escolar, a falta de informação e diálogo na família são citados como fatores de risco para o uso de drogas entre adolescentes (Sanchez, Oliveira & Nappo, 2005). A pobreza de relações sociais, a inadequação e a inviabilização delas por alguma razão constituem fator de risco para o desenvolvimento biopsicossocial dos indivíduos (Andrade & Vaitsman, 2002).

Considerando a relevância da rede de apoio na vida dos adolescentes, esta pesquisa investigou a rede de apoio social e afetiva de jovens brasileiros, em situação de vulnerabilidade social, analisando diferentes domínios.

2.3 Método

2.3.1 Delineamento

Este estudo consistiu em uma pesquisa de caráter exploratório inferencial, que investigou a percepção dos jovens sobre a sua rede de apoio na família, escola, comunidade e pares; e as diferenças na percepção da rede de apoio, considerando as variáveis: sexo, idade e renda familiar. Esta pesquisa está vinculada à Pesquisa Nacional sobre Fatores de Risco e Proteção da Juventude Brasileira, realizada em sete capitais brasileiras e três cidades de médio porte (Koller, Cerqueira-Santos, Morais & Ribeiro, 2005). A partir do banco de dados foram realizadas análises descritivas e inferenciais, considerando as informações biosociodemográficas dos participantes e aquelas referentes à rede de apoio social.

2.3.2 Participantes

Participaram deste estudo 7316 jovens de ambos os sexos, com idades entre 14 e 24 anos, de nível socioeconômico baixo, residentes em sete capitais e três cidades brasileiras (São Paulo, Porto Alegre, Belo Horizonte, Campo Grande, Recife, Distrito Federal, Presidente Prudente, Arcos, Manaus e Maués). Os jovens apresentaram a idade média de 16,19 anos ($SD=1,82$), entre os quais 45,6% eram do sexo masculino e 54,3% do sexo feminino. Destes, 38,1% eram brancos, 15,8% negros, 36,6% pardos, 3,9% amarelos e 3,4% indígenas. O estado civil predominante na amostra foi de solteiros (91,7%).

2.3.3 Instrumento

O instrumento utilizado consistiu em um questionário de dados biosociodemográficos e um levantamento de fatores de risco e proteção baseado em escalas utilizadas em outras pesquisas do CEP-RUA/UFRGS, desenvolvido por Koller et al. (2006). O instrumento conteve 109 questões ou afirmações, de múltipla escolha, sob a forma de autopreenchimento, baseadas em escalas preexistentes como: Escala de Auto-Estima de Rosenberg (1989), Afeto Positivo e Negativo para Crianças (PANAS-C; Laurent, Catanzaro, Joiner, Rudolph, Potter, Lambert, Osborne & Gathright, 1999) adaptada para o Brasil (Giacomoni, 2002), Escala de Resiliência de Wagnild e Young (1993), também adaptada para o Brasil (Pesce, Assis, Avanci, Santos, Malaquias & Carvalhaes, 2005), Escala de Satisfação com a Vida de Diener, Emmons, Larsen e Griffin (1985), entre outras.

As questões foram dispostas em respostas de tipo verdadeiro ou falso, *Likert* de cinco pontos sobre intensidade e frequência, entre outras possibilidades. Através deste, foram investigados aspectos de caracterização biosociodemográfica, educação, família, saúde, sexualidade, drogas, violência, lazer, religiosidade, rede de apoio social, humor, otimismo, autoeficácia e autoestima. Para este estudo, foram analisadas somente as questões referentes à rede de apoio social, incluindo família, escola, comunidade e pares.

As variáveis investigadas incluem os *dados biosociodemográficos* para a caracterização da amostra, em gênero, idade e escolaridade. Os fatores econômicos referiram-se a quem sustentava a família financeiramente, a renda familiar do domicílio, coabitação e nível de instrução dos pais.

A variável que investigou o *apoio familiar*, correspondente à questão 82, foi dividida em 19 itens, dispostos numa escala *Likert* cujas possibilidades de resposta variavam em discordo, nem concordo nem discordo e concordo. A variável *apoio escolar* foi medida pela questão 52, disposta em 18 itens, de escala *Likert* de três pontos, em discordo, nem concordo nem concordo e concordo. O *apoio comunitário* foi analisado através da questão 104, disposta numa escala *Likert* de três pontos, referidos como nunca, às vezes e sempre. A variável *apoio dos pares* foi investigada a partir das questões 95, 96, 98, 99 e 100.

2.3.4 Procedimentos

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFRGS. As questões éticas referentes à pesquisa foram asseguradas quanto à integridade dos participantes, conforme consta na Resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde (Ministério da Saúde, 1996), que regulamenta a pesquisa com seres humanos e o Estatuto da Criança e do Adolescente, no que tange à pesquisa e encaminhamentos. Além disso, foi utilizado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, assegurando o sigilo das informações coletadas. Uma equipe de psicólogos foi disponibilizada aos participantes no caso de haver necessidade de atendimento gerado durante ou logo após a coleta de dados. As equipes de pesquisa foram coordenadas por uma professora doutora de universidade brasileira, constituídas por um profissional responsável pós-graduado em Psicologia (co-coordenador local) e oito a doze colaboradores, profissionais graduados em Psicologia ou estudantes da Graduação. As equipes foram permanentemente monitoradas e orientadas pela coordenação geral.

Para a constituição da amostra de jovens foram verificados os indicadores das condições sociodemográficas de cada uma das capitais e cidades. Foram utilizados os

indicadores de nível socioeconômico baixo para compor a amostra e definir os bairros: 1) rendimento familiar, médio de dois salários mínimos; 2) características educacionais dos residentes (grau de instrução do chefe de domicílio, grau de instrução por faixa etária, nível de acessibilidade a equipamentos educacionais públicos – escolas e creches); 3) situação do domicílio (tipo de construção), existência de água encanada e rede de esgoto; e 4) condições de saúde da população local (susceptibilidade a doenças de veiculação hídrica, índice de contaminação por zoonoses), com base nos dados do IBGE (Censo 2000). Para a cidade de São Paulo, além destes, foi utilizado o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), por bairro, disponibilizado pela prefeitura. As outras cidades também apresentam esse índice, mas de forma geral, não subdividido em bairros. A população pesquisada habitava nas cidades de: Recife (15,4%, $n=1126$), São Paulo (14,0%, $n=1024$), Porto Alegre (13,4%, $n=980$), Campo Grande (13,0%, $n=954$), Distrito Federal (11,7%, $n=855$), Belo Horizonte (9,4%, $n=685$), Presidente Prudente (13,3%, $n=975$), Arcos (6,0%, $n=440$), Manaus (2,2%, $n=162$) e Maués (1,6%, $n=115$).

A coleta de dados iniciou com a apresentação dos objetivos da pesquisa às escolas e instituições pelas equipes. A partir do consentimento das instituições e dos jovens, estes foram reunidos em grupos para explicação da pesquisa, em que, através da leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, foi assegurada a confidencialidade das informações.

O instrumento foi aplicado em salas com 30 a 35 alunos, acompanhados por três a quatro membros da equipe e o coordenador. Jovens que não soubessem ou pudessem ler tinham a possibilidade de acessar alguém da equipe e responder ao questionário em sala separada e com auxílio, assim como os portadores de deficiência. O tempo máximo para aplicação foi de duas horas.

Os dados foram analisados através de Análise Fatorial para avaliar as variáveis de apoio familiar, apoio escolar e apoio da comunidade como escalas. Também foram realizadas análises com base no teste t de *Student* e ANOVA para verificar diferenças de médias quanto ao sexo, faixa etária e renda familiar, e análises com Chi-Quadrado, para verificar correlação entre medidas de renda familiar e as variáveis de apoio.

2.4 A Rede de Apoio Social dos Jovens Brasileiros: Resultados

Os dados analisados para este estudo se referem aos itens relativos à rede de apoio social, incluindo família, escola, comunidade e pares, e às questões sobre o perfil biosociodemográfico dos participantes, do questionário desenvolvido por Koller et al. (2005).

Foram utilizados os dados de 7316 questionários respondidos, incluindo participantes com idade entre 14 e 24 anos, de nível sócio-econômico baixo. Os jovens apresentaram a idade média de 16,19 anos ($SD=1,82$), dentre os quais 45,6% eram do sexo masculino e 54,3% do sexo feminino. Entre estes, 38,1% eram brancos, 15,8% negros, 36,6% pardos, 3,9% amarelos e 3,4% indígenas. O estado civil predominante na amostra foi de solteiros (91,7%). A amostra foi composta por habitantes das cidades de: Recife (15,4%, $n=1126$), São Paulo (14,0%, $n=1024$), Porto Alegre (13,4%, $n=980$), Campo Grande (13,0%, $n=954$), Distrito Federal (11,7%, $n=855$), Belo Horizonte (9,4%, $n=685$), Presidente Prudente (13,3%, $n=975$), Arcos (6,0%, $n=440$), Maués (1,6%, $n=115$) e Manaus (2,2%, $n=162$).

Da amostra de jovens, 95,8% afirmaram ter a mãe viva, e 85,7% afirmaram ter o pai vivo. Caracterizando a família quanto à co-habitação, observou-se que 88,1% dos jovens moram com suas mães, 59,2% deles moram com os pais e 78,8% têm irmãos presentes no domicílio. Também foi possível detectar a presença de avôs e avós (5,6% e 9,6%), padrastos (9,7%), madrastas (1,9%), tios (9,1%), filhos (4,6%) e outros (7,7%) morando na mesma residência.

Quanto ao sustento da casa, 88% dos jovens responderam não sustentar a casa. Foram indicados como pessoas que proporcionam sustento em casa principalmente o pai (61,0%, $n=4426$) e a mãe (60,4%, $n=4382$). Por ser uma amostra prioritariamente de solteiros, o sustento da casa pelo companheiro/companheira foi pouco assinalado (1,7%). A renda familiar mensal dos participantes, representada em salários mínimos, variou de menos de um salário até mais de quatro ($m=2,06$; $SD=1,01$), conforme pode ser observado na Figura 1, tendo uma concentração maior na faixa de um a dois salários (65,7%).

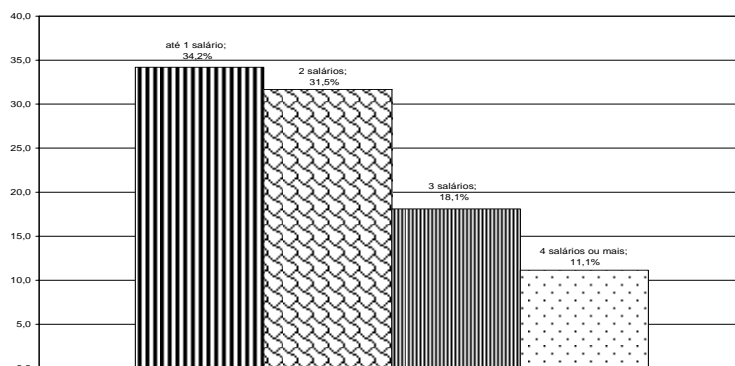


Figura 1. Percentual da renda em salários-mínimos

Quanto ao nível de instrução dos participantes, observou-se que 96,8% dos jovens estavam estudando, 1,4% pararam de estudar e 0,1% (seis participantes) nunca estudaram. Entre os que estavam estudando houve uma maior frequência de alunos cursando entre a 1º e 3º anos do Ensino Médio, assim como na oitava série do Ensino Fundamental, o que pode ser observado na Figura 2. Entre os que pararam de estudar (1,4%), o nível de escolaridade variou da 4ª a 8ª série do Ensino Fundamental, e do 1º ao 3º anos do Ensino Médio sendo que 66,1% deles interromperam os estudos até a terceira série do Ensino Fundamental. Quanto ao nível de instrução dos pais, os dados apontam que 49,6% dos pais e 53,5% das mães não concluíram o Ensino Fundamental.

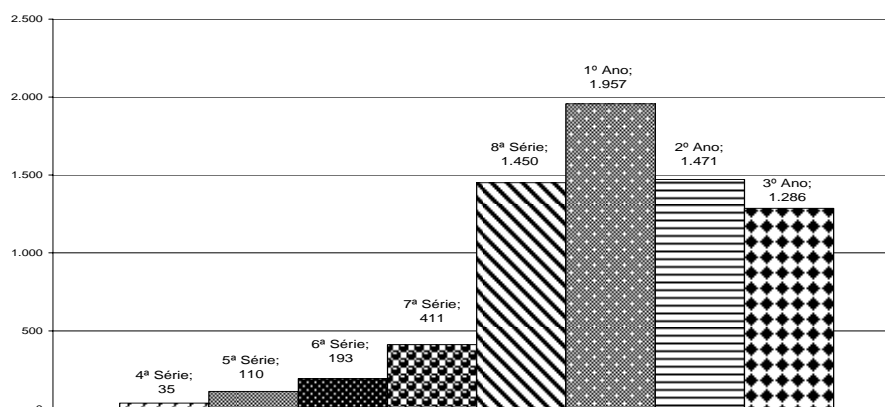


Figura 2. Distribuição dos participantes por série

Foram realizadas análises da rede de apoio, na família, escola, comunidade e pares, observando as variáveis sexo, faixa etária e renda. Para as análises por faixa etária a amostra foi dividida em duas faixas, a primeira de 14 a 18 anos ($n=6683$) e a segunda de 19 a 24 anos ($n=633$). Para as análises por renda também foram agrupados os participantes, de acordo com o número de salários mínimos da família (menos de um a mais de quatro salários mínimos).

2.5 Rede de Apoio: Família, Escola, Comunidade e Pares

A rede de apoio familiar foi avaliada pela soma dos itens B, C, E, L, N, O, P, Q e S da questão 82. Os itens analisados no presente estudo foram: sinto-me seguro com minha família, fico à vontade, tenho privacidade, as pessoas me acolhem com carinho, há divisão de tarefas domésticas, encontro o apoio do qual necessito, há respeito mútuo entre as pessoas, as pessoas dão atenção ao que falo e as pessoas se ajudam mutuamente. Dessa forma, a escala para avaliar o de apoio familiar ficou composta por nove itens e apresentou uma consistência

interna, avaliada através do *alpha de Cronbach*, de 0,80. Analisando-se a escala como unifatorial, os itens apresentaram cargas variando de 0,431 a 0,762. A média do apoio familiar no grupo foi de 23,20 pontos ($SD=3,64$) e variância de 13,25.

Não foi observada diferença na percepção de apoio familiar por sexo e faixa etária. O apoio familiar apresentou diferença significativa por renda da família, ($F_{3, 5570}=6,79$; $p<0,01$) sendo que em famílias com até um salário mínimo a percepção de apoio é menor do que nas famílias com maior renda.

A rede de apoio na escola foi avaliada pela soma dos itens A, B, C, D, E, F, H, K, L, M, N, O, P e R da questão 52. Os itens avaliados nesse estudo correspondem às seguintes afirmações: eu me sinto bem quando estou na escola, gosto de ir para a escola, gosto da maioria dos meus professores, gosto da maioria dos amigos que tenho na escola, meus estudos têm uma grande importância para mim hoje, meus estudos têm uma importância pra mim no meu futuro, quero continuar meus estudos nessa escola, se precisar, sei que posso contar com a ajuda dos amigos, confio nos amigos da escola, tenho muito desejo de fazer uma faculdade, minha realização pessoal envolver fazer uma faculdade, considero-me um bom estudante, sei que tenho condições de entrar na universidade e, para alcançar o que sonho preciso estudar muito. Dessa forma, a escala para avaliar o apoio escolar ficou composta por quatorze itens e apresentou uma consistência interna, avaliada através do *alpha de Cronbach*, de 0,76. Analisando-se a escala como unifatorial, todos os itens apresentaram cargas fatoriais entre 0,370 e 0,623. A média do apoio na escola foi de 36,36 pontos ($SD=4,25$) e variância de 18,06.

Quanto ao apoio na escola e a variável sexo foi encontrada diferença significativa entre homens e mulheres ($t=8375$; $df=5251$; $p<0,01$), sendo que comparando as médias entre os sexos, a média no sexo masculino ($m=35,83$; $SD=4,50$) foi menor que a média no sexo feminino ($m=36,81$; $SD=3,90$). Não foi observada diferença significativa na percepção de apoio na escola por faixa etária dos jovens e nem por renda familiar.

O apoio na comunidade foi avaliado pela soma dos itens B, C, E, G e H, da questão 104. As afirmações analisadas são: as pessoas no meu bairro são honestas e posso confiar nelas, eu me sinto seguro em minha comunidade, eu posso contar com meus vizinhos quando preciso deles, eu posso contar com alguma organização comunitária quando preciso e eu posso contar com alguma organização do governo quando preciso. A escala para avaliar o apoio da comunidade foi composta de cinco itens e apresentou uma consistência interna (*alpha de Cronbach*) de 0,76. A partir de uma análise unifatorial, os itens apresentaram cargas de 0,69 a 0,74. A média do apoio da comunidade foi de 9,04 ($SD=2,18$) e variância de 4,77.

Comparando as médias entre os sexos, foi encontrada diferença significativa na percepção do apoio na comunidade entre os sexos ($t=3,41$; $df=6189$; $p<0,01$), sendo que a média dos homens ($m=9,14$; $SD=2,27$) foi maior que a média das mulheres ($m=8,95$; $SD=2,11$).

O apoio dos pares foi avaliado através da análise das questões 95, 96, 98, 99 e 100. Os dados indicaram que 96,5% do sexo masculino e 96,9% do sexo feminino referem ter amigos. A questão 95 estabelece se o(a) jovem tem amigos ou não, e a análise desta não apresentou associação significativa com as variáveis sexo, faixa etária e renda.

A procedência das amizades foi avaliada na questão 96, que investiga a presença de amigos na escola, no bairro, na rua, na internet e em outros lugares. Os dados são apresentados nas Tabelas 1 e 2.

Tabela 1

Percentual de Procedência das Amizades por Sexo e Faixa Etária

Procedência	Sexo		Faixa etária	
	Masculino %	Feminino %	14-18 anos %	19-24 anos %
Escola	82,50	86,40*	85,50*	75,00
Bairro	80,80*	72,90	76,70	73,20
Rua	61,20*	52,60	57,20*	49,00
Internet	17,10	15,50	16,70*	11,10
Outros	10,10	16,40*	13,70	11,40

Nota: * associação significativa ($p<0,01$)

Tabela 2

Percentual de Procedência das Amizades por Renda Familiar em Salários Mínimos

Procedência	até 1 SM	2 SM	3 SM	4 ou + SM
	%	%	%	%
Escola	82,30*	85,40	86,70	86,90
Bairro	77,80	76,70	73,80	75,30
Rua	57,10	55,40	57,10	57,60
Internet	8,90	13,50	21,60	38,30*
Outros	10,00	14,30	17,50	15,90

Notas: SM é a sigla usada para Salários Mínimos; * associação significativa ($p<0,01$)

Foi observada associação significativa entre o sexo dos respondentes e ter amigos na escola ($\chi^2=20,91$; $df=1$; $p<0,01$), e em outros lugares ($\chi^2=59,60$; $df=1$; $p<0,01$), onde o sexo feminino apresentou maior percentagem, enquanto que nas amizades provenientes do bairro ($\chi^2=60,51$; $df=1$; $p<0,01$) e da rua ($\chi^2=51,95$; $df=1$; $p<0,01$) o sexo masculino se sobressaiu. Também foi encontrada associação significativa entre faixa etária e local das amizades, sendo que entre os participantes mais novos, de idades entre 14 e 18 anos, houve uma maior frequência de amigos do que os mais velhos de 19 a 24 anos, na escola ($\chi^2=44,19$; $df=1$; $p<0,01$), na rua ($\chi^2=13,78$; $df=1$; $p<0,01$), e na internet ($\chi^2=11,74$; $df=1$; $p<0,01$). Quanto à renda familiar foi possível identificar associação significativa entre renda e amizades na escola ($\chi^2=17,96$; $df=3$; $p<0,01$), sendo que quanto maior a renda maior o percentual de amizades na escola. Essa associação também foi verificada entre a renda e as amizades na internet ($\chi^2=416,70$; $df=3$; $p<0,01$), destacando-se um percentual mais alto entre os jovens que possuem renda de quatro salários mínimos ou mais.

A questão 98 destina-se a compreensão dos jovens sobre que tipo de apoio os amigos devem dar uns aos outros, disposta nas seguintes alternativas: emocional, material, espiritual, nas atividades (de casa, da escola), social (participação em festas, momentos de lazer e pertencimento ao grupo), e também a possibilidade aberta de outra resposta. Os resultados são apresentados nas Tabelas 3 e 4.

Tabela 3

Tipo de Apoio que os Amigos Devem Dar Quanto ao Sexo e Faixa Etária

Tipo de Apoio	Sexo		Faixa etária	
	Masculino %	Feminino %	14-18 anos %	19-24 anos %
Emocional	76,20	88,00*	83,10*	77,20
Material	29,20	29,50	29,10	32,40
Espiritual	26,60	34,80*	30,70	35,70*
Atividades casa e escola	41,00	44,50*	43,60*	34,80
Social	51,60	59,50*	56,50*	49,60

Nota: * associação significativa ($p<0,01$)

Tabela 4

Tipo de Apoio que os Amigos Devem Dar Quanto à Renda Familiar em Salários Mínimos

Tipo de Apoio	até 1 SM	2 SM	3 SM	4 ou + SM
	%	%	%	%
Emocional	78,60	84,40	86,00	87,10*
Material	29,50	28,80	30,00	31,80
Espiritual	28,80	31,10	34,40	35,10*
Atividades casa e escola	41,80	41,50	44,40	47,20*
Social	49,80	57,10	60,70	65,70*

*Nota: * associação significativa ($p < 0,01$)*

Comparando as médias entre os sexos foi encontrada associação significativa para o apoio emocional ($\chi^2=165,77$; $df=1$; $p < 0,01$), espiritual ($\chi^2=52,78$; $df=1$; $p < 0,01$) e social ($\chi^2=43,02$; $df=1$; $p < 0,01$), com percentuais mais altos para o sexo feminino, ou seja, as meninas esperam receber mais este tipo de apoio do que os meninos. Quanto à faixa etária, houve significância na associação com o tipo de apoio, sendo que entre os mais jovens houve um percentual mais alto de apoio emocional ($\chi^2=12,38$; $df=1$; $p < 0,01$) e de apoio para atividades de casa e escola ($\chi^2=16,16$; $df=1$; $p < 0,01$). Também foi encontrada associação significativa entre renda familiar e tipo de apoio, com uma maior percepção da necessidade de apoio dos amigos entre os que possuem renda mais alta, em apoio emocional ($\chi^2=52,11$; $df=3$; $p < 0,01$), espiritual ($\chi^2=17,55$; $df=3$; $p < 0,01$) e social ($\chi^2=79,50$; $df=3$; $p < 0,01$).

A questão 99 refere-se ao tipo de apoio que recebem dos amigos e apresenta as seguintes opções: não tenho amigos, apoio emocional, apoio material, apoio espiritual, apoio para fazer tarefas (de casa, da escola), apoio social, e, não posso contar com eles. Foi possível identificar associações significativas quanto ao sexo, à faixa etária e à renda. Os resultados são apresentados nas Tabelas 5 e 6.

Tabela 5

Tipo de Apoio que Recebe dos Amigos Quanto ao Sexo e Faixa Etária

Tipo de Apoio Recebido	Sexo		Faixa etária	
	Masculino %	Feminino %	14-18 anos %	19-24 anos %
Emocional	61,80	81,60*	73,10*	68,00
Material	27,40	26,10	26,80	25,60
Espiritual	21,60	29,90*	26,00	28,10
Atividades casa e escola	39,10	44,60*	42,90*	33,60
Social	41,60	42,70	42,90*	34,30

Nota: * associação significativa ($p < 0,01$)

Tabela 6

Tipo de Apoio que Recebe dos Amigos Quanto à Renda Familiar

Tipo de Apoio Recebido	até 1 SM	2 SM	3 SM	4 ou + SM
	%	%	%	%
Emocional	68,10	73,70	77,00	80,10*
Material	26,40	26,60	26,90	30,40
Espiritual	23,30*	26,70	29,70	30,30
Atividades casa e escola	41,70	39,40*	43,90	48,70
Social	34,40	43,40	47,60	56,30*

Nota: * associação significativa ($p < 0,01$)

As análises indicaram associações significativas entre sexo e apoio emocional ($\chi^2=338,47$; $df=1$; $p < 0,01$), apoio espiritual ($\chi^2=60,75$; $df=1$; $p < 0,01$) e apoio para atividade da casa e escola ($\chi^2=20,68$; $df=1$; $p < 0,01$), sendo que o sexo feminino apresentou maior percentagem em todos, o que indica que as mulheres afirmam receber mais apoio dos amigos do que os homens. Quanto a não poder contar com os amigos, foi observada associação significativa com a variável sexo ($\chi^2=31,63$; $df=1$; $p < 0,01$), sendo que no sexo masculino os percentuais foram maiores. Quanto à faixa etária houve associação significativa com o tipo de apoio recebido, em atividades em casa e na escola ($\chi^2=18,19$; $df=1$; $p < 0,01$) e apoio social ($\chi^2=15,39$; $df=1$; $p < 0,01$), com valores mais altos para a faixa etária mais jovem. Também foram encontradas associações significativas entre renda familiar e o tipo de apoio recebido, sendo que os participantes com renda mais alta apresentaram percentuais mais altos de apoio social ($\chi^2=138,77$; $df=3$; $p < 0,01$) e emocional ($\chi^2=59,98$; $df=3$; $p < 0,01$), enquanto que com

menor renda foram observados percentuais mais altos em apoio espiritual ($\chi^2=25,48$; $df=3$; $p<0,01$) e apoio para atividades em casa e na escola ($\chi^2=22,48$; $df=3$; $p<0,01$),

A questão 100 tem as mesmas alternativas, mas refere-se ao tipo de apoio que os jovens dão aos seus amigos. Foram investigadas as associações entre o tipo de apoio que os jovens dão aos seus amigos e as variáveis sexo, faixa etária e renda familiar, os quais são apresentados nas Tabelas 7 e 8.

Tabela 7

Tipo de Apoio que Dão aos Amigos Quanto ao Sexo e Faixa Etária

Tipo de Apoio Dado	Sexo		Faixa etária	
	Masculino %	Feminino %	14-18 anos %	19-24 anos %
Emocional	68,80	86,40*	78,70	75,70
Material	35,90	36,30	36,20	35,40
Espiritual	26,90	37,10*	32,50	32,70
Atividades casa e escola	45,30	56,70*	52,60*	40,30
Social	45,10	46,80	46,90*	36,40

Nota: * associação significativa ($p<0,01$)

Tabela 8

Tipo de Apoio que Dão aos Amigos Quanto à Renda Familiar em Salários Mínimos

Tipo de Apoio Dado	até 1 SM	2 SM	3 SM	4 ou + SM
	%	%	%	%
Emocional	74,40	79,80	81,70	84,20*
Material	33,70	35,80	38,50	43,50*
Espiritual	29,50	32,10	36,50	39,90*
Atividades casa e escola	50,30	49,70*	53,20	57,70
Social	38,10	47,40	52,10	58,00*

Nota: * associação significativa ($p<0,01$)

Referente ao sexo, as associações significativas encontradas foram com o apoio emocional ($\chi^2=311,75$; $df=1$, $p<0,01$), espiritual ($\chi^2=80,54$; $df=1$; $p<0,01$) e para atividades em casa e na escola ($\chi^2=89,49$; $df=1$; $p<0,01$), sendo mais indicados pelo sexo feminino. Ou seja, as meninas acreditam que se constituem em fonte de apoio destes tipos de apoio mais do que os meninos. O sexo masculino se sobressaiu em não se considerar fonte de apoio para seus

amigos ($\chi^2=52,07$; $df=1$; $p<0,01$). Quanto à faixa etária, houve associação significativa com apoio para atividades em casa e na escola ($\chi^2=30,65$; $df=1$; $p<0,01$) e com apoio social ($\chi^2=22,56$; $df=1$; $p<0,01$), em que ambos foram maiores para a faixa etária mais nova. Quanto à renda familiar, houve associação significativa com apoio emocional ($\chi^2=48,64$; $df=3$; $p<0,01$), material ($\chi^2=27,13$; $df=3$; $p<0,01$), espiritual ($\chi^2=38,32$; $df=3$; $p<0,01$), e social ($\chi^2=125,53$; $df=3$; $p<0,01$) de forma crescente com a renda, e, com o apoio para atividades em casa e na escola ($\chi^2=17,92$; $df=3$; $p<0,01$). Dessa forma, pode-se compreender que a percepção dos jovens como fonte de apoio nestas categorias é maior quanto maior é a renda.

A questão 101 trata da avaliação do nível de confiança em instituições que oferecem apoio. O nível de confiança foi analisado pela soma dos itens A, B, C, D, E, F, G, H, I, J, K e L da questão, que apresenta os grupos organização comunitária, vizinhança, amigos, escola e família. Analisando-se a escala como unifatorial, todos os itens apresentam cargas fatoriais entre 0,392 e 0,809. A escala foi composta de doze itens e foi obtida uma consistência interna (*alpha de Cronbach*) de 0,87. O nível de confiança no apoio em geral apresentou uma média de 31,40 ($SD=6,89$) e variância de 47,54.

O nível de confiança no apoio foi avaliado quanto ao sexo, faixa etária e renda familiar. Em relação à variável sexo, identificou-se diferença significativa entre as médias dos homens e das mulheres ($t=4,73$; $df=5944$; $p<0,01$), considerando que a média das mulheres ($m=31,79$; $SD=6,41$), foi maior que a dos homens ($m=30,93$; $SD=7,39$). Não foi identificada diferença significativa nas médias por faixa etária e renda familiar.

A questão 102 avaliou o nível de expectativa em receber apoio pelo somatório dos itens A, B, C, D, E, F, G e H, que se referem aos grupos: família, vizinhos, amigos, liderança religiosa/grupo, liderança comunitária, polícia, prefeitura e colegas de trabalho. A escala foi composta de oito itens e foi encontrada uma consistência interna (*alpha de Cronbach*) de 0,86. Analisando-se a escala como unifatorial, todos os itens apresentam cargas fatoriais entre 0,435 e 0,813. O nível de expectativa em receber apoio apresentou uma média de 24,17 ($SD=5,60$) e variância de 31,42.

Foram realizadas análises para identificar a relação entre o nível de expectativa de apoio e as variáveis sexo, faixa etária e renda. Quanto à variável sexo, foi encontrada diferença significativa no nível de expectativa em receber apoio entre os sexos ($t=10,06$; $df=6122$; $p<0,01$), sendo que a média das mulheres ($m=24,82$; $SD=5,79$) foi maior que a média dos homens ($m=23,37$; $SD=5,35$). Não foi encontrada diferença significativa no nível de expectativa em receber apoio por faixa etária e nem por renda familiar.

2.6 Discussão

Neste estudo foi possível identificar que 88,1% dos jovens moram com as mães e 59,2% moram com os pais. A análise dos dados indicou que o sustento da casa destes jovens é prioritariamente responsabilidade dos pais, e a renda familiar apresentou uma média de dois salários mínimos. Considerando que 78,8% dos jovens indicaram morar com irmãos, é importante ressaltar que a renda mensal da família não se destina somente ao sustento de pai, mãe e um filho, mas também de outros membros da família, como irmãos, padrasto, madrasta, avós, tios, entre outros. Em famílias em situação de vulnerabilidade social, é comum a presença de outros membros da família morando no mesmo terreno e até na mesma casa, o que não necessariamente muda a situação do número de provedores no domicílio (Dessen & Braz, 2000).

Como identificado na análise dos dados, os jovens cuja renda familiar era menor que um salário mínimo relataram receber menos apoio de sua família. Este dado é congruente com o apontado na literatura, indicando que o apoio familiar está associado à renda (Wills et al., 1996). Em pesquisa específica sobre pobreza e apoio social, os autores Lever e Martínez (2007) também encontraram uma relação direta entre renda familiar e percepção de apoio em estudo com jovens e adultos na cidade do México, onde quanto maior a renda maior a percepção de apoio recebido pela família.

A questão da renda familiar é muitas vezes associada à ausência dos pais em casa, o que dificulta a interação com os filhos. Especialmente em famílias mais pobres, considera-se que os pais passam menos tempo em casa porque necessitam trabalhar para sustentar a família. Bronfenbrenner (2005) assinala que entre os pais que trabalham demasiadamente, seja por necessidade financeira ou porque o trabalho lhes exige maior dedicação de tempo, é possível encontrar o mesmo problema de pouca interação entre pais e filhos. Para o autor o ideal de uma sociedade que preconiza o bom desenvolvimento de suas crianças e adolescentes seria proporcionar às famílias um maior tempo de convivência e maior qualidade nas interações. A sociedade industrializada exige crianças e adolescentes bem adaptados ao sistema, mas não provê as condições necessárias para que as famílias se organizem a fim de proporcionar aos seus filhos um desenvolvimento emocional e físico condizente com as exigências sociais. Em famílias monoparentais, ou recém saídas de um processo de divórcio, esta situação fica mais precária no sentido de que somente um dos pais fica encarregado do sustento e também da criação dos filhos (Bronfenbrenner, 2005).

Quanto ao apoio que percebem receber da escola, as jovens relataram se sentir mais apoiadas pela escola do que os rapazes. Embora eles também tenham percebido o apoio da escola, as meninas se sobressaíram na comparação entre as médias. Esse é um dado que pode indicar a presença de questões de gênero no ambiente da escola, assim como demonstrar um aspecto importante da construção histórica da relação entre as mulheres e a escola (Carvalho, 2003). Considerando-se que antes da década de 60, os homens possuíam mais acesso à escola e permaneciam mais nesta, esta mudança cultural afetou os parâmetros também da percepção de apoio dos jovens em relação à escola. Entretanto, diversas pesquisas vêm analisando a relação entre escola e gênero, apresentando dados de que jovens do sexo feminino se beneficiam mais da estrutura oferecida pela escola do que jovens do sexo masculino (Carvalho, 2001). Os jovens do sexo masculino apresentam maior história de repetência e evasão, além de analfabetismo mesmo havendo frequentado a escola (Carvalho, 2003).

A percepção dos alunos quanto à estrutura da escola foi pesquisada por Fleith e Alencar (2006), que identificaram diferenças importantes no discurso entre o sexo feminino e o sexo masculino no que se refere ao suporte dos mestres, ao interesse por sua aprendizagem e a autonomia dos alunos. As meninas afirmaram receber mais apoio das professoras, enquanto os meninos tiveram seu comportamento e seu desempenho escolar atrelados a papéis sexuais tipificados culturalmente.

Carvalho (2003) assinala que as adolescentes apresentam, em sua maioria, um aproveitamento e comportamento mediano em sala de aula, enquanto que os adolescentes tendem a extremos bons e ruins. Essa variação dificultaria sua vinculação com a escola, o que poderia explicar a menor percepção da escola como fonte de apoio para jovens do sexo masculino. Neste sentido, é importante considerar os estereótipos de gênero na escola, em que, muitas vezes, as meninas são apresentadas como passivas e obedientes e, por isso, desenvolveriam um melhor vínculo com as professoras. Os meninos seriam mais inquietos e agressivos e, por essa razão, não se adaptariam bem à estrutura que a escola lhes propõe (Carvalho, 2003).

Em outra pesquisa, Carvalho (2001) identificou uma incoerência no discurso de professoras, as quais diziam basear as avaliações prioritariamente no desempenho acadêmico dos alunos, mas indicavam para turmas de reforço e assinalavam a necessidade de cuidados especiais com alunos principalmente do sexo masculino, citando enfaticamente comportamentos desadaptativos às normas da escola. A partir dessa perspectiva, é possível levantar a hipótese de que os jovens do sexo masculino percebem menos a escola como uma fonte de apoio pelo tipo de relação e de vínculo desenvolvido entre eles e a instituição.

Por outro lado, os jovens do sexo masculino assinalaram perceber maior apoio da comunidade. A literatura apresenta pesquisas que mencionam esforços da comunidade para se tornar fonte de apoio para jovens, entretanto esses esforços são, em sua maioria, direcionados à prevenção de violência (Dimenstein, Lima, Moura, Brito, Cardoso & Medeiros, 2005; Gonçalves & Sposito, 2002), de uso e abuso de drogas (Pratta & Santos, 2007) e gravidez na adolescência (Toma, 2003). Os jovens do sexo masculino também referiram ter mais amigos na rua e no bairro, enquanto as jovens do sexo feminino afirmaram ter mais amigos em outros ambientes e na escola. Em relação às amizades, Allan (1998) afirma que esses laços são inerentemente sociais, baseados em padrões socioeconômicos e influenciados pelo contexto no qual o indivíduo se desenvolve. Estes resultados podem indicar a maior relação dos rapazes com a rua, e o desenvolvimento de amizades fora de casa e da escola enquanto as moças desenvolvem mais amizades em ambientes protegidos como a escola.

Os lugares mais referidos pelos jovens entre 14 e 18 anos quanto à origem dos amigos foram escola, rua e internet. Este resultado assinala a preferência de três ambientes distintos para o desenvolvimento de relacionamento com os pares. A escola continua sendo um dos ambientes em que os jovens mais desenvolvem a relação com os pares, pois é considerada o ambiente seguinte à família que facilita a socialização, a criatividade e pressupõe certa segurança (Marriel, Assis, Avanci & Oliveira, 2006; Tollini, 2006). Essa percepção foi mais encontrada no grupo etário entre 14 e 18 anos, o que pode ser entendido considerando-se que estes estão mais inseridos no ambiente escolar que os jovens maiores de 18 anos. Entretanto a escola também tem sido apontada como um espaço de violência, em que a vulnerabilidade social refletida na violência escolar reduz a sua força socializadora (Marriel et al., 2006). A rua, por sua vez, é reconhecida como um espaço mais livre, que possibilita o desenvolvimento de habilidades (Dimenstein et al., 2005) e também pode representar risco caso o indivíduo esteja fragilizado ou vulnerável (Paludo & Koller, 2005) ou as condições socioeconômicas representem risco (Hay et al., 2007).

A internet tem se revelado como um importante espaço de desenvolvimento de relacionamentos especialmente entre os adolescentes. Zarembo et al.(2002) investigaram a percepção de 30 adolescentes entre 10 e 15 anos, sobre o papel da internet em suas vidas, e esta se revelou como um espaço muito popular entre os adolescentes para fazer e manter amigos. Neste estudo, os jovens com maior renda familiar apresentaram ter mais amigos na escola e na internet. Esse resultado pode ser explicado pelo fato de a renda familiar proporcionar maior acesso à internet, embora isso não signifique que jovens com renda familiar mais baixa não tenham amigos na escola ou acesso à internet. Entretanto, o acesso à

internet é algo recente, tendo sido largamente difundido no Brasil a partir de 1995, sendo ainda um recurso considerado elitista (Zaremba et al., 2002).

Em pesquisa sobre o uso do tempo livre entre adolescentes de classe popular, Sarriera, Tatim, Coelho e Busker (2007) verificaram diferenças nas atividades de lazer conforme o gênero. As meninas preferiram sair com amigos e relacionamentos amorosos, enquanto os meninos destacaram as atividades sociorecreativas e o uso do computador e dos jogos eletrônicos. Um aspecto importante revelado nesta pesquisa é que somente 1,48% a 2,63% do tempo livre foram ocupados com o uso do computador, o que foi associado ao baixo percentual de jovens que possuem um computador em casa.

As jovens do sexo feminino assinalaram que os amigos devem dar mais apoio emocional, espiritual e social, sendo esses mesmos tipos de apoio os que elas esperam receber de seus pares. Entretanto, elas afirmaram receber e dar aos amigos mais apoio emocional, espiritual e para atividades de casa e da escola. Neste caso o apoio social aparece como desejado, mas não recebido.

A literatura indica a importância do apoio emocional através da relação com os pares, pois ele proporciona a criação de novas estratégias adaptativas, aumentando a eficácia de recursos pessoais e sociais dos adolescentes (Câmara & Carlotto, 2007; Siqueira et al., 2006; Steinberg, 2000). Alguns autores afirmam que a expectativa de receber um determinado tipo de apoio está relacionada à falta deste apoio na vida diária (Cramer, Henderson & Scott, 1997). A importância do apoio emocional e social vindo de amigos ao longo da vida, promovendo contato pessoal, companhia, ajuda e ajustamento psicológico, também é destacada por Weisz e Wood (2005). Quanto à busca por apoio espiritual, Câmara e Carlotto (2007) identificaram em sua pesquisa que as meninas se diferenciam por buscarem mais apoio espiritual, na religião ou em livros dessa natureza como uma forma de conforto.

Outra diferença de gênero pode ser identificada nas respostas quanto ao tipo de apoio e os pares, no resultado em que os meninos indicaram não poder contar com os amigos mais do que as meninas. Goldsmith e Dun (1997) estudaram diferenças de gênero e não encontraram diferenças nas respostas quanto ao tipo de apoio que homens e mulheres dão a outras pessoas. Eles assinalaram que os tipos de apoio são os mesmos, mas são oferecidos de formas diferentes, sendo que as mulheres falam mais sobre o assunto, tanto na hora de apoiar quanto na hora de descrever o apoio que deram.

Os jovens da amostra entre 14 e 18 anos, em comparação com os mais velhos, consideraram que os amigos devem dar mais apoio emocional e para atividades de casa e da escola. Esses mesmos jovens relataram receber mais apoio dos amigos para atividades de casa

e da escola e apoio social. Embora acreditem que os amigos devam dar apoio emocional, eles não percebem receber esse tipo de apoio dos pais. Por outro lado, estes jovens relatam receber apoio social, através da participação em festas, momentos de lazer, e pertencer a grupos. Portanto, embora considerem o apoio emocional importante, por alguma razão eles não relataram receber ou dar esse tipo de apoio aos amigos.

Foi encontrada associação significativa entre renda familiar e o tipo de apoio que consideram que os amigos devem dar. Quanto maior a renda familiar, maior a percepção dos jovens de que os amigos devem dar apoio emocional, espiritual e social. A renda também foi relacionada à percepção de apoio recebido dos amigos, especialmente apoio social e emocional. A renda alta pode indicar a maior disponibilidade de recursos para atividades entre os pais, o que influencia a percepção de apoio.

Jovens com renda familiar mais baixa relataram receber dos amigos apoio espiritual e para atividades de casa e da escola. Este dado pode ser analisado através da perspectiva de que o apoio dos amigos e da comunidade para algumas tarefas supriria a falta de apoio que recebem da família significativamente associado à baixa renda familiar (Lever & Martínez, 2007). O apoio dos pais é citado na literatura como relacionado ao lazer e outras atividades, também importantes para o desenvolvimento, especialmente na adolescência (Antunes & Fontaine, 2005).

As jovens apresentaram maior expectativa de receber apoio e maior nível de confiança nas instituições que oferecem apoio do que os rapazes. Essa relação pode ser explicada por bases históricas de movimentos institucionais de proteção às meninas (Chaves, Guirra, Borrione & Simões, 2003), pela disponibilidade de programas institucionais de apoio a adolescentes em situação de vulnerabilidade (Meneghel et al., 2003) e para situações de gravidez (Toma, 2003).

2.7 Considerações Finais

A análise dos dados destacou questões importantes sobre a rede de apoio de jovens em situação de vulnerabilidade social, especialmente no que se refere à renda familiar e questões de gênero. A renda familiar mostrou-se como uma variável de impacto na percepção de apoio dos jovens, especialmente em relação à família. Quanto maior a renda, maior a percepção dos jovens de que recebem apoio da família. Este dado, congruente com a literatura, pode estar indicando que os pais com renda mais baixa se mantêm mais tempo fora de casa, na busca do sustento econômico da família, e, portanto, menos presentes para oferecer o apoio que os

jovens esperam receber. Dessa forma, pode-se levantar a hipótese de que a baixa percepção de apoio pela família, em grupos de baixa renda, estaria associada a pouca disponibilidade de recursos proporcionados pela família e não necessariamente à falta de apoio emocional. A baixa renda, entretanto, foi associada à maior percepção de apoio da comunidade, que assinala uma forma de suprir a necessidade de apoio por outro ambiente no sistema de relações. A presença da comunidade parece ser mais ativa em comunidades de baixa renda, talvez por uma maior possibilidade de relacionamentos com vizinhos, do que em comunidades mais abastadas. Assim, é importante que novos estudos possam investigar mais especificamente quais os tipos de apoio, emocional, instrumental ou informacional, que jovens que vivem em condições socioeconômicas desfavorecidas percebem em relação à sua família e comunidade.

A renda também foi associada ao apoio dos pares, considerando o dado de que quanto maior a renda maior a percepção de que os amigos devem dar apoio emocional, espiritual e social. Os jovens com renda mais alta relataram receber maior apoio social e emocional dos amigos, enquanto os jovens com renda mais baixa relataram receber maior apoio espiritual e para atividades de casa e da escola.

Quanto ao gênero, ficou clara a distinção entre os sexos, em que o sexo feminino apresentou maior percepção de apoio em relação à escola. Esse dado pode referir-se às questões culturais de tipificação dos sexos e comportamentos, e do funcionamento da escola. A manutenção dos vínculos na escola também se relaciona com a oferta e a percepção de apoio, portanto, para os jovens, essa dificuldade talvez seja maior do que para as jovens. Por sua vez, os rapazes afirmaram sentirem-se mais apoiados pela comunidade, o que pode ser atribuído a um comportamento mais voltado para atividades na rua e no bairro, culturalmente associadas ao sexo masculino. Essa diferença também foi percebida quanto à origem das amizades, sendo que as jovens relataram ter mais amigas da escola e os jovens, mais amigos da rua e do bairro.

A rede de apoio social é um tema muito estudado e apresentado na literatura, entretanto, sugere-se a realização de estudos que focalizem a realidade da juventude brasileira, especialmente em situação de vulnerabilidade social. O papel da rede de apoio, a percepção dos jovens e a expectativa deles em relação à rede devem ser mais investigados, de forma que se possa subsidiar programas de intervenção junto a esta população. O conhecimento acerca da rede de apoio em diferentes domínios na vida de jovens pode colaborar para o estabelecimento de projetos sociais que possam ajudar as famílias e prover novas fontes de apoio para seu desenvolvimento.

Capítulo III

Jovens em situação de vulnerabilidade social: A rede de apoio e o uso de drogas

A juventude é um conceito eminentemente sociológico, cuja característica importante de socialização apresenta a interação com o meio como um aspecto relevante para o desenvolvimento. Outros elementos integrantes desse processo são os fatores de risco e proteção, que podem favorecer ou dificultar o desenvolvimento e influenciar no modo de interação com o mundo, os quais envolvem características pessoais e ambientais. Neste sentido, o apoio social é entendido como um fator de proteção, o qual se estabelece a partir do processo de socialização. A socialização tem sido explicada na literatura atual a partir de diferentes conceitos, como relações sociais, apoio social ou suporte social, rede de relações e rede de apoio social.

O conceito de relações sociais ou laços sociais refere-se aos laços de relacionamentos das pessoas (Bochi & Angelo, 2008; Chor, Griep, Lopes & Faerstein, 2001). Pode ser descrito sob diferentes aspectos, como o número de relações sociais mantidas ou papéis desempenhados pelo indivíduo, frequência de contatos, densidade, multiplicidade e reciprocidade de relações entre os membros da rede. A estrutura das relações sociais consiste na rede formal e informal de relações. A rede formal inclui profissionais como dentistas, médicos, professores e advogados. A rede informal é composta pelas relações pessoais e afetivas mais importantes como família, amigos, vizinhos, colegas e comunidade com os quais o indivíduo estabelece relações de proximidade (Bochi & Angelo, 2008). O conceito de relações sociais ou laços sociais engloba apoio social e rede social.

O apoio social é considerado a interface entre o sujeito e o sistema social do qual ele participa (Garmezy & Masten, 1994). O conceito de apoio social remete aos aspectos positivos das relações sociais, como o compartilhar informações, o auxílio em momentos de crise e a presença em eventos sociais (Andrade, Chor, Faerstein, Griep, Lopes & Fonseca 2007; Andrade & Vaitsman, 2002; Chor et al., 2001). O apoio social tem uma característica de diminuir ou abafar os efeitos do estresse (Bao, Haas & Pi, 2007) e refere-se ao grau em que as relações interpessoais atendem a determinadas necessidades ou funções (Lever & Martinez, 2007).

O apoio social é dividido em diferentes tipologias. A divisão mais comum é aquela que define o apoio como: instrumental ou material, emocional, afetivo, informacional e de interação positiva (Andrade et al., 2007; Chor et al., 2001; Siqueira, Betts & Dell'Aglio, 2006; Wills, Blechmann & McNamara, 1996). Alguns autores sugerem a unificação de apoio afetivo e emocional, pois ambos referem-se a aspectos semelhantes de interação (Siqueira et al., 2006). Ao considerar os tipos de apoio, estes podem ser divididos em sociais (informativo, material e de interação) e afetivos (emocional e afetivo), o que leva ao conceito de rede de apoio social e afetiva (Siqueira et al., 2006). Neste sentido, os apoios emocional, instrumental e informacional são apontados como os mais relevantes para adolescentes e jovens (Antonucci & Jackson, 1987; Wills, Blechman & McNamara, 1996).

O desenvolvimento de relações que possuam caráter de apoio em diferentes ambientes e domínios forma uma rede de relações. Esta rede de relações é definida como um conjunto de pessoas em uma população e suas conexões (Barbosa, Byington & Struchiner, 2000). A rede de apoio social, no entanto, considera o caráter de apoio oferecido pela rede de relações, sendo este um fator diferencial do conceito. A rede de apoio social refere-se ao conjunto de relações sociais próximas e significativas, que representam o apoio percebido e recebido pelos indivíduos (Brito & Koller, 1999; Siqueira, et al., 2006). Portanto, esta rede compreenderia o microsistema e o mesossistema, descritos por Bronfenbrenner (1979/1996), sendo considerados família, escola, pares e comunidade. A característica da afetividade das relações acrescenta o elemento afetivo ao conceito de rede de apoio social.

A falta de rede de apoio, a pobreza de relações sociais, a inadequação e a inviabilização delas por alguma razão constituem fator de risco para o desenvolvimento biopsicossocial dos indivíduos (Andrade & Vaitsman, 2002). Os fatores de risco são condições ou variáveis associadas à maior probabilidade de gerar resultados negativos e indesejados no desenvolvimento humano, podendo ser individuais ou ambientais (Jessor, Van Den Bos, Vanderryn, Costa & Turbin, 1995). Os fatores de risco individuais correspondem às variáveis de personalidade, problemas genéticos, habilidades sociais e intelectuais pobres, baixa autoestima e autoeficácia, deficiência física e intelectual e história de abuso (Koller, 2000; Paludo & Koller, 2005). Os riscos ambientais referem-se a situações de vulnerabilidade socioeconômica, famílias numerosas, violência intrafamiliar, abuso e ausência de apoio social e afetivo, isolamento, desemprego e baixa escolaridade (Koller, 2000; Paludo & Koller, 2005). A vulnerabilidade social corresponde a uma situação caracterizada pelo resultado negativo da relação entre a disponibilidade de recursos materiais ou simbólicos e o acesso à

estrutura de oportunidades sociais, econômicas e culturais (Abramovay, Castro, Pinheiro, Lima & Martinelli, 2002).

A falta de apoio familiar é vista como fator de risco para depressão e uso de drogas (Belgrave, 2002; Poelen, Engels, Van Der Vorst, Scholte & Vermulst, 2007; Sanchez, Oliveira & Nappo, 2005). Especialmente no período da adolescência, os indivíduos encontram-se mais vulneráveis ao uso de drogas, e os pares são referidos como a principal companhia para a experimentação de bebidas alcoólicas (Costa, Alves, Santos, Carvalho, Souza & Souza, 2007). Se as amizades apresentam comportamentos de risco, como o uso de drogas, e estes comportamentos também são identificados na família, o fator de risco para o uso se intensifica (Poelen et al., 2007). Portanto, as relações familiares e as amizades podem representar fatores de risco ou de proteção para o consumo de drogas (Baus, Kupek & Pires, 2002).

3.1 Drogas

A adolescência é considerada uma etapa de risco para a experimentação e uso abusivo de drogas, por ser uma fase de descobertas e apresentar prevalência de uso crescente nos últimos anos (Baus, Kupek & Pires, 2002; Horta, Horta, Pinheiro, Morales & Strey, 2007; Muza, Bettiol, Muccilo & Barbieri, 1997). Pesquisas com estudantes escolares e universitários apontam para um uso crescente de álcool, cigarro e outras drogas com início precoce a partir dos 10 anos, tanto em escolas públicas como particulares (Andrade, Queiroz, Villaboim, César, Alves & Bassit, 1997; Costa et al., 2007; Guimarães, Godinho, Cruz, Kappann & Tosta Júnior, 2004; Tavares, Béria & Lima, 2001). Tavares, Béria e Lima (2001) em pesquisa com escolares e universitários obtiveram uma prevalência de uso na vida de 86,8% de álcool, e 41% para tabaco entre os estudantes, a maconha e os solventes seguiram a lista com 13,9% e 11,6%, respectivamente. Os autores assinalaram uma tendência à diminuição da diferença de uso na vida entre os sexos, embora o uso pesado seja mais característico nos homens. O estudo deles também demonstrou uso crescente acompanhando a idade, com pico entre as idades de 16 e 18 anos, diminuindo aos 19 anos. O tipo de escola não apresentou associação significativa com o uso de drogas, embora as turmas com aulas noturnas tenham apresentado um consumo expressivamente maior.

Uma pesquisa com 2123 escolares de quinta à oitava séries do ensino fundamental e da primeira à terceira séries do ensino médio de Assis, SP (Guimarães et al., 2004), comparando os índices entre escolas públicas e privadas, constatou maior uso de drogas na

rede privada, considerando-se a disponibilidade financeira para aquisição. Nas escolas públicas constatou-se maior incidência de consumo nas idades acima de 16 anos, embora o índice de uso entre 16 e 18 anos tenha sido maior no ensino privado em todas as categorias. Entretanto, na faixa entre 10 e 12 anos o consumo foi maior nas escolas públicas. Um estudo transversal realizado em Ribeirão Preto, SP (Muza et al., 1997) com 1025 escolares de rede pública e privada, concluiu que o uso na vida de drogas é diferente em classes mais elevadas, onde há preferência por drogas ilícitas. O levantamento do Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas (CEBRID, Galduróz, Noto & Carlini, 1997) com escolares em 10 capitais brasileiras apontou prevalências de uso de drogas na vida sempre maiores no sexo masculino que no sexo feminino (26,8% e 22,9%, respectivamente). Outros estudos também identificaram este padrão de consumo entre jovens do sexo masculino, sendo crescente com a idade (Costa et al., 2007; Galduróz, Noto & Carlini, 1997; Muza et al., 1997; Pechansky, Szobot & Scivoletto, 2004).

O desempenho escolar foi considerado tanto fator de risco como de proteção, sendo associado ao uso de drogas. O bom desempenho escolar, valores e calor humano são considerados fatores de proteção ao uso de drogas. São considerados fatores de risco a presença de mau desempenho, faltas e reprovações, e como proteção, no caso de bom desempenho e atividades de prevenção ao uso (Costa et al., 2007; Tavares, Béria & Lima, 2001). Quanto maior o uso de drogas, menor o desempenho e a frequência na escola, portanto, considera-se que os prejuízos acadêmicos acompanham o uso de drogas, podendo ser causa ou consequência (Pechansky, Szobot & Scivoletto, 2004). Da mesma forma, o uso de drogas pelos pares e a pressão do grupo podem ser fatores de risco para o uso de drogas (Jessor et al., 1995; Pechansky, Szobot & Scivoletto, 2004).

De acordo com Pechansky, Szobot e Scivoletto (2004) são fatores de risco predisponentes à maior iniciação e continuação do uso de drogas: a falta de suporte familiar, o uso de drogas pelos pais, atitudes permissivas dos pais perante o consumo dos filhos, incapacidade de controle dos pais sobre os filhos, indisciplina e uso de drogas pelos irmãos. Elementos associados à estrutura de vida do adolescente como classe social, situação familiar, presença de somente a mãe no domicílio, trauma familiar, separações, brigas e agressões são relacionados ao uso de drogas e à intensidade do uso entre os adolescentes (Costa et al., 2007).

Em outra pesquisa com 1372 escolares de 14 a 19 anos, de escolas públicas estaduais de Feira de Santana, BA, Costa et al. (2007) consideraram a própria adolescência como faixa de risco para a experimentação e uso regular de drogas. O uso de bebidas alcoólicas foi

associado à presença de sintomas depressivos e ao baixo rendimento acadêmico. Um diferencial foi a análise da predisposição ao uso de tabaco, que se apresentou semelhante às circunstâncias de uso de álcool, considerando o consumo familiar, dos pares, baixa frequência e escolaridade, repetência e reprovação aliado ao uso da substância. O grupo de amigos, colegas da escola e familiares representaram grande influência nos adolescentes no consumo de drogas em geral.

A família tem sido citada como o ambiente com maior número de fatores de risco e de proteção para o consumo de drogas entre os adolescentes (Musito, Jiménez & Murgui, 2007). As dificuldades de comunicação familiar, conflitos frequentes, baixa coesão, castigos excessivos e o consumo pelos pais repercutem na vida dos filhos. Um bom relacionamento com os pais tem sido relacionado à autoestima dos adolescentes e à escolha das amizades, diminuindo a probabilidade de envolvimento com usuários de drogas. Em estudo com 1039 adolescentes espanhóis de 12 a 20 anos, Musito, Jiménez e Murgui (2007) concluíram que as características do funcionamento familiar, como coesão, adaptabilidade, expressividade e conflitos potencializam ou inibem autoavaliações positivas dos adolescentes e influenciam no consumo de drogas dos filhos e na autoestima destes.

Considerando a relevância da rede de apoio na vida dos adolescentes, esta pesquisa investigou a relação entre o uso de drogas e a rede de apoio social de jovens brasileiros em situação de vulnerabilidade social. Foram analisados os domínios família, escola e comunidade e sua relação com o uso de drogas.

3.2 Método

3.2.1 Delineamento

Este estudo consistiu em uma pesquisa de caráter exploratório inferencial, que investigou as relações entre rede de apoio percebida e uso de drogas entre jovens brasileiros em situação de vulnerabilidade social. Esta pesquisa está vinculada à Pesquisa Nacional sobre Fatores de Risco e Proteção da Juventude Brasileira, realizada em sete capitais brasileiras e três cidades de médio porte (Koller, Cerqueira-Santos, Morais & Ribeiro, 2005). A partir do banco de dados foram realizadas análises descritivas e inferenciais, considerando as informações biosociodemográficas dos participantes e aquelas referentes à rede de apoio social e ao uso de drogas.

3.2.2 Participantes

Participaram deste estudo 7316 jovens de ambos os sexos, com idades entre 14 e 24 anos, de nível socioeconômico baixo, residentes em sete capitais e três cidades brasileiras (São Paulo, Porto Alegre, Belo Horizonte, Campo Grande, Recife, Distrito Federal, Presidente Prudente, Arcos, Manaus e Maués). Os jovens apresentaram a idade média de 16,19 anos ($SD=1,82$), entre os quais 45,6% eram do sexo masculino e 54,3% do sexo feminino. Destes, 38,1% eram brancos, 15,8% negros, 36,6% pardos, 3,9% amarelos e 3,4% indígenas. O estado civil predominante na amostra foi de solteiros (91,7%).

3.2.3 Instrumento

O instrumento utilizado consistiu em um questionário de dados biosociodemográficos e um levantamento de fatores de risco e proteção baseado em escalas utilizadas em outras pesquisas do CEP-RUA/UFRGS, desenvolvido por Koller et al. (2006). O instrumento conteve 109 questões ou afirmações, de múltipla escolha, sob a forma de autopreenchimento, baseadas em escalas preexistentes como: Escala de Auto-Estima de Rosenberg (1989), Afeto Positivo e Negativo para Crianças (PANAS-C; Laurent, Catanzaro, Joiner, Rudolph, Potter, Lambert, Osborne & Gathright, 1999) adaptada para o Brasil (Giacomoni, 2002), Escala de Resiliência de Wagnild e Young (1993), também adaptada para o Brasil (Pesce, Assis, Avanci, Santos, Malaquias & Carvalhaes, 2005), Escala de Satisfação com a Vida de Diener, Emmons, Larsen e Griffin (1985), entre outras.

As questões foram dispostas em respostas de tipo verdadeiro ou falso, *Likert* de cinco pontos sobre intensidade e frequência, entre outras possibilidades. Através deste, foram investigados aspectos de caracterização biosociodemográfica, educação, família, saúde, sexualidade, drogas, violência, lazer, religiosidade, rede de apoio social, humor, otimismo, autoeficácia e autoestima. Para este estudo, foram analisadas somente as questões referentes à rede de apoio social, incluindo família, comunidade, escolas, e o uso de drogas.

As variáveis investigadas incluem os *dados biosociodemográficos* para a caracterização da amostra, em gênero, idade e escolaridade. Os fatores econômicos referiram-se a quem sustentava a família financeiramente, a renda familiar do domicílio, coabitação e nível de instrução dos pais.

O *uso de drogas* foi analisado com base nas questões 69, 70, 72, 73, 74 e 76. A questão 69 investigou a experimentação, uso de drogas no último ano, e no último mês,

enquanto, a questão 70 investigou de forma mais específica o uso de bebidas alcoólicas, cigarro e drogas ilícitas no último mês. As demais questões analisadas referiram-se à tentativa de parar de usar drogas (questão 72), quem ajudou o(a) jovem nesta tentativa (questão 73), qual o motivo da tentativa de parar de usar drogas (questão 74), e entre aqueles que nunca usaram drogas, quais as razões para não terem feito (questão 76).

A variável que investigou o *apoio familiar*, correspondente à questão 82, foi dividida em 19 itens, dispostos numa escala *Likert* cujas possibilidades de resposta variavam em discordo, nem concordo nem discordo e concordo. A variável *apoio escolar* foi medida pela questão 52, disposta em 18 itens, de escala *Likert* de três pontos, em discordo, nem concordo nem concordo e concordo. O apoio comunitário foi analisado através da questão 104, disposta numa escala *Likert* de três pontos, referidos como nunca, às vezes e sempre.

3.2.4 Procedimentos

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFRGS. As questões éticas referentes à pesquisa foram asseguradas quanto à integridade dos participantes, conforme consta na Resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde (Ministério da Saúde, 1996), que regulamenta a pesquisa com seres humanos e o Estatuto da Criança e do Adolescente, no que tange à pesquisa e encaminhamentos. Além disso, foi utilizado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, assegurando o sigilo das informações coletadas. Uma equipe de psicólogos foi disponibilizada aos participantes no caso de haver necessidade de atendimento gerada durante ou logo após a coleta de dados. As equipes de pesquisa foram coordenadas por uma professora doutora de universidade brasileira, constituídas por um profissional responsável pós-graduado em Psicologia (co-coordenador local) e oito a doze colaboradores, profissionais graduados em Psicologia ou estudantes da Graduação. As equipes foram permanentemente monitoradas e orientadas pela coordenação geral.

Para a constituição da amostra de jovens foram verificados os indicadores das condições sociodemográficas de cada uma das capitais e cidades. Foram utilizados os indicadores de nível socioeconômico baixo para compor a amostra e definir os bairros: 1) rendimento familiar, médio de dois salários mínimos; 2) características educacionais dos residentes (grau de instrução do chefe de domicílio, grau de instrução por faixa etária, nível de acessibilidade a equipamentos educacionais públicos – escolas e creches); 3) situação do domicílio (tipo de construção), existência de água encanada e rede de esgoto; e 4) condições de saúde da população local (susceptibilidade a doenças de veiculação hídrica, índice de

contaminação por zoonoses), com base nos dados do IBGE (Censo 2000). Para a cidade de São Paulo, além destes, foi utilizado o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), por bairro, disponibilizado pela prefeitura. As outras cidades também apresentam esse índice, mas de forma geral, não subdividido em bairros. A população pesquisada habitava nas cidades de: Recife (15,4%, $n=1126$), São Paulo (14,0%, $n=1024$), Porto Alegre (13,4%, $n=980$), Campo Grande (13,0%, $n=954$), Distrito Federal (11,7%, $n=855$), Belo Horizonte (9,4%, $n=685$), Presidente Prudente (13,3%, $n=975$), Arcos (6,0%, $n=440$), Manaus (2,2%, $n=162$) e Maués (1,6%, $n=115$).

A coleta de dados iniciou com a apresentação dos objetivos da pesquisa às escolas e instituições pelas equipes. A partir do consentimento das instituições e dos jovens, estes foram reunidos em grupos para explicação da pesquisa, em que, através da leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, foi assegurada a confidencialidade das informações.

O instrumento foi aplicado em salas com 30 a 35 alunos, acompanhados por três a quatro membros da equipe e o coordenador. Jovens que não soubessem ou pudessem ler tinham a possibilidade de acessar alguém da equipe e responder ao questionário em sala separada e com auxílio, assim como os portadores de deficiência. O tempo máximo para aplicação foi de duas horas.

3.3 Resultados

Dos 7316 jovens participantes, 95,8% indicaram ter a mãe viva, e 85,7% pai vivo. Quanto à coabitação, observou-se que 88,1% dos jovens moravam com suas mães, 59,2% deles moravam com os pais e 78,8% tinham irmãos presentes no domicílio. Também foi possível detectar a presença de avôs e avós (5,6 % e 9,6%), padrastos (9,7%), madrastas (1,9%), tios (9,1%), filhos (4,6%) e outros (7,7%) morando na mesma residência.

O sustento da casa foi atribuído ao pai (61,0%, $n=4426$) e à mãe (60,4%, $n=4382$), sendo que 88% dos jovens responderam não sustentar a casa e somente 1,7% referiram o sustento pelo companheiro ou companheira. Deste modo, foi analisada a renda familiar mensal dos participantes, representada em salários mínimos, a qual variou de menos de um salário até mais de quatro ($m=2,06$; $DP=1,01$). A concentração maior de renda foi observada na faixa de um a dois salários mínimos (65,7%).

Quanto ao nível de instrução dos participantes, observou-se que 96,8% dos jovens estavam estudando, 1,4% pararam de estudar e 0,1% (seis participantes) nunca estudaram. Entre os que estavam estudando houve uma maior frequência de alunos cursando entre a 1º e

3º anos do Ensino Médio, assim como na oitava série do Ensino Fundamental. Quanto ao nível de instrução dos pais, os dados apontam que 49,6% dos pais e 53,5% das mães não concluíram o Ensino Fundamental.

As questões específicas sobre o uso de drogas foram investigadas primeiramente de forma descritiva a fim de estabelecer o perfil da amostra. A questão 69 investigou a experimentação de drogas, o uso no último ano e no último mês. Como é possível observar na Tabela 9, as substâncias mais experimentadas foram: bebida alcoólica, cigarro, remédios e chás. O uso de drogas no ano seguiu a mesma ordem, sendo: bebida alcoólica, cigarro, remédios e chás. Da mesma forma, o uso de drogas no mês foi de bebida alcoólica, cigarro, remédios e chás.

Tabela 9

Frequências e Percentuais de Experimentação e Uso de Drogas no Ano e no Mês

Tipo de Substância	Experimentaram		Uso no ano		Uso no mês	
	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%
Vinho ou cerveja	5373	78,9	3014	56,2	1927	36,4
Outras Bebidas alcoólicas	3096	47,3	1723	33,2	1128	22,0
Cigarro	1915	29,1	822	15,9	588	11,3
Maconha	510	7,8	221	4,3	119	2,3
Haxixe	67	1,0	29	0,6	14	0,3
Cola	131	2,0	45	0,9	25	0,5
Loló	297	4,6	137	2,6	67	1,3
Lança	166	2,6	79	1,5	35	0,7
Cocaína	180	2,8	80	1,5	40	0,8
Crack	99	1,5	43	0,8	28	0,5
Remédios	1243	19,3	646	12,6	415	8,1
Chás	1149	17,9	578	11,4	375	7,4
Outros	59	1,1	31	0,7	19	0,4

A questão 70 analisou o uso de bebida alcoólica, cigarro e drogas ilícitas no último mês (ver Tabela 10). Foi observada associação significativa entre o sexo dos respondentes e o uso de bebida alcoólica ($\chi^2=6,75$; $df=1$; $p=0,009$), e drogas ilícitas ($\chi^2=9,84$; $df=1$; $p=0,02$), sendo que os participantes do sexo masculino apresentaram percentuais mais altos do que as participantes. Quanto à idade de consumo, foi observada diferença significativa no consumo

de substâncias no último mês, sendo que os jovens entre 19 e 24 anos apresentaram maior prevalência de consumo de álcool ($\chi^2=19,89$; $df=1$; $p<0,001$) e cigarro ($\chi^2=17,99$; $df=1$; $p<0,001$) que os jovens entre 14 e 18 anos.

Tabela 10

Frequências e Percentuais quanto ao Uso de Substâncias por Sexo no Último Mês

Tipo de Substância	Sexo				Faixa etária	
	Masculino		Feminino		14-18 anos	19-24 anos
	<i>F</i>	%	<i>f</i>	%	%	%
Bebida alcoólica	1299	47,0*	1427	43,6	43,9	51,7*
Cigarro	385	15,1	500	16,6	15,0	20,8*
Drogas ilícitas	136	4,7*	107	3,7	4,2	5,8

Nota: * associação significativa ($p<0,01$)

O motivo referido pelos jovens para usar drogas foi analisado através da questão 71, cujos dados são apresentados na Tabela 11. Observou-se que as respostas mais frequentes foram: porque acha legal, gostoso, divertido; esquecer a tristeza e os problemas; e para desinibir. Foi encontrada associação significativa entre sexo e os motivos de uso em: desinibição ($\chi^2=14,04$; $df=1$; $p<0,01$), sentir-se forte e corajoso ($\chi^2=19,74$; $df=1$; $p<0,01$), facilidade de acesso ($\chi^2=17,43$; $df=1$; $p<0,01$), entre os jovens do sexo masculino e entre as jovens do sexo feminino quanto a esquecer tristeza e problemas ($\chi^2=11,95$; $df=1$; $p=0,001$) e outros motivos para usar ($\chi^2=7,63$; $df=1$; $p<0,01$).

Tabela 11

Frequências e Percentuais de Motivos para Usar Drogas por Sexo

Motivos para usar drogas	Masculino		Feminino		Total	
	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%
Não sei	765	44,8	872	43,2	1637	43,9
Acha legal, gostoso, divertido	365	21,4	405	20,1	770	20,7
Desinibição	240	14,1*	202	10,0	442	11,9
Sentir-se forte e corajoso	71	4,2*	34	1,7	105	2,8
Facilidade de acesso	68	4,0*	34	1,7	102	2,7
Amigos usam	106	6,2	95	4,7	201	5,4
Esquecer a tristeza e os problemas	235	13,8	363	18,0*	598	16,1
Outros	267	15,8	386	19,3*	653	17,7

Nota: * associação significativa ($p<0,01$)

A questão 72 avaliou se os jovens tentaram parar de usar drogas e quais os tipos de drogas. Os dados são apresentados na Tabela 12. Foi observada associação significativa com o sexo dos participantes, sendo observado um percentual maior de meninas que tentaram parar de fumar cigarro ($\chi^2=7,36$; $df=1$; $p=0,007$), e um percentual maior de meninos que tentaram para de usar drogas ilícitas ($\chi^2=20,30$; $df=1$; $p<0,01$).

Tabela 12

Frequências e Percentuais de Tentativas de Parar o Uso de Substâncias por Tipo de Substância

Tipos de Substância	Masculino		Feminino		Total	
	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%
Bebida Alcoólica	534	40,4	553	37,7	1087	39,0
Cigarro	306	23,2	406	27,8*	712	25,6
Drogas ilícitas	109	8,3*	60	4,1	169	6,1
Nunca tentou	590	44,8	618	42,3	1209	43,5

Nota: * associação significativa ($p<0,01$)

A questão 73 investigou de quem os jovens obtiveram ajuda para parar de usar drogas (ver Tabela 13). Foi observada associação significativa entre sexo e as fontes de apoio, sendo que as participantes do sexo feminino apresentaram percentuais mais altos para ajuda de amigos ($\chi^2=17,13$; $df=1$; $p<0,01$), e os meninos apresentaram percentuais mais altos em tentar parar de usar drogas sozinho ($\chi^2=7,88$; $df=1$; $p=0,005$).

Tabela 13

Frequências e Percentuais quanto às Fontes de Apoio para Cessar o Uso de Substâncias

Fontes de apoio	Masculino		Feminino		Total	
	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%
Sozinho	572	74,9*	583	68,4	1155	71,5
Amigos	106	13,9	187	22,0*	293	18,2
Igreja	66	8,1	44	5,2	106	6,6
Instituição	10	1,3	11	1,3	21	1,3
Hospital/Posto	6	0,8	5	0,6	11	0,7
Família	84	11,1	93	10,9	177	11,0
Outros	30	4,0	43	5,1	73	4,6

Nota: * associação significativa ($p<0,01$)

A questão 74 investigou os motivos que os jovens tiveram para cessar o uso de drogas. Os motivos mais frequentes foram medo de viciar, saúde, porque a família é contra e porque os amigos, namorado ou namorada são contra, conforme pode ser observado na Tabela 14. As análises indicaram associação significativa entre sexo e os motivos: medo de viciar ($\chi^2=9,56$; $df=1$; $p=0,002$) e usou e passou mal ($\chi^2=11,16$; $df=1$; $p=0,001$), com percentagens mais altas para o sexo feminino; e medo da polícia ($\chi^2=6,15$; $df=1$; $p=0,013$), com percentagem mais alta para o sexo masculino.

Tabela 14

Frequências e Percentuais Quanto aos Motivos para Parar de Usar Drogas

Motivos para parar de usar drogas	Masculino		Feminino		Total	
	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%
Não sabe	120	26,6	98	23,5	218	25,1
Família é contra	88	19,5	76	18,1	164	18,9
Amigos/Namorado contra	69	15,3	65	15,5	134	15,4
Religião	39	8,6	35	8,4	74	8,5
Medo da polícia	17	3,8*	4	1,0	21	2,4
Saúde	124	27,6	109	26,1	233	26,8
Medo de viciar	150	33,3	183	43,8*	333	38,4
Usou e passou mal	25	5,6	51	12,2*	76	8,8
Outros	54	12,2	45	10,9	99	11,6

*Nota: * associação significativa ($p<0,01$)*

A questão 76 investigou os motivos pelos quais os jovens nunca usaram drogas. Os motivos mais frequentes foram saúde, medo de viciar, família é contra, amigos, namorado ou namorada é contra e religião, conforme a Tabela 15. Foi observada associação significativa entre sexo e os motivos para nunca terem usado drogas: não sabe ($\chi^2=25,82$; $df=1$; $p<0,01$), porque a família é contra ($\chi^2=45,32$; $df=1$; $p<0,01$), porque amigo/namorado ou namorada é contra ($\chi^2=12,59$; $df=1$; $p<0,01$) e medo da polícia ($\chi^2=27,37$; $df=1$; $p<0,01$), em que o sexo masculino apresentou percentagens mais elevadas. As jovens do sexo feminino apresentaram percentual mais alto na resposta outro motivo ($\chi^2=102,74$; $df=1$; $p<0,01$).

Tabela 15

Frequências e Percentuais Referentes aos Motivos para Nunca Terem Usado Drogas

Motivos para nunca ter usado drogas	Masculino		Feminino		Total	
	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%
Não sabe	561	22,2*	526	16,8	1087	19,2
Família é contra	840	33,3*	784	25,1	1624	28,7
Amigos/Namorado contra	425	16,8*	419	14,9	844	14,9
Religião	350	13,9	402	13,3	752	13,3
Medo da polícia	134	5,3*	81	2,6	215	3,8
Saúde	1154	45,7	1415	45,3	2569	45,4
Medo de viciar	807	31,9	1071	34,3	1878	33,2
Outros	550	21,9	1062	34,3*	1612	28,8

Nota: * associação significativa ($p < 0,01$)

As relações entre rede de apoio e o uso de drogas foram investigadas separadamente pelos tipos de substâncias (álcool, cigarro e drogas ilícitas). Em relação ao consumo de álcool, foram observadas diferenças significativas entre as médias dos grupos de jovens que usavam e não usavam álcool, nos três tipos de apoio investigados (familiar, escolar e da comunidade). De acordo com a Tabela 16, as médias de todos os tipos de apoio foram significativamente mais altas entre os adolescentes que não utilizavam bebidas alcoólicas. Portanto, a partir destes resultados é possível constatar que existe relação entre o apoio familiar, escolar e da comunidade e o uso de bebida alcoólica.

Tabela 16

Médias dos Tipos de Apoio entre Jovens que Usam e não Usam Bebida Alcoólica

Tipo de Apoio	Bebe (n= 2728)		Não Bebe (n= 3311)		<i>t</i>	<i>df</i>	<i>p</i>
	<i>M</i>	<i>SD</i>	<i>M</i>	<i>SD</i>			
	Apoio Familiar	22,85	3,70	23,52			
Apoio Escolar	35,63	4,46	36,87	3,98	9,78	4481	0,001
Apoio da Comunidade	8,84	2,13	9,15	2,16	5,12	5090	0,001

Quanto ao uso de cigarros, também foi possível identificar diferenças significativas no apoio familiar, escolar e da comunidade entre os grupos (Tabela 17), sendo que as médias de todos os tipos de apoio foram mais altas entre os jovens que não usavam cigarro.

Tabela 17

Médias dos Tipos de Apoio entre Jovens que Usam e não Usam Cigarro

Tipo de Apoio	Usa Cigarro (n= 886)		Não Usa Cigarro (n= 4684)		<i>t</i>	<i>df</i>	<i>p</i>
	<i>M</i>	<i>SD</i>	<i>M</i>	<i>SD</i>			
	Apoio Familiar	22,25	4,07	23,37			
Apoio Escolar	34,88	4,72	36,54	4,11	9,06	4171	0,001
Apoio da Comunidade	8,82	2,33	9,06	2,12	2,87	4936	0,004

Quanto ao uso de drogas ilícitas também foram observadas diferenças significativas no apoio familiar, escolar e da comunidade entre os grupos (Tabela 18), sendo que as médias de todos os tipos de apoio foram mais altas entre os jovens que não usavam drogas ilícitas. Estes dados indicam a relevância da rede de apoio no uso de substâncias psicoativas.

Tabela 18

Médias dos Tipos de Apoio entre Jovens que Usam e não Usam Drogas Ilícitas

Tipo de Apoio	Usa Drogas Ilícitas (n= 243)		Não Usa Drogas Ilícitas (n= 5240)		<i>t</i>	<i>df</i>	<i>p</i>
	<i>M</i>	<i>SD</i>	<i>M</i>	<i>SD</i>			
	Apoio Familiar	21,54	4,46	23,31			
Apoio Escolar	33,49	5,60	36,44	4,13	9,02	4126	0,001
Apoio da Comunidade	8,64	2,53	9,05	2,13	2,68	4874	0,007

3.4 Discussão

Os dados sociodemográficos da amostra apontam as características do contexto onde os participantes do estudo estão inseridos. Pode-se observar a presença de inúmeros fatores de risco, tais como baixa renda familiar, número grande de pessoas habitando no mesmo domicílio, baixa escolaridade dos pais, além de uma alta incidência de uso de drogas entre os jovens. Estes dados referem-se a características de vulnerabilidade social e fatores de risco contextuais importantes na amostra. Assim como referido por Abramovay et al. (2002) a vulnerabilidade social é identificada pelo resultado negativo da relação entre a disponibilidade de recursos materiais e simbólicos e o acesso à estrutura de oportunidades sociais, econômicas e culturais. O nível socioeconômico, a evasão e defasagem escolar, além da falta de

informação e o diálogo na família são indicados como fatores de risco para o uso de drogas entre adolescentes (Sanchez, Oliveira & Nappo, 2005).

A análise sobre os tipos de drogas experimentadas, usadas no último ano e no último mês, indicou maior prevalência de uso de álcool, cigarro, remédios e chás. Comparando estes dados com outros estudos epidemiológicos, foi possível verificar que álcool, cigarro e medicamentos são substâncias de preferência de consumo entre os jovens (Andrade et al., 1997; Costa et al., 2007; Guimarães et al., 2004; Tavares, Béria & Lima, 2001). Algumas diferenças foram encontradas no que se refere ao uso de solventes, maconha e chás. Os estudos epidemiológicos na população jovem brasileira assinalam a maconha e os solventes como terceira ou quarta substância de escolha entre jovens (Guimarães et al., 2004; Muza et al., 1997), enquanto neste estudo a maconha apresentou uma frequência de uso mais baixa.

Nas análises específicas quanto ao uso de substâncias no último mês, pôde-se observar uma frequência maior no uso de bebida alcoólica, seguida pelo cigarro e por drogas ilícitas, o que também é apontado em estudos nacionais e internacionais de prevalência de uso de substâncias (Babor & Caetano, 2005; Vieira, Ribeiro, Romano & Laranjeira, 2007). Considera-se que o uso de álcool e tabaco tem sua prevalência associada às questões de mídia e facilidade de acesso, por serem drogas lícitas, expondo especialmente a população jovem à maior risco de consumo (Pinsky & Pavarino Filho, 2007).

Além disso, foram observadas diferenças significativas entre os participantes quanto ao sexo, com frequências mais altas para os jovens do sexo masculino tanto no uso de álcool como no uso de drogas ilícitas. Quanto ao uso de cigarro no último mês não foi observada diferença nas frequências entre os sexos. Este dado também foi encontrado em outras pesquisas similares (Baus, Kupek & Pires, 2002; Carlini, Galduróz, Noto, Nappo, 2002; Horta et al., 2007; Lemos, Neves, Kuwano et al., 2007; Muza et al., 1997; Souza, Areco & Silveira Filho, 2005). Entretanto, a pesquisa de Guimarães et al. (2004) não encontrou diferença significativa entre os sexos para o uso de bebida alcoólica e tabaco. Por outro lado, Horta et al. (2007) observaram diferença significativa para o consumo de tabaco, em que as jovens do sexo feminino apresentaram maior prevalência de uso que os rapazes. Quanto ao uso de drogas ilícitas, assim como na presente amostra, estudos identificaram o maior consumo entre os jovens do sexo masculino (Carlini et al., 2002; Guimarães et al., 2004; Horta et al., 2007; Muza et al., 1997), embora o estudo de Horta et al. (2007) assinalasse que a experimentação destas substâncias não se distinguiu significativamente pelo sexo dos jovens.

Quanto à prevalência de uso foi observada diferença significativa em termos de faixa etária, sendo que os jovens entre 19 e 24 anos apresentaram maior consumo no último mês

que os jovens entre 14 e 18 anos. Este é um resultado esperado, considerando que a lei brasileira define a proibição de venda de bebidas alcoólicas para menores de 18 anos (Lei nº 9.294, de 15 de julho de 1996, art. 3º, inciso IX). Entretanto, outros estudos referem que a idade de experimentação e consumo de substâncias têm sido cada vez menor entre os jovens, entre 10 e 12 anos (Guimarães et al., 2004; Horta et al., 2007; Pechansky, Szobot & Scivoletto, 2004; Tavares, Béria & Lima, 2001). Estes resultados foram associados à facilidade de acesso e à mídia, responsabilizados pela imagem positiva que as substâncias psicoativas apresentam perante a sociedade, especialmente aos jovens (Costa, et al., 2007). Outros fatores citados referem-se às mensagens contraditórias enviadas aos jovens quanto ao uso de drogas, proibindo o uso por menores de idade, mas apresentando atitudes permissivas e não punitivas em relação ao uso de drogas por eles (Steinberg, 1999).

Os motivos mais frequentes apontados pelos jovens para usar drogas foram: “achar legal”, desinibição e esquecer a tristeza e os problemas. As motivações para o uso de substâncias foram classificadas por Coleman e Carter (2005) em três categorias fundamentais: facilitação social, benefícios individuais, e influências e normas sociais, também observadas na amostra. Foi verificada diferença significativa quanto ao sexo, sendo que os meninos referiram mais os motivos de desinibição, sentir-se forte e corajoso e facilidade de acesso, enquanto as meninas assinalaram mais o motivo esquecer a tristeza e os problemas. Estes motivos também foram encontrados no estudo de Silber e Souza (1998) que afirmam que o uso de drogas está associado à noção de desinibição, pressão social, intenção de fazer uma “figura importante”, ser gostoso e divertido, tirar a timidez e servir para escapar do sofrimento. Da mesma forma, Peuker, Fogaça e Bizarro (2006) encontraram resultados semelhantes em amostra com estudantes universitários, em que as expectativas apresentadas pelos indivíduos a respeito do uso de álcool também se referiam à facilitação das interações sociais, e à diminuição e/ou fuga de emoções negativas, entre outros. As motivações para o uso de drogas assinaladas pelos jovens da presente amostra apresentaram diferenciação de gênero, em que as respostas masculinas tenderam a questões de socialização, e as respostas femininas a questões de conflitos internos. Resultados semelhantes foram encontrados por Traverso-Yépez e Pinheiro (2005) enfatizando que os meninos referiram maior pressão social para serem adultos, provedores, fortes e sociáveis, e as meninas afirmaram serem mais reclusas, protegidas e responsabilizadas por questões domésticas. Steinberg (1999) refere uma tendência a desordens internalizantes entre as meninas, expressa em sintomas de depressão e tristeza, enquanto os meninos apresentam maior tendência a desordens externalizantes, como

o desenvolvimento de comportamentos delinquentes e agressivos, sendo que ambos os tipos de desordens podem estar associadas ao uso de drogas.

No que se refere à tentativa de parar de usar drogas foram observadas diferenças significativas nas respostas entre os jovens do sexo masculino e do sexo feminino. Os meninos indicaram haver tentado parar de usar drogas ilícitas mais do que as meninas que, por sua vez, apresentaram maior número de tentativas de cessar o uso do cigarro. A maior prevalência de tentativas de parar o uso de substâncias pode estar diretamente relacionada à prevalência de consumo destes indivíduos. Quanto às drogas ilícitas, estas tentativas podem se referir a fatores inibidores como o caráter de ilegalidade e perigo, e as múltiplas consequências do uso destas substâncias, especialmente presentes entre os jovens do sexo masculino como brigas, aprisionamento e morte (Noto & Galduróz, 1999; Stanistreet, Gabbay, Jeffrey & Taylor, 2004). Quanto à diferença entre meninos e meninas em parar de usar cigarro, vários estudos referem maior prevalência de consumo de cigarro entre mulheres, sendo influenciado por questões de mídia, pares, família e repetição de comportamentos aprendidos nestes contextos (Fraga, Ramos & Barros, 2006; Horta, et al., 2007). Entretanto, outros estudos apontaram resultados diferentes, indicando que os meninos não só são mais expostos ao cigarro e consomem mais, como também são aqueles que mais decidem parar de fumar (Warren, Riley, Asma, Eriksen, Green, Blanton, Loo, Batchelor & Yach, 2000).

Quanto à ajuda que obtiveram ao parar de usar drogas, as fontes de apoio mais frequentemente citadas foram: amigos, família e igreja. Bahr, Hoffmann e Yang (2005) afirmam que a decisão de usar drogas e parar de usá-las é influenciada por uma variedade de forças sociais, e, embora a influência dos pares seja válida, ela não exclui as variáveis de influência familiar. O apoio da igreja constituiu-se historicamente, seguindo-se à escola como parte da estrutura da comunidade na rede de apoio (Kreutz, 2000). As instituições religiosas passaram a desenvolver projetos para tornar-se reconhecidas, especialmente nas comunidades mais pobres (Valla, 1999), e, atualmente, apresentam-se aos jovens com uma linguagem e forma de comunicação de apoio diferenciada para efetivamente alcançar esta população (Refkalefsky & Durães, 2007).

Foram observadas diferenças significativas nas médias quanto às fontes de apoio para cessar o uso de drogas e o sexo dos participantes, sendo que, a maioria dos jovens do sexo masculino referiu ter tentado sozinho. Para entender este processo é necessário considerar que o estabelecimento da rede é delimitado por crenças individuais sobre dar e receber ajuda (Lever & Martínez, 2007), e, portanto, a falta de reconhecimento de apoio pode indicar a inexistência do mesmo ou uma dificuldade de reconhecer a rede de apoio disponível. As

meninas, por sua vez, referiram ter recebido a ajuda de amigos na tentativa de parar de usar drogas. Este dado revela a importância de considerar que existem outros elementos associados ao grupo de relações e ao tipo de pressão que os pares exercem sobre os jovens. A influência dos pares é comumente caracterizada como negativa, induzindo ao uso de drogas (Bahr, Hoffmann & Yang, 2005; McIntosh, MacDonald & McKeganey, 2003). Entretanto, a presente amostra apontou uma influência positiva em termos de parar de usar drogas, o que possibilita outras interpretações quanto ao poder da influência dos pares. Alguns autores afirmam que a escolha dos pares é baseada nas relações anteriores com a família e suas concepções sobre o uso de drogas, o que pode indicar a direção da influência que os pares exercerão sobre os jovens (McIntosh, MacDonald & McKeganey, 2003).

Os motivos mais frequentes para cessar o uso de drogas foram: medo de viciar, saúde, “família é contra” e “amigos/namorado ou namorada são contra”. Foi observada diferença significativa nas médias dos motivos para parar o uso de drogas e o sexo dos participantes. As meninas apontaram mais os motivos “medo de viciar” e “usou e passou mal”, enquanto os meninos referiram o medo da polícia. Os motivos citados pelas jovens identificaram noções de integridade física, podendo estar associados a questões culturais de cuidado e proteção mais relacionados socialmente ao sexo feminino. Os meninos, por sua vez, assinalaram mais o motivo “medo da polícia”, corroborando dados de outras pesquisas que indicaram que os jovens do sexo masculino apresentam mais problemas com a polícia e comportamento violento (Giusti, Sañudo & Scivoletto, 2002). Dessa forma, observa-se que os resultados refletem questões culturais relacionadas à tipificação sexual, presentes na sociedade.

Entre os motivos para nunca haver usado drogas, os mais frequentes foram: saúde, “medo de viciar”, “família é contra” e outros. Foi observada diferença significativa entre os motivos para não usar drogas e o sexo dos participantes. Os jovens do sexo masculino referiram mais a família, amigos ou namorada ser contra e medo da polícia do que as meninas. Dessa forma, pode-se observar que as restrições sociais, as atitudes da família e dos pares em relação às drogas influenciam o comportamento dos jovens. As famílias que têm atitudes permissivas em relação ao uso de drogas apresentam fator de risco para o desenvolvimento deste comportamento nos filhos (Pechansky, Szobot & Scivoletto, 2004). Pode-se considerar, pela presente amostra, que o fato de a família, amigos e/ou namorada serem contra o uso serviu como fator de proteção para os jovens em relação ao comportamento de usar drogas.

Na análise da relação entre os diferentes tipos de apoio e o uso de drogas, foi possível observar que todos apresentaram diferença significativa na média entre os jovens que usavam

as substâncias e aqueles que não usavam. O apoio familiar foi associado a não usar bebidas alcoólicas, cigarro e drogas ilícitas. Da mesma forma, Newman, Harrison, Dashiff e Davies (2008) e Wills et al. (1996) identificaram que a influência da família contribui para as habilidades adaptativas através do desenvolvimento de competências e protege de eventos adversos, diminuindo o risco de uso de drogas. O controle social usado pelas famílias, o apoio e a referência que estas exercem sobre os filhos são indicados por Burcu (2003) como importantes fatores de proteção para o uso de drogas. Além disso, Schenker e Minayo (2003) afirmam que as famílias desempenham um papel importante na criação de condições de fatores de proteção comunicando normas sociais salutaras. Alguns aspectos como o estabelecimento de regras e limites claros e coerentes, o diálogo, fortes vínculos familiares, monitoramento e supervisão, apoio e comunicação são elementos importantes para caracterizar o apoio da família e a prevenção do uso de drogas (Bahr, Hoffmann & Yang, 2005; McIntosh, MacDonald & McKeganey, 2003; Pratta & Santos, 2006; Sanchez, Oliveira & Nappo, 2005; Schenker & Minayo, 2003).

Por outro lado, alguns estudos apontam a falta de apoio familiar como um fator de risco para o uso de drogas (Burcu, 2003; Schenker & Minayo, 2005). A ausência de investimento nos vínculos que unem pais e filhos, práticas disciplinares inconsistentes, permissividade excessiva, educação autoritária, entre outros, aumentam o risco de uso de drogas entre adolescentes (Schenker & Minayo, 2005). Bahr, Hoffmann e Yang (2005) afirmaram que quanto maior a tolerância dos pais em relação ao uso de drogas, maior a chance dos adolescentes escolherem amigos que usam drogas. A percepção dos adolescentes quanto ao estilo parental dos pais como negligentes ou autoritários, mesmo que equivocada, também indica fator de risco para o uso de drogas (Newman et al., 2008).

O apoio escolar é referido como outro fator de proteção importante ao uso de drogas, sendo que, nesta amostra, os jovens que não usavam drogas apresentaram maior média de apoio. O apoio escolar pode ser considerado um fator de proteção que se segue à proteção oferecida pela família (Bahls & Ingbermann, 2005; Giusti, Sañudo & Scivoletto, 2002). Ele é identificado nos vínculos entre escola, professores e alunos e por variáveis de desempenho (Bahls & Ingbermann, 2005; Dewey, 1999). Por outro lado, a baixa escolaridade e os problemas na escola são referidos como fatores de risco ao uso de drogas entre os jovens, bem como consequências deste uso (Bahls & Ingbermann, 2005; Giusti, Sañudo & Scivoletto, 2002; Horta, et al., 2007; Soldera, Dalgalarrodo, Corrêa Filho & Silva, 2004). As dificuldades de desempenho escolar podem estar associadas às alterações neuropsicológicas

causadas pelas substâncias, algum tipo de desajustamento social, problemas de conduta, dificuldade de disciplina e baixa autoestima (Soldera et al., 2004, Schneker & Minayo, 2005).

Quanto ao apoio da comunidade, este também apresentou diferença significativa nas médias tanto em jovens que usavam quanto nos que não usavam drogas, sendo que as médias de apoio foram maiores para aqueles que não usavam. A questão investigou a percepção dos jovens da amostra quanto ao sentimento de pertencimento à comunidade, confiança em vizinhos, serviços e organizações comunitárias. As pesquisas relatam experiências de programas comunitários que contribuíram para a prevenção ao uso de drogas entre os jovens oferecendo atividades no tempo livre e trabalhos associados ao Posto de Saúde (Faustini, Novo, Cury & Juliano, 2003; Marques & Furtado, 2004). Entretanto, alguns autores apontam a escassez de serviços na comunidade que apoiem os jovens, bem como a falta de recursos e infraestrutura apropriada para diminuir o risco social, a vulnerabilidade ao uso de drogas e a violência (Dimenstein, Lima, Moura, Brito, Cardoso & Medeiros, 2005; Muza & Costa, 2002, Schenker & Minayo, 2005).

3.5 Considerações Finais

A análise dos dados referentes ao uso de drogas e a rede de apoio social demonstrou diferenças no uso de drogas entre os sexos e uma relação importante com o apoio familiar, escolar e da comunidade. Identificou-se uma alta incidência de uso de drogas na presente amostra, sendo que as motivações dos jovens de ambos os sexos para usar drogas foram associadas a questões pessoais (desinibição, sentir-se forte e corajoso, esquecer a tristeza e os problemas), as quais podem estar vinculadas a dificuldades de socialização e resolução de problemas, aspectos importantes na adolescência e juventude.

As diferenças de gênero, entretanto, foram muito presentes na amostra. Foi observado maior consumo de bebidas alcoólicas e drogas ilícitas entre os jovens do sexo masculino. A facilidade de acesso foi referida por eles como um fator de motivação importante. No que se refere a parar de usar drogas, os jovens do sexo masculino citaram mais tentativas sem a ajuda de outros, enquanto as jovens referiram ter recebido a ajuda de amigos neste processo. Verificou-se, portanto, uma diferença de gênero relevante na percepção da rede de apoio, sendo que os meninos não identificaram ou não buscaram a rede como ajuda nessas tentativas. As meninas, por sua vez, afirmaram ter obtido a ajuda de amigos, o que ressalta a atuação do apoio dos pares como influência positiva nesse processo de relação com as drogas.

Os motivos apresentados pelos jovens para cessar o uso de drogas também foram diferenciados por questões de gênero e referiram-se a questões individuais e sociais. As jovens relataram o medo de viciar e o fato de haverem usado e se sentido mal, indicando conhecimento sobre os prejuízos causados pelas drogas, seja por meio de informações ou por experiência com as substâncias. Por outro lado, os motivos apresentados pelos jovens para nunca terem usado drogas referiram-se eminentemente às questões de regulação social: família, amigos, namorada ou namorado são contra e medo da polícia. Estes dados assinalam tendências de gênero à decisões baseadas em conflitos internalizantes, no caso das meninas, e externalizantes, no caso dos meninos. (Steinberg, 1999). Além disso, pode-se inferir que o contexto social e a educação quanto aos riscos e prejuízos do uso de drogas podem auxiliar na prevenção de tais comportamentos. Pesquisas referem que proporcionar conhecimento sobre os prejuízos do uso de álcool e tabaco e estabelecer leis efetivas diminui o consumo destas substâncias, sobretudo entre os jovens (Babor & Caetano, 2005; Pinsky & Pavarino Filho, 2007).

A rede de apoio, avaliada através do apoio familiar, escolar e da comunidade, apresentou grande relação com o uso de drogas. Identificou-se que quanto maior a percepção de apoio nestes domínios pelos jovens, menor a média de uso de drogas. No entanto, não se pode afirmar qual é a direção desta relação, ou seja, se os adolescentes que usam drogas percebem menos o apoio ou se por perceberem menos apoio acabam se encontrando numa situação de maior risco para o uso de substâncias. Entende-se que além de oferecer uma rede de apoio capacitada para ajudar efetivamente os jovens, eles também precisam perceber esta rede como fonte de ajuda, tendo em vista que de acordo com Brito e Koller (1999) e Cramer, Henderson e Scott (1997) a percepção da rede é tão importante quanto sua disponibilidade.

Os diferentes apoios e a associação com o não uso de drogas foram dados relevantes assinalados na presente pesquisa. Entretanto, no que diz respeito ao apoio aos jovens para cessar o uso de substâncias, tendo eles referido o apoio dos amigos, família e igreja, outras questões se sobressaem. O apoio dos pares nesse processo foi indicado especialmente pelas jovens do sexo feminino, enquanto os meninos referiram não ter tido ajuda. Considera-se que os pares, nesta faixa etária, são originários prioritariamente das relações na escola e na comunidade, e, portanto, encontra-se um elemento a ser trabalhado a fim de que este apoio não seja só relacionado ao não uso de substâncias, mas se estenda às tentativas de cessar este uso. Se a percepção do apoio dos pares, família e comunidade se estende à todas as situações de uso e não uso de drogas, possibilita-se uma ampliação da rede como uma fonte de apoio para o jovem em qualquer situação.

Considerando a importância da rede de apoio para o desenvolvimento dos jovens e sua relação com o uso de drogas, sugerem-se estudos mais específicos quanto aos tipos de apoio e sua influência no desenvolvimento deste comportamento, especialmente estudos que apontem a direção desta relação. Assim também, sugerem-se a realização de estudos longitudinais que avaliem a rede de apoio e o desenvolvimento de comportamentos de risco e uso de drogas.

Capítulo IV

Conclusões

A partir desta pesquisa foi possível identificar a relevância da rede de apoio e também a sua relação com o uso de drogas entre os jovens da amostra. A situação de vulnerabilidade dos participantes foi expressa através de dados coletados, tais como a média de renda familiar de dois salários mínimos, a presença de muitas pessoas no domicílio, baixo nível de instrução dos pais e a alta incidência de uso de drogas. Considerando a definição de vulnerabilidade social como o resultado negativo da relação de disponibilidade de recursos materiais e a estrutura de oportunidades sociais, econômicas e culturais (Abramovay et al., 2002), entende-se que famílias com pouca renda precisam despende mais tempo e esforços para alcançar os recursos básicos para sustento da casa. A percepção do apoio familiar pelos jovens foi associada à renda familiar, em que quanto maior a renda, maior a percepção de apoio. A associação entre a renda familiar e a percepção de apoio pode se referir à disponibilidade de tempo e recursos da família.

Foram observadas questões específicas de gênero em ambos os estudos. As meninas apresentaram maior percepção de apoio da escola, sendo que a origem das suas amigas também foi o ambiente escolar. Elas assinalaram maior expectativa e confiança no apoio de instituições, e embora desejassem mais apoio social dos pais, pois tanto não recebiam quanto não proporcionavam este tipo de apoio aos seus amigos. Os meninos, por sua vez, apresentaram maior média de apoio da comunidade, sendo que as amigas se originavam da rua e do bairro. Estes dados podem referir-se a questões culturais, em que os rapazes são culturalmente liberados para a vida em comunidade, e as meninas são mais protegidas, sendo mantidas por mais tempo em casa. A diferença de média em relação ao apoio escolar pode estar associada ao estabelecimento de vínculo entre a escola, professores e alunos e a representação de gênero neste ambiente. Uma das hipóteses é que as meninas se adaptam melhor à estrutura da escola do que os meninos, o que facilitaria a interação e a vinculação destas com a instituição (Carvalho, 2003).

Outras diferenças de gênero foram encontradas quanto ao uso de drogas. Os meninos apresentaram maior uso de bebida alcoólica e drogas ilícitas que as meninas, por outro lado, o uso de cigarro não apresentou diferenças significativas. Este dado pode estar associado às amigas e ao tipo de situações a que são expostos considerando os ambientes que

freqüentam. Outra diferença importante encontrada refere-se aos motivos para usar, nunca ter usado e cessar o uso de drogas, em que as jovens referiram questões vinculadas a conflitos internalizantes, como usar drogas para esquecer a tristeza e os problemas, e parar de usar por medo de viciar e por ter usado e sentido mal estar. Os meninos, por sua vez, indicaram questões externalizantes, como usar drogas para desinibir, sentir-se forte e corajoso, pela facilidade de acesso, e parar de usar drogas por medo da polícia. Os motivos para nunca terem usado drogas seguiram o mesmo padrão de respostas, sendo que os meninos apontaram o medo da polícia, família, amigos e namorada ou namorado serem contra o uso de drogas. A partir disso, pode-se entender a existência de tendências diferentes quanto ao gênero, tanto para usar quanto para cessar o uso de drogas.

Em termos de apoio para cessar o uso de drogas, outra diferença significativa quanto ao sexo dos participantes foi identificada, de maneira que as jovens apontaram o apoio dos pares como importante neste processo, enquanto os rapazes indicaram haver tentado parar de usar drogas sozinhos, sem a ajuda de outros. Este resultado assinala a importância dos pares como fonte de apoio em relação ao uso de drogas, especialmente para meninas, além de trazer a questão de porque os meninos não reconheceram esta mesma ajuda em seus pares. Esta percepção pode estar relacionada com a origem das amizades, sendo que as meninas apresentaram mais amizades provindas da escola enquanto os meninos apresentaram mais amizades da rua e do bairro. Entretanto, considerando que as meninas reconheciam maior apoio na escola e os meninos reconheciam maior apoio na comunidade, é importante identificar que tipo de apoio estes jovens percebiam receber destes ambientes.

A associação entre apoio e uso de drogas foi significativa, de modo que, as médias de apoio familiar, escolar e da comunidade foram maiores entre os jovens que não usavam drogas. No entanto, não se pode determinar a relação da associação, ou seja, se a percepção de apoio faz com que o jovem não use drogas ou se o fato de não usar drogas permite ao jovem reconhecer melhor a rede de apoio que possui. Este é um resultado importante em termos de avaliação da rede de apoio, porque mesmo que não determine a direção da relação, a existência da rede de apoio e a presença de uma relação efetiva assinalam um caminho para o desenvolvimento de outras pesquisas e a realização de projetos de prevenção e intervenção com os jovens em situação de vulnerabilidade social.

O contexto dos jovens brasileiros também envolve a exposição às propagandas de drogas lícitas direcionadas a população jovem, facilidade de acesso às drogas e uma cultura permissiva com leis e aplicações contraditórias. Pinsky e Pavarino Filho (2007) assinalaram que o estabelecimento de leis claras e rigorosas tem efeito protetivo em jovens, coibindo o uso

de drogas. Os fatores de proteção identificados nesta pesquisa referiram-se à regulação social (como a família, amigos e namorados serem contra o uso de drogas), e preocupação com saúde e bem-estar individual (informações quanto aos malefícios e consequências do uso de substâncias psicoativas), sendo que estes podem oferecer uma direção para a elaboração de projetos de prevenção e intervenção quanto ao uso de drogas.

Os dados de ambos os estudos refletem questões culturais relacionadas à tipificação de gênero, presentes em nossa sociedade, além de assinalar a importância da rede de apoio social como uma teia de proteção e facilitadora do desenvolvimento destes jovens. A rede de apoio demonstrou-se um fator de proteção importante na vida dos jovens, tanto em termos de relação com o uso de não uso de drogas, como em termos de ajudá-los nas tentativas de parar de usar drogas.

O papel da rede de apoio e sua influência na vida dos jovens brasileiros devem ser mais investigados. É importante que novos estudos possam analisar especificamente quais os tipos de apoio, emocional, instrumental ou informacional, jovens que vivem em situação de vulnerabilidade social percebem receber de sua família, escola e comunidade e quais desejariam ter. Sugerem-se também estudos específicos sobre a rede de apoio e o uso de drogas que possam esclarecer questões referentes aos tipos de apoio mais relevantes nesta relação. Indica-se a realização de estudos que determinem a relação da influência dos domínios da rede, como família, escola, comunidade e pares e o uso de drogas, e também, estudos de caráter longitudinal analisando o estabelecimento, manutenção e influência da rede de apoio e a relação com o uso de drogas ao longo do desenvolvimento.

Referências

- Abramovay, M., Castro, M. J., Pinheiro, L. C., Lima, F. S. E. & Martinelli, C. C. (2002). *Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina: desafios para políticas públicas*. Brasília: UNESCO, BID.
- Allan, G. (1998). Friendship, sociology and social structure. *Journal of Social and Personal Relationships*, 15, 685-702.
- Andrade, A. G., Queiroz, S., Villaboim, R. C. M., César, C. L. G., Alves, M. C. G. P. & Bassit, A. Z. (1997). Uso de álcool e drogas entre alunos de graduação da Universidade de São Paulo (1996). *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 19, 53-59.
- Andrade, C. R., Chor, D., Faerstein, E., Griep, R. H., Lopes, C. S. & Fonseca, M. J. M. (2005). Apoio social e auto-exame das mamas no Estudo Pró-Saúde. *Cadernos de Saúde Pública*, 21(2), 379-386.
- Andrade, G. R. B. & Vaitsman, J. (2002). Apoio social e redes: Conectando solidariedade e saúde. *Revista Ciência & Saúde Coletiva*, 7(4), 925-934.
- Antonucci, T. C. & Jackson, J. S. (1987). Social support, interpersonal efficacy, and health: A life course perspective. In L. L. Carstensen & B. A. Edelstein (Ed.), *Handbook of clinical gerontology* (pp. 291-311). New York: Pergamon Press.
- Antunes, C. & Fontaine, A. M. (2005). Percepção de apoio social na adolescência: Análise fatorial confirmatória da escala *Social Support Appraisals*. *Paidéia*, 15(32), 355-366.
- Avanci, J. O., Assis, S. G., Santos, N. C. & Oliveira, R. V. C. (2005). Escala de violência psicológica contra adolescentes. *Revista de Saúde Pública*, 30(5), 702-708.
- Babor, T. F. & Caetano, R. (2005). Evidence-based alcohol policy in the Americas: Strengths, weaknesses, and future challenges. *Revista Panamericana de Salud Publica*, 18(4/5), 327-337.
- Bahls, F. R. C. & Ingbermann, Y. K. (2005). Desenvolvimento escolar e abuso de drogas na adolescência. *Estudos de Psicologia*, 22(4), 395-402.
- Bahr, S. J., Hoffmann, J. P. & Yang, X. (2005). Parental and peer influences on the risk of adolescent drug use. *The Journal of Primary Prevention*, 26(6), 529-551.
- Bao, W. N., Haas, A. & Pi, Y. (2007). Life strain, coping, and delinquency in the people's Republic of China: An empirical Test of General Strain Theory from a matching perspective in social support. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, 51(9), 8-24.

- Barbosa, M. T. S., Byington, M. R. L. & Struchiner, C. J. (2000). Modelos dinâmicos e redes sociais: Revisão e reflexões a respeito de sua contribuição para o entendimento da epidemia do HIV. *Cadernos de Saúde Pública*, 16(Sup. 1), 37-51.
- Bass, L. A. & Stein, C. H. (1997). Comparing the structure and stability of network ties using the Social Support Questionnaire and the Social Network List. *Journal of Social and Personal Relationships*, 14, 123-132.
- Baus, J., Kupek, E. & Pires, M. (2002). Prevalência e fatores de risco relacionados ao uso de drogas entre escolares. *Revista de Saúde Pública*, 36(1), 40-46.
- Belgrave, F. Z. (2002) Relational theory and cultural enhancement interventions for African American adolescent girls. *Public Health Reports*, 117(1), 576-581.
- Bochi, S. C. M. & Ângelo, M. (2008). Between freedom and reclusion: Social support as a quality-of-life component in the family caregiver-dependent person binomial. *Rev. Latino-Americana de Enfermagem*, 16(1), 15-23.
- Brito, R. & Koller, S. H. (1999). Desenvolvimento humano e redes de apoio social e afetivo. In A. M. Carvalho (Ed.), *O mundo social da criança: Natureza e cultura em ação* (pp. 115-129). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Bronfenbrenner, U. (1979/1996). *A ecologia do desenvolvimento humano: Experimentos naturais e planejados*. Porto Alegre: Artes Médicas. (Originalmente publicado em 1979).
- Bronfenbrenner, U. (2005). *Making human beings human: Bioecological perspectives on human development*. Thousand Oaks: Sage Publications.
- Burcu, E. (2003). Alcohol and drug use in young apprentices: Effect of social control in the family. *Journal of Youth and Adolescence*, 32(4), 291-299
- Câmara, S. G. & Carlotto, M. S. (2007). Coping e gênero em adolescentes. *Psicologia em Estudo*, 12(1), 87-93.
- Carlini, E. A., Galduróz, J. C. F., Noto, A. R. & Nappo, S. A. (2002). *I levantamento domiciliar sobre o uso de drogas psicotrópicas no Brasil*. São Paulo: Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas.
- Carvalho, M. P. (2001). Mau aluno, boa aluna? Como as professoras avaliam meninos e meninas. *Revista Estudos Feministas*, 9(2), 554-574.
- Carvalho, M. P. (2003). Sucesso e fracasso escolar: Uma questão de gênero. *Educação e Pesquisa*, 29(1), 185-193.
- Chaves, A. M., Guirra, R. C., Borrione, R. T. M. & Simões, F. G. A. (2003). Significados de proteção a meninas pobres na Bahia do século XIX. *Psicologia em Estudo*, 8, Num. Esp., 85-95.

- Chor, D., Griep, R. H., Lopes, C. S. & Faerstein, E. (2001). Medidas de rede e apoio social no Estudo Pró-Saúde: Pré-testes e estudo piloto. *Cadernos de Saúde Pública*, 17(4), 887-896.
- Coleman, L. & Catter, S. (2005). Underage 'binge' drinking: A qualitative study into motivations and outcomes. *Drugs: Education, Prevention and Policy*, 12(2), 125-136.
- Costa, M. C., Alves, M. V., Santos, C. A., Carvalho, R. C., Souza, K. E. & Souza, H. L. (2007). Experimentação e uso regular de bebidas alcoólicas, cigarros e outras substâncias psicoativas/SPA na adolescência. *Ciência e Saúde Coletiva*, 12(5), 1143-1154.
- Cramer, D., Henderson, S. & Scott, R. (1997). Mental health and desired social support: A four-wave panel study. *Journal of Social and Personal Relationships*, 14, 761-775.
- Dessen, M. A. & Braz, M. P. (2000). Rede social de apoio durante transições familiares decorrentes do nascimento de filhos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 16(3), 221-231.
- Dewey, J. (1999). Reviewing the relationship between school factors and substance use for elementary, middle, and high school students. *The Journal of Primary Prevention*, 19(3), 177-225.
- Diener, E., Emmons, R. A., Larsen, R. J. & Grifin, S. (1985). The satisfaction with life scale. *Journal of Personality Assessment*, 49, 71-75.
- Dimenstein, M., Lima, E. B., Moura, A., Brito, M., Cardoso, R. & Medeiros, V. (2005). Bases de apoio familiares e comunitárias como estratégia de enfrentamento à violência. *Revista PSICO*, 36(1), 55-63.
- Drapela, L. A. (2006). The effect of negative emotion on licit and illicit drug use among high school dropouts: An empirical test of general strain theory. *Journal of Youth and Adolescence*, 35(5), 755-770.
- Faustini, D. M. T., Novo, N. F., Cury, M. C. F. S. & Juliano, Y. (2003). Programa de orientação desenvolvido com adolescentes em centro de saúde: Conhecimentos adquiridos sobre os temas abordados por uma equipe multidisciplinar. *Ciência e Saúde Coletiva*, 8(3), 783-790.
- Fleith, D. S. & Alencar, E. M. L. S. (2006). Percepção de alunos do ensino fundamental quanto ao clima de sala de aula para criatividade. *Psicologia em Estudo*, 11(3), 513-521.
- Fraga, S., Ramos, E. & Barros, H. (2006). Uso de tabaco por estudantes adolescentes portugueses e fatores associados. *Revista de Saúde Pública*, 40(4), 620-626.
- Galduróz, J. C. F., Noto, A. R. & Carlini, E. A. (1997). IV Levantamento sobre o uso de drogas entre estudantes de 1º e 2º graus em 10 capitais brasileiras – 1997. São Paulo: Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas – CEBRID/Escola Paulista de Medicina – EPM.

- Garnezy, N. & Masten, A. (1994). Chronic adversities. In M. Rutter, E. Taylor & L. Herson (Eds.), *Child and adolescent psychiatry* (pp. 191-207). Oxford: Blackwell.
- Giacomoni, C. H. (2002). *Bem-estar subjetivo infantil: Conceito de felicidade e construção de instrumentos para avaliação*. Dissertação não publicada. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil.
- Giusti, J. S., Sañudo, A. & Scivoletto, S. (2002). Differences in the pattern of drug use between male and female adolescents in treatment. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 24(2), 80-82.
- Goldsmith, D. J. & Dun, S. A. (1997). Sex differences and similarities in the communication of social support. *Journal of Social and Personal Relationships*, 14, 317-337.
- Gomes, V. F. & Bosa, C. (2004). Estresse e relações familiares na perspectiva de irmãos de indivíduos com Transtornos Globais do Desenvolvimento. *Estudos em Psicologia*, 9(3), 553-561.
- Gonçalves, L. A. O. & Sposito, M. P. (2002) Iniciativas públicas de redução da violência escolar no Brasil. *Cadernos de Pesquisa*, 1(115), 101-138.
- Guimarães, J. L., Godinho, P. H., Cruz, R., Kappann, J. I. & Tosta Júnior, L. A. (2004). Consumo de drogas psicoativas por adolescentes escolares de Assis, SP. *Revista de Saúde Pública*, 38(1), 130-132.
- Hay, C., Fortson, E. N., Hollist, D. R., Altheimer, I. & Schaible, L. M. (2007). Compounded Risk: The implications for delinquency of coming from a poor family that lives in a poor community. *Journal of Youth and Adolescence*, 36(5), 593-605.
- Hirsch, B. J. (1979). Psychological dimensions of social networks. *American Journal of Community Psychology*, 7, 263-277.
- Hoppe, M. (1998). *Redes de apoio social e afetivo de crianças em situação de risco*. Dissertação de Mestrado não-publicada, Curso de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS.
- Horta, R. L., Horta, B. L, Pinheiro, R. T., Morales, B. & Strey, M. N. (2007). Tabaco, álcool e outras drogas entre adolescentes em Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil: Uma perspectiva de gênero. *Cadernos de Saúde Pública*, 23(4), 775-783.
- Jessor, R., Van Den Bos, J., Vanderryn, J., Costa, F. M. & Turbin, M. S. (1995). Protective factors in adolescent problem behavior: Moderator effects and developmental change. *Developmental Psychology*, 31(6), 923-933.

- Kahn, R. L. & Antonucci, T. C. (1980). Convoys over the life course: Attachment, roles, and social support. In P. B. Baltes & O. G. Brim (Eds.), *Life Span Development & Behavior 3* (pp. 253-286). New York: Academic Press.
- Koller, S. H. (2000). Violência doméstica: Uma visão ecológica. In Amencar, UNICEF (Eds.), *Violência doméstica* (pp. 32-42). Brasília, DF: UNICEF.
- Koller, S. H., Cerqueira-Santos, E., Moraes, N. A. & Ribeiro, J. (2005). *Juventude brasileira. Relatório técnico para o Banco Mundial*. Washington DC: World Bank.
- Kreutz, L. (2000). Escolas comunitárias de imigrantes no Brasil: Instâncias de coordenação e estruturas de apoio. *Revista Brasileira de Educação, 15*, 159-176.
- Laurent, J., Catanzaro, S. J., Joiner, T. E., Rudolph, K. D., Potter, K. I., Lambert, S., Osborne, L. & Gathright, T. (1999). A measure of positive and negative affect for children: Scale development and preliminary validation. *Psychological Assessment, 11*, 326-338.
- Lemos, K. M., Neves, N. M. B. C., Kuwano, A. Y., Tedesqui, G., Bitencourt, A. G. V., Neves, F. B. C. S., Guimarães, A. N., Rebello, A., Bacellar, F. & Lima, M. M. (2007) Uso de substâncias psicoativas entre estudantes de Medicina de Salvador (BA). *Revista de Psiquiatria Clínica, 34*(3), 118-124.
- Lever, J. P. & Martínez, Y. I. C. (2007). Pobreza y apoyo social: Un estudio comparativo en tres niveles socioeconómicos. *Revista Interamericana de Psicología, 41*(2), 177-188.
- Lisboa, C. & Koller, S. H. (2004). O microssistema escolar e os processos proximais: exemplos de investigações científicas e intervenções práticas. In S. H. Koller (Ed.), *A ecologia do desenvolvimento humano: Pesquisa e intervenção no Brasil* (pp.267-292). Porto Alegre: Casa do Psicólogo.
- Marques, A. C. P. R. & Cruz, M. S. (2000). O adolescente e o uso de drogas. *Revista Brasileira de Psiquiatria, 22*(2), 32-36.
- Marques, A. C. P. R. & Furtado, E. F. (2004). Intervenções breves para problemas relacionados ao álcool. *Revista Brasileira de Psiquiatria, 26*(Supl. 1), 28-32.
- Marriel, L. C., Assis, S. G., Avanci, J. Q. & Oliveira, R. V. C. (2006). Violência escolar e auto-estima de adolescentes. *Cadernos de Pesquisa, 36*(127), 35-50.
- Masten, A. & Garmezy, N. (1985). Risk, vulnerability and protective in developmental psychopathology. In B. Lahey & A. Kazdin (Eds.), *Advances in clinical child psychology* (pp. 1-52). New York: Plenum Press.
- Mayer, L. R. (2002). *Rede de apoio social e afetivo e representação mental das relações de apego de meninas vítimas de violência doméstica*. Dissertação de Mestrado não-Publicada,

- Curso de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS.
- McIntosh, J., MacDonald, F. & McKeganey, N. (2003). The initial use of drugs in a sample of pre-teenage schoolchildren: The role of choice, pressure and influence. *Drugs: Education, Prevention and Policy*, 10(2), 147–158.
- Meneghel, S. N., Barbiani, R., Steffen, H., Wunder, A. P., Roza, M. D., Rotermund, J., Brito, S. & Korndorfer, C. (2003). Impacto de grupos de mulheres em situação de vulnerabilidade de gênero. *Cadernos de Saúde Pública*, 19(4), 955-963.
- Ministério da Saúde (1996). *Resolução para pesquisa com seres humanos*. Resolução n. 196/1996, Brasília.
- Musito, G., Jiménez, T. I. & Murgui, S. (2007). Funcionamiento familiar, autoestima y consumo de sustancias en adolescentes: Un modelo de mediación. *Salud Pública de México*, 49(1), 3-10.
- Muza, G. M. & Costa, M. P. (2002). Elementos para a elaboração de um projeto de promoção à saúde e desenvolvimento dos adolescentes: O olhar dos adolescentes. *Cadernos Saúde Pública*, 18(1), 321-328.
- Muza, G. M., Bettiol, H., Muccilo & Barbieri, M. A. (1997). Consumo de substâncias psicoativas por adolescentes escolares de Ribeirão Preto, SP (Brasil). *Revista de Saúde Pública*, 31, 163-170.
- Narvaz, M. G. & Koller, S. H. (2004). O modelo bioecológico do desenvolvimento humano. In S. Koller (Ed.), *Ecologia do desenvolvimento humano* (pp. 51-66). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Newman, K., Harrison, L., Dashiff, C. & Davies, S. (2008). Relaciones entre los tipos de padres y comportamientos de riesgo en la salud del adolescentes: Uma revisão bibliográfica integrada. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 16(1), 142-150.
- Noto, A. R. & Galduróz, J. C. F. (1999). O uso de drogas psicotrópicas e a prevenção no Brasil. *Ciência e Saúde Coletiva*, 4(1), 145-151.
- Paludo, S. S. & Koller, S. H. (2005). Resiliência na rua: Um estudo de caso. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 21(2), 187-195.
- Pechansky, F., Szobot, C. M. & Scivoletto, S. (2004) Uso de álcool entre adolescentes: conceitos, características epidemiológicas e fatores etiopatogênicos. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 26(Supl. 1), 14-17.

- Peixoto, F. J. (1999). Escala de percepção da relação com a família. In A. P. Soares, S. Araújo & S. Caíres (Eds.), *Avaliação psicológica: Formas e contextos* (pp. 468-474). Braga: APPORT.
- Pesce, R. P., Assis, S. G., Avanci, J. Q., Santos, N. C., Malaquias, J. V. & Carvalhaes, R. (2005). Adaptação transcultural, confiabilidade e validade da escala de resiliência. *Caderno de Saúde Pública*, 21(2), 436-448.
- Pesce, R., Assis, S., Santos, N. & Oliveira, R. (2004). Risco e proteção: Em busca de um equilíbrio promotor de resiliência. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 20, 135-143.
- Peuker, A. C., Fogaça, J. & Bizarro, L. (2006). Expectativas e beber problemático entre universitários. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 22(2), 193-200.
- Pinheiro, D. P. N. (2004). A resiliência em discussão. *Psicologia em Estudo*, 9(1), 67-75.
- Pinsky, I. & Pavarino Filho, R. V. (2007). A apologia do consumo de bebidas alcoólicas e da velocidade no trânsito no Brasil: Considerações sobre a propaganda de dois problemas de saúde pública. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 29(1), 110-118.
- Poelen, E. A. P., Engels, R. C. M. E., Van Der Vorst, H., Scholte, R. H. J. & Velmurst, A. (2007). Best friends and alcohol consumption in adolescence: A within-family analysis. *Drug and Alcohol Dependence*, 88, 163-173.
- Pratta, E. M. M. & Santos, M. A. (2006). Reflexões sobre as relações entre drogadição, adolescência e família: Um estudo bibliográfico. *Estudos de Psicologia*, 11(3), 315-322.
- Pratta, E. M. M. & Santos, M. A. (2007). Lazer e uso de substâncias psicoativas na adolescência: Possíveis relações. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 23(1), 43-52.
- Refkalsky, E. & Durães, A. A. (2007, Agosto a Setembro). *Segmentação na propaganda religiosa: Bola de Neve Church e o evangelho para a geração Y*. Trabalho apresentado no XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Santos, Brasil.
- Reppold, C. T. & Hutz, C. S. (2002) Adoção: Fatores de risco e proteção à adaptação psicológica. In C. S. Hutz (Ed.), *Situações de risco e vulnerabilidade na infância e na adolescência: Aspectos teóricos e estratégias de intervenção* (pp. 89-130). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Rosemberg, M. (1989). *Society and the adolescent self-image*. Princeton, NJ: Princeton University Press.
- Samuelsson, M., Thernlund, G. & Ringström, J. (1996). Using the five fields map to describe the social network of children: A methodological study. *International Journal Behavioral Development*, 19, 327-345.

- Sanchez, Z. V. D. M., Oliveira, L. G. & Nappo, S. A. (2005). Razões para o não-uso de drogas ilícitas entre jovens em situação de risco. *Revista de Saúde Pública*, 39(4), 599-605.
- Sarason, I. G., Sarason, B. R., Shearin, E. N. & Pierce, G. R. (1987). A brief measure of social support: Practical and theoretical implications. *Journal of Social and Personal Relationships*, 4, 497-510.
- Sarriera, J. C., Tatim, D. C., Coelho, R. P. S. & Busker, J. (2007). Uso do tempo livre por adolescentes de classe popular. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 20(3), 361-367.
- Schencker, M. & Minayo, M. C. S. (2003). A implicação da família no uso abusivo de drogas: Uma revisão crítica. *Ciência e Saúde Coletiva*, 8(1), 299-306.
- Schencker, M. & Minayo, M. C. S. (2005). Fatores de risco e de proteção para o uso de drogas na adolescência. *Ciência e Saúde Coletiva*, 10(3), 707-717.
- Sherbourne, C.D. & Stewart, A. L. (1991). The MOS social support survey. *Social Science and Medicine*, 32(6), 705-714.
- Silber, T. J. & Souza, R. P. (1998). Uso e abuso de drogas na adolescência: O que se deve saber e o que se pode fazer. *Adolescência Latinoamericana*, 1(3), 148-162.
- Siqueira, A. C., Betts, M. K. & Dell’Aglia, D. D. (2006). A rede de apoio social e afetivo de adolescentes institucionalizados no sul do Brasil. *Revista Interamericana de Psicologia/Internamerican Journal of Psychology*, 40(2), 149-158.
- Soldera, M., Dalgalarrodo, P., Corrêa Filho, H. R. & Silva, C. A. M. (2004). Uso pesado de álcool por estudantes dos ensinos fundamental e médio de escolas centrais e periféricas de Campinas (SP): Prevalência e fatores associados. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 26(3), 174-179.
- Souza, D. P. O., Areco, K. N. & Silveira Filho, D. X. S. (2005). Álcool e alcoolismo entre adolescentes da rede estadual de ensino de Cuiabá, Mato Grosso. *Revista de Saúde Pública*, 39(4), 585-592.
- Stanistreet, D., Gabbay, M., Jeffrey, V. & Taylor, S. (2004). Are deaths due to drug use among young men underestimated in official statistics? *Drugs: Education, Prevention and Policy*, 11(3), 229-242.
- Steinberg, L. (1999). *Adolescence*. Boston: McGraw-Hill.
- Steinberg, L. (2000). The family at adolescence: Transition and transformation. *Journal of Adolescent Health*, 27, 170-178.
- Tavares, B. F., Béria, J. H. & Lima, M. S. (2001). Prevalência do uso de drogas e desempenho escolar entre adolescentes. *Revista de Saúde Pública*, 35(2), 150-158.

- Tollini, I. M. (2006). Liderança e mudança: O caso educacional de jovens moradores de favelas. *Ensaio: Avaliação de Políticas Públicas na Educação*, 14(51), 223-248.
- Toma, T. S. (2003). Método Canguru: O papel dos serviços de saúde e das redes familiares no sucesso de programa. *Cadernos de Saúde Pública*, 19(Sup. 2), 233-242.
- Traverso-Yépez, M. A. & Pinheiro, V. S. (2005). Socialização de gênero e adolescência. *Estudos Feministas*, 13(1), 147-162.
- Valla, V. (1999). Educação popular, saúde comunitária e apoio social numa conjuntura de globalização. *Cadernos de Saúde Pública*, 15(Sup. 2), 7-14.
- Vieira, D. L., Ribeiro, M., Romano, M. & Laranjeira, R. R. (2007). Alcohol and adolescents: Study to implement municipal policies. *Revista de Saúde Pública*, 41(3), 1-7.
- Wagnild, G. M. & Young, H. M. (1993). Development and psychometric evaluation of the Resilience Scale. *Journal of Nursing Measurement*, 1(2), 165-178
- Warren, C. W., Riley, L., Asma, S., Eriksen, M. P., Green, L., Blanton, C., Loo, C., Batchelor, S. & Yach, D. (2000). Tobacco use by youth: A surveillance report from the Global Youth Tobacco Survey Project. *Bulletin of the World Health Organization*, 78(7), 868-876.
- Weisz, C. & Wood, L. F. (2005). Social Identity and friendship outcomes: A longitudinal study predicting who will be friends and best friends 4 years later. *Journal of Social and Personal Relationships*, 22(3), 416-432.
- Wills, T. A., Blechman, E. A. & McNamara, G. (1996). Family support, coping, and competence. In M. Hetherington & E. A. Blechman (Ed.), *Stress, coping, and resiliency in children and families* (pp. 107-133). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Zaremba, R., Romão-Dias, D. & Nicolaci-da-Costa, A. M. (2002). Simples como uma torradeira: Um estudo sobre o computador no cotidiano da nova geração. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 22(1), 92-99.

ANEXO A

QUESTIONÁRIO UTILIZADO NA PESQUISA COM OS JOVENS

DATA: _____ NOME DO ENTREVISTADOR: _____ LOCAL DA ENTREVISTA: _____

NOME: _____ TELEFONE: _____

1. Sexo: a. Masculino b. Feminino 2. Idade: _____
3. Cidade/Estado onde nasceu: _____
4. Cor: a. Branca b. Negra c. Parda d. Amarela e. Indígena
5. Estado Civil:
a. Solteiro b. Casado c. Divorciado d. Separado e. Viúvo f. Outros
6. Quem sustenta financeiramente a sua casa? (marque mais de uma resposta se for o caso)
- a. Eu
 - b. Pai
 - c. Mãe
 - d. Irmão/Irmã
 - e. Meu/Minha Companheiro(a)
 - f. Padrasto/Madrasta
 - g. Outros. Quem? _____
7. O seu pai está vivo?
a. Sim b. Não c. Não sei
8. A sua mãe está viva?
a. Sim b. Não c. Não sei
9. Onde seus pais nasceram? Marque com X:

	Pai	Mãe
a. Capital desse estado onde você mora		
b. Interior desse mesmo estado		
c. Capital de outro estado		
d. Interior de outro estado		
e. Outro país		
f. Não sei		

10. Qual é o grau de instrução de seu pai e da sua mãe? Marque com X:

	Pai	Mãe
a. Sabe ler, mas não foi à escola		
b. Analfabeto		
c. Fundamental incompleto (1º grau)		

d. Fundamental completo (1º grau)		
e. Médio incompleto (2º grau)		
f. Médio completo (2º grau)		
g. Superior incompleto (universitário)		
h. Superior completo (universitário)		
i. Não sei		

11. Quem mora na sua casa? (marque mais de uma resposta se for o caso)

- a. Pai
- b. Mãe
- c. Padrasto
- d. Madrasta
- e. Irmãos
- f. Avô
- g. Avó
- h. Tios
- i. Pais adotivos
- j. Filho(s)
- k. Companheiro(a)
- l. Outros: _____

12. Com relação à idade das pessoas que moram com você, quantas possuem:

	Uma pessoa	Duas pessoas	Três pessoas	Quatro ou mais pessoas
Até 5 anos				
Entre 6 e 14 anos				
Entre 15 e 24 anos				
Entre 25 e 40 anos				
Acima de 40 anos				

13. Você morava em alguma outra cidade imediatamente antes de morar onde mora hoje?

- a. Não, sempre morei aqui (Se marcar essa alternativa, pule para a questão 15)
- b. Morei no interior do mesmo estado
- c. Morei na capital de outro estado
- d. Morei no interior de outro estado
- e. Morei em outro país

14. Se você se mudou, por que foi? (marque mais de uma resposta se for o caso)

- a. Busca de uma melhor condição financeira (trabalho para você ou para seus pais)
- b. Para estudar
- c. Para receber melhor assistência médica
- d. Transferência de emprego(sua ou dos seus pais)
- e. Para casar
- f. Não sabe/Não se lembra
- g. Outro Qual? _____

15. Quantos quartos tem sua casa? _____

16. Quantos banheiros tem sua casa? _____

17. De que material a sua casa é construída?

- a. Alvenaria (tijolo)
- b. Madeira

- c. Papelão
- d. Amianto, barro
- e. Outro Qual? _____

18. Marque quais serviços que sua casa possui:

- a. Água encanada
- b. Energia elétrica
- c. Rede de esgoto
- d. Telefone
- e. Internet
- f. Coleta de lixo

19. Qual a média da renda mensal familiar do seu domicílio?

- a. R\$ 0-100
- b. R\$ 101-200
- c. R\$ 201-300
- d. R\$ 301-400
- e. R\$ 401-500
- f. R\$ 501-600
- g. R\$ 601-800
- h. R\$ 801-1.000
- i. R\$ 1.001-1.200
- j. Acima de R\$ 1.200

Se você tem algum tipo de deficiência, responda as questões abaixo. Se não, passe para a pergunta número 23:

20. Que tipo de deficiência você tem?

- a. Visual
- b. Auditiva
- c. Física
- d. Outra Qual? _____

21. Há quanto tempo você convive com esta deficiência?

- a. Desde que nasci
- b. Há mais de três anos
- c. De um há três anos
- d. De um ano pra cá

22. Sua deficiência foi causada por:

- a. Problemas na gestação
- b. Acidente Qual? _____
- c. Doença Qual? _____
- d. Outro Qual? _____

23. Por favor, marque X para como você avalia:

	Muito ruim	Ruim	Nem ruim nem boa	Boa	Muito boa
a. A sua saúde					
b. A sua qualidade de vida					
c. A sua aparência física					

24. Por favor, marque o número correspondente a quantas vezes no último ano, você:

b. Foi ao médico	0	1	2	3	4 ou mais	Não lembra
c. Esteve hospitalizado	0	1	2	3	4 ou mais	Não lembra
d. Faltou ao trabalho ou escola por estar doente	0	1	2	3	4 ou mais	Não lembra

25. Você tem alguma doença crônica (diabetes, AIDS, câncer, insuficiência renal, outra)?

- a. Sim Qual? _____
 b. Não

26. Você precisa tomar algum remédio todos os dias? (exceto pílula anticoncepcional)

- a. Sim Qual? _____
 b. Não

27. Você utiliza os serviços do posto de saúde da sua comunidade?

- a. Sim
 b. Não (Se você não utiliza, pule para a questão 29)
 c. Não há posto de saúde

28. Como você avalia os serviços do posto de saúde da sua comunidade? Marque com X a sua resposta:

	Muito ruim	Ruim	Regular	Bom	Muito bom
a. Quanto à localização					
b. Quanto à facilidade de receber atendimento					
c. Quanto à qualidade (profissionais, infra-estrutura)					

29. Qual a sua orientação sexual?

- a. Heterossexual
 b. Homossexual
 c. Bissexual
 d. Transexual

30. Você já teve sua primeira relação sexual?

- Sim Com que idade? _____
 Não (Se não, pule para a questão 43)

31. Se sim, com quem foi?

- a. Namorado(a)
 b. Amigo(a)
 c. Marido/Esposa
 d. Parente Qual? _____
 e. Outro Qual? _____

32. Você ou sua parceira utilizam algum método para evitar filhos?

- a. Nunca (Pule para a questão 34)
 b. Às vezes
 c. Sempre

33. Qual método você usa para evitar filhos? (marque mais de uma resposta se for o caso)

- a. Esterilização feminina
 b. Pílula anticoncepcional
 c. Espuma ou geléia vaginal
 d. Injeções anticoncepcionais
 e. Diafragma

- f. DIU
- g. Camisinha
- h. Tabela, ritmo, calendário
- i. Coito interrompido
- j. Esterilização masculina
- k. Outros métodos _____

34. Quantas vezes você esteve grávida - ou a sua parceira (namorada, esposa)?

- a. 1
- b. 2
- c. 3
- d. 4
- e. 5
- f. 6 ou mais
- g. Nenhuma (Pule para a questão 43)
- h. Não sei

35. Quantos filhos estão vivos hoje? _____

36. O que aconteceu com os outros filhos?

	Quantos? (escreva o número)
a. Sofreram aborto natural	
b. Sofreram aborto provocado	
c. Morreram no parto	
d. Morreram entre 0 e 1 ano	
e. Morreram com mais de 1 ano	

37. Qual a sua idade quando teve seu primeiro filho nascido vivo? _____ anos

38. Você teve algum(a) filho(a) portador(a) de deficiência?

- a. Sim Quantos? _____ De que tipo? _____
- b. Não
- c. Não sei

39. Quantos filhos moram com você hoje? _____

40. Com quem seus filhos moram?

- a. Comigo
- b. Com o pai/mãe
- c. Avôs/Avós
- d. Outro parente
- e. Abrigos
- f. Família adotiva
- g. Não sei

41. Se você ou sua parceira já esteve grávida, marque X na sua resposta:

	Discordo	Nem concordo nem discordo	Concordo
a. Esse foi um importante momento da minha vida			
b. A gravidez foi desejada			
c. Eu me senti envergonhado(a)			
d. A gravidez foi motivo de preocupação			
e. Escondi a gravidez			

f. Eu me senti orgulhoso(a)			
g. Perdi o emprego, por causa da gravidez			
h. Eu me casei			
i. Fui obrigado(a) a casar			
j. Comecei a trabalhar, por causa da gravidez			
k. Parei de estudar, por causa da gravidez			

42. Se você já foi mãe ou pai, marque X na sua resposta:

	Discordo	Nem concordo nem discordo	Concordo
a. Esse foi um importante momento da minha vida			
b. Comecei a trabalhar para criar meu(s) filho(s)			
c. Abandonei os estudos para trabalhar			
e. Gostaria de ter outro(s) filho(s)			
f. O nascimento da criança mudou a minha dinâmica de vida			
g. Abandonei os estudos para cuidar do bebê			
h. Minha família ajuda financeiramente a meu(s) filho(s)			
i. Minha família ajuda com a criação de meu(s) filho(s)			

43. Qual método você usa para evitar AIDS? (marque mais de uma resposta se for o caso)

- a. Não tenho relações sexuais
- b. Faço exames médicos frequentes
- c. Uso camisinha
- d. Não compartilho seringas
- e. Não beijo na boca
- f. Não faço sexo oral
- g. Tomo cuidados de higiene
- h. Não faço nada para me prevenir
- i. Outro Qual? _____

44. Sobre a sua qualidade de vida, marque com um X o seu grau de satisfação com:

	Muito insatisfeito	Insatisfeito	Nem satisfeito nem insatisfeito	Satisfeito	Muito satisfeito
a. Você mesmo					
b. Suas relações pessoais (amigos, parentes, conhecidos, colegas)					
c. Sua vida sexual					
d. O apoio que recebe dos amigos					
e. As condições do local onde mora					

45. Você já estudou ou estuda em escola?

- a. Estudo _____ série
- b. Nunca estudei (Se marcar esta opção, pule para a questão 55)
- c. Estudei até a _____ série (Se marcar esta opção, pule para a questão 53)

46. Qual o turno em que você frequenta a escola?

- a. Manhã
- b. Tarde
- c. Noite
- d. Integral

47. Quantas vezes por semana, em média, você vai à aula?

- a. 1
- b. 2
- c. 3
- d. 4
- e. 5

48. Você recebe bolsa/auxílio (bolsa escola, bolsa alimentação, etc.)? (marque mais de uma se for o caso)

- a. Não recebo bolsa
- a. Bolsa escola
- b. Bolsa alimentação
- c. Bolsa de estudo
- d. Agente Jovem
- e. Crédito educativo
- f. Outra _____

49. Como você avalia a qualidade da sua escola?

- a. Muito ruim
- b. Ruim
- c. Razoável
- d. Boa
- e. Muito boa

50. Você já foi reprovado?

- a. Não
- b. Uma vez
- c. Duas vezes
- d. Três vezes
- e. Quatro vezes
- f. Cinco vezes
- g. Seis vezes ou mais

51. Você já foi expulso de alguma escola?

- a. Sim Por quê? _____
- b. Não

52. Por favor, marque com X a sua opinião sobre os seguintes fatos:

Na escola...	Discordo	Nem concordo nem discordo	Concordo
a. Eu me sinto bem quando estou na escola			
b. Gosto de ir para a escola			
c. Gosto da maioria dos meus professores			
d. Gosto da maioria dos amigos que tenho na escola			
e. Meus estudos têm uma grande importância para mim hoje			
f. Meus estudos têm uma importância pra mim no futuro			
g. Meus pais ou familiares incentivam muito os meus estudos			
h. Quero continuar meus estudos nessa escola			
i. Posso contar com meus professores ou alguém da equipe escolar (orientador, coordenador)			
j. Confio na maioria dos meus professores			
k. Se precisar, sei que posso contar com a ajuda dos amigos			
l. Confio nos amigos da escola			

m. Tenho muito desejo de fazer uma faculdade			
n. Minha realização pessoal envolve fazer uma faculdade			
o. Considero-me um bom estudante			
p. Sei que tenho condições de entrar numa universidade			
q. Só quem vai à escola particular pode entrar na universidade			
r. Para alcançar o que sonho preciso estudar muito			

(Se você está estudando e respondeu as perguntas acima, pule para a questão 55)

53. Se você não está estudando agora, por que parou? (marque mais de uma resposta se for o caso)

- a. Não gostava, ia mal na escola
- b. Mudei de moradia (cidade, bairro, etc.)
- c. Saí de casa
- d. Não tinha vaga
- e. Precisei trabalhar
- f. A escola era longe
- g. Não tinha dinheiro para comprar material, uniforme, etc.
- h. Fui expulso(a)
- i. Já concluí os estudos
- j. Por ser deficiente
- k. Não lembro
- l. Outro. Qual? _____

54. Há quanto tempo parou de estudar?

- a. Não me lembro
- b. Até 6 meses
- c. Mais de 6 meses até 1 ano
- d. Mais de 1 ano até 2 anos
- e. Mais de 2 anos até 5 anos
- f. Mais de 5 anos

55. Você trabalha ou trabalhou nos últimos 12 meses?

- a. Sim
- b. Não

56. Marque mais de um item se for o caso:

Atualmente, você...

- a. Não trabalha e não está procurando trabalho
- b. Não trabalha e está procurando trabalho
- c. Trabalha com carteira assinada
- d. Trabalha sem carteira assinada
- e. Trabalha por conta própria
- f. Faz “bicos”
- g. Realiza trabalhos voluntários (sem pagamento/remuneração)
- h. Ajuda nas atividades de sua própria casa (sem pagamento/remuneração)
- i. Trabalha para outra pessoa, mas não ganha nada com isso

57. Que palavra tem o mesmo significado da palavra trabalho para você? _____

58. Que palavra tem um significado oposto ao significado da palavra trabalho? _____

59. Marque com um X, qual é a sua opinião sobre as seguintes questões relacionadas ao trabalho:

	Discordo	Nem concordo nem discordo	Concordo
a. Trabalho é qualquer atividade que exija força, energia ou esforço para ser feita			
b. Trabalho é qualquer atividade que produz algo útil à nossa vida ou à vida de outras pessoas			
c. O trabalho é algo difícil, duro e penoso, mas temos obrigação de fazer, porque Deus disse que devemos ganhar o pão com o suor do nosso rosto			
d. Trabalho é uma colocação numa empresa, com carteira assinada			
e. O trabalho é aquilo que mostra que uma pessoa é digna e honrada			
f. O trabalho de uma pessoa é um produto que se pode vender			
g. É o trabalho de uma pessoa que diz quem ela é para os outros			
h. É o trabalho que mostra que uma pessoa tem saúde física e mental			
i. Trabalhar é ter ideias			
j. Trabalho é aquilo que se faz para ganhar dinheiro			

Caso não esteja trabalhando, pule para a questão 66.

60. Que meio de transporte utiliza para ir ao trabalho? (marque mais de uma resposta se for o caso)

- a. A pé
- b. Carro ou motocicleta particular
- c. Transporte coletivo (ônibus, trem, metrô etc.)
- d. Uso o transporte da empresa onde trabalho
- e. Bicicleta
- f. Não preciso me deslocar para ir ao trabalho
- g. Uso outro meio de transporte Qual? _____

61. Qual a sua renda mensal média?

- a. R\$ 0-100
- b. R\$ 101-200
- c. R\$ 201-300
- d. R\$ 301-400
- e. R\$ 401-500
- f. R\$ 501-600
- g. R\$ 601-800
- h. R\$ 801-1.000
- i. R\$ 1.001-1.200
- j. Acima de R\$ 1.200

62. Você recebe algum tipo de auxílio do seu trabalho (vale refeição, cesta básica, vale transporte)?

- a. Sim
- b. Não

63. Nos últimos 30 dias sobrou algum dinheiro do que você ganhou com o seu trabalho?

- a. Sim
- b. Não

64. Como você recebe seu pagamento?

- a. A cada dia trabalhado
- b. Semanalmente

- c. () Quinzenalmente
- d. () Mensalmente
- e. () Não tem regularidade
- f. () Não recebo pagamento

65. Quantas horas por dia você dedica ao trabalho? _____ horas

66. Marque com X a sua opinião sobre a influência de cada uma das características abaixo para que, na sociedade atual, uma pessoa possa conseguir um trabalho:

	Atrapalha	Não interfere	Ajuda
a. Ser casado			
b. Ser solteiro			
c. Ser branco			
d. Ser indígena			
e. Ser mestiço			
f. Ser negro			
g. Ser oriental			
h. Saber ler e escrever			
i. Ter o ensino fundamental completo (1o grau)			
j. Ter o ensino médio completo (2o grau)			
k. Ter um curso de nível superior completo (universitário)			
l. Estar estudando			
m. Estar sem estudar			
n. Morar perto do local de trabalho			
o. Ter experiência de trabalho anterior			
p. Ter a indicação de um amigo			
q. Ser indicado por uma instituição (igreja, ONG)			
r. Ter filhos			
s. Ter alguma deficiência (física, visual, auditiva, mental)			
t. Ser homem			
u. Ser mulher			
v. Ter feito algum curso profissionalizante			
w. Saber lidar com computadores e informática			
x. Saber outro idioma além do português			
y. Ser heterossexual			
z. Ser homossexual			
aa. Ser jovem			
bb. Ser idoso			
cc. Gozar de boa saúde			
dd. Ter dentes bem cuidados			
ee. Estar grávida			
ff. Ter cumprido o serviço militar obrigatório			
gg. Ter todos os documentos			
hh. Ter conta bancária			
ii. Ter uma religião			
jj. Usar roupas novas e bem cuidadas			
kk. Mostrar que precisa de trabalho			
ll. Mostrar que tem competência			

67. Com relação ao seu trabalho atual, marque com X a sua opinião para as seguintes frases:

No trabalho...	Discordo	Nem concordo nem discordo	Concordo
a. Eu estou sempre aprendendo coisas novas			
b. Se eu continuar nesse trabalho, sei que vou passar o resto da vida fazendo a mesma coisa			
c. Eu tenho boas relações com os meus colegas			
d. Eu sinto que trabalho demais			
e. Minhas tarefas são desafiadoras e variadas			
f. Eu trabalho nesse lugar porque preciso, mas não tenho interesse e nem gosto do que faço			
g. Meus horários são inconvenientes			
h. Eu sei que não vou ser posto na rua de uma hora pra outra			
i. Tenho que fazer muita coisa para as quais eu não estou preparado			
j. As pessoas dão valor ao meu trabalho			
k. Eu tenho que fazer as coisas como meus chefes mandam, não posso sugerir inovações			
l. Eu estou satisfeito com o que ganho			
m. Eu sinto vergonha do meu trabalho			
n. Eu tenho segurança e conforto			

68. Marque com um X, a sua opinião sobre o que você espera de seu trabalho:

Eu gostaria que meu trabalho me oferecesse...	Discordo	Nem concordo nem discordo	Concordo
a. Oportunidades de aprender coisas novas			
b. Possibilidade de crescimento profissional			
c. Boas relações com os colegas			
d. Mesma quantidade de horas de trabalho por dia			
e. Horários mais convenientes			
f. Possibilidade de pensar, tomar decisões, sugerir e criar			
g. Garantia de satisfação pessoal			
h. Garantia de não perder o trabalho de uma hora pra outra			
i. Ter tarefas para as quais sinto segurança para realizar			
j. Saber que as outras pessoas acham meu trabalho bom			
k. Dar sugestões e perceber que são aceitas			
l. Possibilidades de ganhar bem			
m. Possibilidades de ter orgulho do que faço			
n. Um local limpo, seguro e confortável para trabalhar			

69. Marque sim ou não para cada item em cada uma das colunas:

Tipo de droga	Já experimentou	Caso já tenha experimentado algumas das drogas citadas, responda a essas duas colunas:	
		De um ano pra cá, usou?	De um mês pra cá, usou?
Vinho ou cerveja	() Sim () Não	() Sim () Não	() Sim () Não
Outra bebida alcoólica	() Sim () Não	() Sim () Não	() Sim () Não
Cigarro comum	() Sim () Não	() Sim () Não	() Sim () Não
Maconha	() Sim () Não	() Sim () Não	() Sim () Não
Haxixe	() Sim () Não	() Sim () Não	() Sim () Não
Cola	() Sim () Não	() Sim () Não	() Sim () Não
Loló	() Sim () Não	() Sim () Não	() Sim () Não

Lança	<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não	<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não	<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não
Cocaína	<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não	<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não	<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não
Crack	<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não	<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não	<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não
Remédios	<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não	<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não	<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não
Chás	<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não	<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não	<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não
Outra	<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não	<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não	<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não

70. De um mês pra cá, quantos dias você fez uso das drogas abaixo? Marque com X:

Tipo de droga	Todos ou quase todos os dias (20 dias ou mais)	Alguns dias (4 a 19 dias)	Poucos dias (1 a 3 dias)	Não usou
a. Bebida alcoólica				
b. Cigarro comum				
c. Drogas ilícitas (maconha, cocaína, crack, etc.)				

71. Se você usa ou já usou drogas (incluindo cigarro e álcool), qual é o motivo? (marque mais de uma resposta se for o caso) (Se não usa nenhum tipo de droga, pule para a questão 76)

- a. Não sei
- b. Acho legal, gostoso, divertido
- c. Para me sentir mais solto (desinibido)
- d. Para me sentir mais forte e corajoso
- e. Porque é fácil conseguir
- f. Porque os meus amigos usam
- g. Para esquecer a tristeza e os problemas
- h. Outro. Qual? _____

72. Qual dessas drogas você já tentou parar de usar? (marque mais de uma resposta se for o caso)

- a. Bebida alcoólica
- b. Cigarro comum
- c. Drogas ilícitas (maconha, cocaína, crack, etc.)
- d. Nunca tentei parar de usar (pule para a questão 75)

73. Alguém ajudou você nessa tentativa? (marque mais de uma resposta se for o caso)

- a. Tentei sozinho
- b. Tentei com um amigo/grupo de amigos
- c. Alguém da igreja
- d. Alguém de instituição (educador, assistente social)
- e. Alguém do hospital ou posto de saúde
- f. Alguém da família
- g. Outros _____

74. Se você parou de usar drogas ilícitas, qual o motivo? (marque mais de uma resposta se for o caso)

- a. Não sei
- b. A família é contra
- c. Amigos, namorado(a) são contra
- d. Por causa da religião
- e. Por medo da polícia
- f. Por causa da saúde
- g. Medo de viciar
- h. Usou e passou mal
- i. Outro Qual? _____

75. Como você consegue (conseguiu) as drogas (ilícitas) que você usa (usou)? (marque mais de uma resposta se for o caso)

- a. Pedi/ganhei de alguém
- b. Comprei pessoalmente
- c. Pedi para outra pessoa comprar
- d. Outros Qual? _____

76. Se você nunca usou drogas ilícitas, por que você nunca usou? (marque mais de uma resposta se for o caso)

- a. Não sei
- b. A família é contra
- c. Amigos, namorado(a) são contra
- d. Por causa da religião
- e. Por medo da polícia
- f. Por causa da saúde
- g. Medo de viciar
- h. Outro Qual? _____

77. Você já tentou se matar?

- a. Nunca tentei. (Se você nunca tentou, passe para a questão 80).
- b. Já tentei Quantas vezes? _____

78. Se você já tentou se matar, como foi? (marque mais de uma resposta se for o caso)

- a. Com faca, tesoura, canivete
- b. Com revólver
- c. Enforcado
- d. Com substâncias químicas (remédios, venenos)
- e. Provocando acidente com veículo
- f. Queda provocada
- g. Com fogo
- h. Outro Qual? _____

79. Por que você tentou se matar? (marque mais de uma resposta se for o caso)

- a. Falta de sentido para viver
- b. Desilusão amorosa
- c. Dificuldades financeiras
- d. Por causa do vício em drogas
- e. Por problemas na família
- f. Outro Qual? _____

80. Marque com que frequência, utilizando a escala de 1 a 5 a seguir, ocorrem estes fatos:

Nunca	Muito raramente	Raramente	Frequentemente	Muito frequentemente
1	2	3	4	5

Alguém com quem eu moro ou morei já... (durante toda a sua vida)	Frequência	Quem? (mãe, pai, irmão, amigo, padrasto, madrasta, tios, etc.)
a. Gritou comigo e me deu bronca exagerada		
b. Fez ameaças de me bater		
c. Me deu de fato um soco, tapa, empurrão		
d. Me ameaçou com um objeto (pedaço de madeira, ponta de		

cigarro, etc.)		
e. Me agrediu com objetos (pedaço de madeira, ponta de cigarro, etc.)		
f. Me ameaçou com arma (faca, revólver)		
g. Me agrediu com arma (faca, revólver)		
h. Tentou mexer no meu corpo, me beijar à força		
i. Mexeu de fato no meu corpo, me beijou à força		
j. Teve relação sexual forçada comigo		
k. Me ameaçou de castigo		
l. Me deu de fato um castigo		

81. Marque com que frequência, utilizando a escala de 1 a 5 a seguir, ocorrem estes fatos:

Nunca	Muito raramente	Raramente	Frequentemente	Muito frequentemente
1	2	3	4	5

Na minha comunidade ou em outros locais por onde eu ando (escola, igreja, centros comunitários, locais de festa, etc.), alguém... (durante toda a sua vida)	Frequência	Quem? (por exemplo: professor, amigo, desconhecido, etc.)
a. Gritou comigo e me deu bronca exagerada		
b. Fez ameaças de me bater		
c. Me deu de fato um soco, tapa, empurrão		
d. Me ameaçou com objeto (pedaço de madeira, ponta de cigarro, etc.)		
e. Me agrediu com objeto (pedaço de madeira, ponta de cigarro etc.)		
f. Me ameaçou com arma (faca, revólver)		
g. Me agrediu com arma (faca, revólver)		
h. Tentou mexer no meu corpo, me beijar à força		
i. Mexeu de fato no meu corpo, me beijou à força		
j. Teve relação sexual forçada comigo		
k. Me ameaçou de castigo		
l. Me deu de fato um castigo		

82. Marque com X a sua opinião sobre os fatos seguintes:

Em minha casa...	Discordo	Nem concordo nem discordo	Concordo
a Gosto de ficar sozinho(a)			
b Sinto-me seguro com a minha família			
c Fico à vontade			
d Tenho medo de receber ameaças			
e Tenho privacidade			
f O ambiente é pesado			
g Há muitas brigas e discussões			
h Fico com medo de ser cobrado			
i É melhor do que ficar na rua			
j Presencio situações de alcoolismo			
k Há pessoas que são de lua			
l As pessoas me acolhem com carinho			
m As pessoas são indiferentes à minha presença			
n Há divisão das tarefas domésticas			
o Encontro o apoio do qual necessito			

p Há respeito mútuo entre as pessoas			
q As pessoas dão atenção ao que falo			
r Alguém quer mandar mais do que os outros			
s As pessoas se ajudam mutuamente			

83. Em geral, como você descreveria a segurança da sua comunidade?

- a. Muito insegura
- b. Insegura
- c. Mais ou menos segura
- d. Segura
- e. Muito segura
- f. Não sei

84. Qual dessas situações você encontra/vivencia no local onde você mora? (marque mais de uma resposta se for o caso)

- a. Tráfico de drogas
- b. Batidas policiais
- c. Assaltos, roubos
- d. Tiroteios
- e. Nenhuma das anteriores

85. Você já sofreu alguma violência por parte da polícia?

- a. Não
- b. Sim. De que tipo? _____
Quando foi? _____

86. Em sua opinião, quais são as razões principais para os adolescentes cometerem atos de violência? (marque mais de uma resposta se for o caso)

- a. Problemas na família
- b. Busca de identidade e respeito
- c. Busca de proteção
- d. Busca de pertencimento ao grupo
- e. Busca de melhor condição financeira
- f. Outro Qual? _____

87. Qual o seu maior medo? (marque mais de uma resposta se for o caso)

- a. Perder algum familiar ou alguém que ama muito
- b. Morrer
- c. Sofrer algum acidente
- d. Sofrer violência
- e. Não ter emprego
- f. Ficar sozinho
- g. Outro. Qual? _____

88. Marque com um X a coluna referente à sua resposta para cada item:

	Nunca	Às vezes	Sempre
a. Sofro preconceito por morar onde moro (bairro, vila)			
b. Acho que tenho desvantagens por conta do meu sexo (homem/mulher)			
c. Sou discriminado por minha orientação sexual (heterossexual, homossexual, bissexual, transexual)			
d. Sofro preconceito racial (por conta da minha cor)			
e. Sinto que estou em desvantagem por estudar em escola pública			

f. Sofro discriminação por conta da profissão dos meus pais			
g. Já passei por preconceito por causa da minha classe socioeconômica			
h. Sofri preconceito por causa da minha religião			
i. Já estive em desvantagem por conta da minha aparência física			
j. Sofro discriminação por ser deficiente			

89. Marque com um X a coluna referente à sua resposta para cada item:

	Sim	Não
a. Nasci com uma deficiência		
b. Vivencio violência dentro da minha casa		
c. O nível econômico da minha família baixou de uma hora para outra		
d. Alguém em minha casa está desempregado		
e. Meus pais se separaram		
f. Já estive internado em instituição (abrigos, FEBEM, orfanato, etc.)		
g. Já fugi de casa		
h. Já fui menino(a) de rua		
i. Já dormi na rua		
j. Já fui preso		
k. Alguém da minha família está ou esteve preso		
l. Sofri algum acidente que me trouxe alguma deficiência		
m. Alguém muito importante pra mim faleceu		
n. Passei fome		
o. Já me envolvi com tráfico de drogas		
p. Já morei com pessoas diferentes das que moro hoje		
q. Vivencio violência na minha comunidade		
r. Já tive problemas com a justiça		

90. Você acredita em Deus (poder, espírito, inteligência ou força superior)?

- a. Sim
- b. Não
- c. Não sei

91. Com relação à sua religião/doutrina/crença, você se considera...

- a. Não acredito em Deus (ateu)
- b. Sem religião (mas acredito em Deus)
- c. Católico
- d. Protestante
- e. Evangélico
- f. Espírita
- g. Umbandista
- h. Candomblé
- i. Outro _____

92. Marque com um X a sua opinião em cada item:

	Nem um pouco	Pouco	Nem muito nem pouco	Muito	Bastante
a. A religião/espiritualidade tem sido importante para a minha vida					
b. Costumo frequentar encontros religiosos					
c. Costumo ler escrituras sagradas ou fazer orações no meu dia-a-dia					

d. Costumo agradecer a Deus pelo que acontece comigo					
e. Peço ajuda a Deus para resolver meus problemas					
f. Costumo ler escrituras sagradas ou fazer orações quando estou em momentos difíceis					
g. Busco ajuda da minha instituição religiosa (igreja, templo, etc.) quando estou em dificuldades					

93. Se você já buscou ajuda em alguma organização religiosa, de que tipo foi? (marque mais de uma resposta se for o caso)

- a. Espiritual
- b. Emocional
- c. Material
- d. Não busquei

94. O que você gosta de fazer em suas horas de lazer? (marque mais de uma resposta se for o caso)

- a. Trabalhar
- b. Estudar
- c. Praticar esportes
- d. Brincar
- e. Passear
- f. Assistir TV
- g. Ouvir ou tocar música
- h. Desenhar/pintar/artesanato
- i. Namorar
- j. Descansar
- k. Navegar na Internet
- l. Festas
- m. Nada
- n. Outros _____

95. Você tem amigos(as)?

- a. Sim
- b. Não

96. De onde são seus amigos(as)? (marque mais de uma resposta se for o caso)

- a. Não tenho amigos
- b. Escola
- c. Bairro
- d. Rua
- e. Internet
- f. Outros Quais? _____

97. Você tem um melhor amigo(a)?

- a. Sim Do mesmo sexo que eu
De sexo diferente do meu
- b. Não

98. Que tipo de apoio amigos(as) devem dar uns aos outros? (marque mais de um se for o caso)

- a. Emocional
- b. Material

- c. Espiritual
- d. Nas atividades (de casa, da escola)
- e. Social (participar em festas, momentos de lazer, pertencer a grupos)
- f. Outro Qual? _____

99. Que tipo de apoio você recebe dos seus amigos(as)? (marque mais de uma resposta se for o caso)

- a. Não tenho amigos
- b. Emocional
- c. Material
- d. Espiritual
- e. Para fazer minhas tarefas (de casa, da escola)
- f. Social
- g. Não posso contar com eles

100. Que tipo de apoio você dá para os seus amigos(as)? (marque mais de uma resposta se for o caso)

- a. Não tenho amigos
- b. Emocional
- c. Material
- d. Espiritual
- e. Para fazer as suas tarefas (de casa, da escola)
- f. Social
- g. Não podem contar comigo

101. Qual é o nível de confiança que você tem nas seguintes instituições?

	Nenhum	Baixo	Médio	Alto
a. Justiça				
b. Polícia				
c. Prefeitura				
d. Governo estadual				
e. Governo federal				
f. Organização comunitária				
g. Vizinhança				
h. Conselho tutelar				
i. Amigos				
j. Escola				
k. Família				
l. Posto de saúde				

102. Qual o nível de ajuda você espera receber dos grupos a seguir?

	Nenhum	Baixo	Médio	Alto
Família				
Vizinhos				
Amigos				
Liderança religiosa/grupo				
Liderança comunitária				
Polícia				
Prefeitura				
Colegas de trabalho				

103. Marque com um X a importância que as seguintes afirmações têm pra você:

	Mínima	Pouca	Nem muita nem pouca	Muita	Máxima

a. Preservar e respeitar a vida humana					
b. Garantir o direito de ter bens materiais sem que ninguém mexa neles					
c. Falar a verdade					
d. Ter boas relações com familiares e amigos					
e. Amar e ter relacionamentos					
f. Obedecer às autoridades					
g. Garantir que as pessoas vivam mais e melhor					
h. Cumprir as leis e regras da sociedade					
i. Manter a palavra e cumprir promessas e contratos					
j. Lutar para que todos tenham seus direitos respeitados					
k. Amar e servir a Deus (poder, espírito, inteligência ou força superior)					
l. Agir conforme manda a consciência					
m. Punir quem age de forma errada					

104. Marque com um X a coluna correspondente à sua opinião sobre as seguintes afirmações:

	Nunca	Às vezes	Sempre
a. Eu me sinto pertencente à minha comunidade			
b. As pessoas no meu bairro são honestas e posso confiar nelas			
c. Eu me sinto seguro na minha comunidade			
d. Minha comunidade tem melhorado nos últimos cinco anos			
e. Eu posso contar com meus vizinhos quando preciso deles			
f. Eu posso contar com meus parentes quando preciso deles			
g. Eu posso contar com alguma organização comunitária quando preciso			
h. Eu posso contar com alguma organização do governo quando preciso			
i. Trabalho como voluntário em alguma organização religiosa ou ONG			
j. Eu posso contar com pessoas amigas			
k. As pessoas amigas podem contar comigo			

105. Marque com um X na coluna correspondente à sua opinião sobre as seguintes afirmações:

	Discordo	Nem concordo nem discordo	Concordo
a. Sinto que sou uma pessoa de valor como as outras pessoas			
b. Estou procurando um sentido para a minha vida			
c. As situações difíceis da vida não me derrubam			
d. Eu acho que sou uma pessoa bem humorada			
e. Eu preciso receber mais atenção			
f. Eu me sinto triste			
g. Minha vida tem um significado muito claro			
h. Eu gostaria de ter mais respeito por mim mesmo(a)			
i. Eu me sinto excluído de oportunidades por ser deficiente			
j. Eu gosto de brigar			
k. Eutenho lembranças negativas da minha infância			
l. Eu sou feliz			
m. Sinto-me tão deprimido(a), que nada poderia me alegrar			
n. Eu espero ajuda de Deus para melhorar de vida			
o. Eu gosto de ajudar as pessoas			
p. Eu me sinto calmo, tranquilo			

q. Eu tenho facilidade para fazer amigos			
r. Eu me sinto em desvantagem por ser deficiente físico			
s. Eu espero que as pessoas me ajudem a melhorar de vida			
t. Eu não gosto de lembrar do meu passado			
u. Parei de estudar/trabalhar por causa da minha deficiência			
v. Eu sou divertido			
w. Eu penso que serei feliz no futuro			
x. Eu sinto vergonha de ser do jeito que sou			
y. Eu tenho muitas coisas na vida para agradecer			
z. Eu me considero uma pessoa criativa			
aa. Tive ajuda de instituições para superar desvantagens e limitações da deficiência			
bb. Eu me preocupo com o meu futuro			
cc. Às vezes, eu penso que não presto para nada			
dd. Eu entendo o significado da minha vida			
ee. Eu sou irritado			
ff. Sou capaz de fazer tudo tão bem como as outras pessoas			
gg. Eu faço as mudanças acontecerem na minha vida			
hh. Levando tudo em conta, eu me sinto um fracasso			
ii. Eu sou feliz, mesmo sabendo que tenho problemas			
jj. Eu sei o que eu preciso fazer para atingir os meus objetivos			
kk. Às vezes, eu me sinto inútil			
ll. Sinto-me incapaz para atividades cotidianas, por ser deficiente			
mm. Eu acho que tenho muitas boas qualidades			
nn. Eu tenho motivos para me orgulhar na vida			
oo. Eu sofro preconceitos por ser deficiente			
pp. De modo geral, eu estou satisfeito(a) comigo mesmo(a)			
qq. Eu estou satisfeito(a) com a minha vida			
rr. Eu me sinto incapaz para trabalhar, porque sou deficiente			
ss. Eu gosto da minha vida			
tt. Eu sou infeliz, embora não tenha muitas razões para isto			
uu. Eu tenho uma atitude positiva com relação a mim mesmo(a)			
vv. Eu tomo a iniciativa para fazer mudanças na minha vida			
ww. Tenho destaque na minha comunidade, porque sou deficiente			

106. O que você gostaria que acontecesse de bom na sua vida? _____

ANEXO B

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

PESQUISA: FATORES DE RISCO E DE PROTEÇÃO DE JOVENS

COORDENADORA: SÍLVIA H. KOLLER

1. Natureza da pesquisa: Você é convidado a participar desta pesquisa, que tem como finalidade investigar aspectos gerais sobre a vida de jovens brasileiros.

2. Participantes da pesquisa: Aproximadamente 8000 jovens

3. Envolvimento na pesquisa: Ao participar deste estudo você deve permitir que um membro do grupo de pesquisa deste projeto entreviste você. Poderá ser em sua escola, centro comunitário ou instituição, em sala previamente determinada. É previsto um único contato com cada participante, que deve durar mais ou menos uma (1) hora. Como se trata de um tema que pode trazer algumas lembranças e sentimentos talvez desconfortáveis, será oferecido ao final da entrevista um espaço para você falar livremente o que quiser. Você tem a liberdade de se recusar a participar e pode, ainda, se recusar a continuar participando em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo para você. No entanto, solicitamos sua colaboração em completar o roteiro de perguntas que lhe ser solicitado, garantindo assim o melhor resultado para a pesquisa. Sempre que quiser você poder pedir mais informações sobre a pesquisa. Poderá entrar em contato com o coordenador da pesquisa Dra. Sílvia H. Koller através do telefone (51) 3308-5150.

4. Sobre as entrevistas e aplicações de questionários: serão marcados horários com antecedência. Será pedido que você forneça algumas informações básicas e que responda a um roteiro de perguntas de múltipla escolha ou escolha simples sobre vários aspectos de sua vida.

5. Riscos e desconforto: A participação nesta pesquisa não traz complicações legais, talvez, apenas, a lembrança de alguns eventos diante da temática que ser abordada. Os procedimentos utilizados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da ética na Pesquisa com Seres Humanos conforme a Resolução n. 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. Nenhum dos procedimentos utilizados oferece riscos à sua dignidade.

6. Confidencialidade: Todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. As gravações e os relatos de pesquisa serão identificados com um código, e não com o seu nome. Apenas os membros do grupo de pesquisa terão conhecimento dos dados.

7. Benefícios: Ao participar desta pesquisa você não deverá ter nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que este estudo traga informações importantes sobre as questões relativas às vivências de jovens brasileiros em seu cotidiano de vida. No futuro, essas informações poderão ser usadas em benefício de outros jovens.

8. Pagamento: Você não terá nenhum tipo de despesa por participar desta pesquisa, bem como nada será pago por sua participação.

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa.

Portanto, preencha os itens que seguem:

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu interesse em participar da pesquisa.

Nome do participante da pesquisa

Local e Data

Assinatura da participante da pesquisa

Sílvia H. Koller - Coordenadora do Projeto